

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria Aparecida Silva Fernandes de Freitas

**CORPO, INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR
HISTÓRICO ACERCA DA DITADURA DA BELEZA DO SÉCULO XX AOS DIAS
ATUAIS.**

Uruana
2013

Maria Aparecida Silva Fernandes de Freitas

**CORPO, INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR
HISTÓRICO ACERCA DA DITADURA DA BELEZA DO SÉCULO XX AOS DIAS
ATUAIS.**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade Federal de
Goiás como requisito para finalização do
curso de Licenciatura em Educação Física.
Orientador: Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro
Baptista

Uruana
2013

Maria Aparecida Silva Fernandes de Freitas

**CORPO, INDÚSTRIA CULTURAL E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR
HISTÓRICO ACERCA DA DITADURA DA BELEZA DO SÉCULO XX AOS DIAS
ATUAIS.**

Esta monografia foi aprovada em sua forma final

Goiânia, 14 dezembro de 2013.

Prof. Dr. Tadeu João Ribeiro Baptista

Orientador

Esta pesquisa é dedicada a todos àqueles que direta ou indiretamente colaboraram com sua realização.

Á Deus, que nos deu sabedoria e discernimento em todos os momentos dessa caminhada em busca de novos conhecimentos.

Aos nossos familiares, que abriram mão de momentos de convívio e que sofreram a nossa ausência quando o dever e os estudos exigiam maior atenção.

Aos mestres que nos conduziram no percurso deste caminho e que acabaram se tornando nossos amigos e nos fizeram entender o valor exato de nossa luta.

A todos que estiveram juntos conosco nesta jornada.

Recebam essa dedicatória.

AGRADECIMENTOS

Deparo-me neste momento com um sonho que se tornou realidade. Foram 4 anos e 3 meses de lutas, esforços, angústias, momentos de desespero, de solidão, de desânimo. Porém, se estou aqui redigindo estas linhas é porque gradativamente os obstáculos foram sendo transpostos, com muita determinação, perseverança, confiança e fé. Deste modo deixo nessas linhas meus sinceros agradecimentos a todos que colaboraram para que este sonho se tornasse realidade.

Grata a Deus, pelas vitórias concedidas nestes anos de luta. Agradeço a minha mãe, meu exemplo, meu espelho, minha vida. Ao meu marido e meu filho, que me deram total respaldo nesta caminhada, mesmo quando me encontrava ausente.

Aos meus colegas de classe pelos momentos de cumplicidade e apoio, pois, com certeza o caminho a ser percorrido não seria o mesmo sem a presença de vocês.

Ao meu professor Orientador Tadeu João Ribeiro Baptista, que dedicou seu tempo para me conduzir no decorrer da realização dessa pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos a todos que, mesmo não sendo citados aqui, estiveram ao meu lado e me fizeram entender que não existe vitória se não estivermos dispostos a lutar.

A beleza não é uma qualidade própria das coisas. Ela existe meramente nas mentes que a contemplam; e cada mente percebe uma beleza diferente.

(David Hume – Filósofo Escocês)

RESUMO

A presente pesquisa traz como tema “Corpo, Indústria Cultural e Educação Física: Um Olhar Histórico acerca da Ditadura da Beleza do século XX aos dias atuais”, nesta buscamos investigar este universo ambíguo e complexo que acaba determinando e produzindo novos olhares e pensamentos sobre o corpo. Questiona-se então nesta pesquisa qual o papel da Educação Física e da Indústria Cultural na construção do corpo ideal que vem sendo disseminado no decorrer do século XX para atender as normas produtivas e mercadológicas do sistema capitalista. Objetiva-se analisar e compreender o modelo de corpo que vem sendo produzido e reproduzido como ideal, principalmente a partir de meados do século XX, bem como analisar a relação que vem se estabelecendo entre o modo de produção capitalista e a construção e fragmentação desse modelo de corpo que passa a ser visto como ideal; analisando até que ponto essa relação entre a educação física, indústria cultural, corpo e capitalismo acaba tornando a sociedade refém dessa ótica corporal estereotipada, que vem sendo produzida e reproduzida pela sociedade capitalista no decorrer do século XX. Para isso, se faz necessário analisar o corpo para além de seu território biológico, mas como um constructo sócio, histórico e cultural, como um espaço complexo e multidisciplinar que recebe em distintos momentos históricos diferentes concepções e significados que acabam tornando-o um artefato apresentável e aceitável para suprir as exigências sociais e mercadológicas, fazendo com que a moral da aparência se sobreponha a essência e a verdadeira identidade do ser. Assim, para analisar as diferentes concepções de corpos que vem sendo produzidas e reproduzidas no/pelo meio social, sobre influência massiva da Indústria Cultural, que acaba marcando o conceito de corpo belo pela razão da mercadoria, principalmente a partir de meados do século XX. Realizamos esta pesquisa por meio de uma análise das publicações feitas em quatro periódicos da Educação Física, onde realizamos um mapeamento de todos os volumes publicados. Os artigos foram selecionados por meio da análise de seus títulos, resumos, bem como pelo uso de palavras-chaves. Portanto, as reflexões aqui feitas partem da ideia fomentada pelo materialismo dialético, tendo como premissa a relação que vêm se estabelecendo entre o corpo, trabalho e capitalismo. Portanto, os dados identificados a partir da análise dos periódicos selecionados em comparação com os referenciais bibliográficos utilizados, demonstram que a Educação Física tornou-se uma ferramenta necessária para a construção do corpo tido como ideal e a Indústria Cultural tornou-se um forte veículo disseminador, que aliena o indivíduo a buscar por um ideal de beleza, demonstrando a forma como este corpo é visto e produzido na/pela sociedade capitalista no decorrer do século XX, além de estimular o consumo este passa a ser tratado como uma mercadoria que acaba por determinar a forma como o corpo vem sendo compreendido e identificado por esta sociedade, ou seja, este assume uma identidade fabricada de um artefato de presença, um rascunho a ser corrigido, um objeto produzido de acordo com o gosto do momento.

Palavras-chave: Corpo; Indústria Cultural; Educação Física; Capitalismo.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| QUADRO 1 – Relação de Artigos Identificados em cada Periódico de acordo com ano, Volume e Número da Publicação | 60 |
| QUADRO 2 – Artigos Identificados na Revista de Educação Física/UEM | 62 |
| QUADRO 3 – Artigos Identificados na Revista Movimento | 65 |
| QUADRO 4 – Artigos Identificados na Revista Pensar a Prática | 67 |
| QUADRO 5 – Artigos Identificados na Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP: Conexões | 68 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO I | |
| 1 O CORPO E A CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE BELEZA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL | 17 |
| 1.1 RELAÇÃO ENTRE CORPO E TRABALHO: UM OLHAR ACERCA DE SUA CONSTRUÇÃO SOCIAL | 26 |
| CAPITULO II | |
| 2 EDUCAÇÃO FÍSICA E INDÚSTRIA CULTURAL: SUBMISSÃO CORPORAL À DITADURA DA BELEZA | 34 |
| 2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA E O DISCIPLINAMENTO DO CORPO | 35 |
| 2.2 INDÚSTRIA CULTURAL: A SUBMISSÃO DO CORPO À DITADURA DA BELEZA | 45 |
| CAPITULO III | |
| 3 CORPO E BELEZA: REPRESENTAÇÕES E CONCEPÇÕES DA BELEZA CORPORAL PRESENTES NOS ARTIGOS PUBLICADOS PELAS REVISTAS: EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM; MOVIMENTO; PENSAR A PRÁTICA; FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP: CONEXÕES | 59 |
| 3.1 APRESENTANDO OS PRINCIPAIS DADOS IDENTIFICADOS NA PESQUISA | 59 |
| 3.2 CRIANDO DIÁLOGOS: OS ARTIGOS E A REFLEXÃO A PARTIR DO NOSSO REFERENCIAL TEÓRICO | 71 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 92 |
| REFERÊNCIAS | 96 |

INTRODUÇÃO

Toda pesquisa independente da área do conhecimento para a qual será construída, pode se tornar relevante socialmente a partir do momento que ela colabore para o surgimento de novas compreensões e pensamentos acerca de um dado assunto. Deste modo, realizamos o presente estudo tendo em vista a relação existente entre a tríade Corpo, Indústria Cultural e Educação Física, buscando analisar por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório este universo ambíguo que acaba determinando e produzindo concepções e dimensões do corpo que atenda as exigências da sociedade capitalista. Analisando este universo corporal é possível compreender melhor as relações sociais, culturais e econômicas representadas por essa dimensão humana, que é o corpo, em diferentes momentos históricos que perpassam a evolução da humanidade.

Esta pesquisa apresenta um caráter qualitativo, considerando que os elementos mais importantes estão relacionados aos conteúdos e não necessariamente à quantidade de trabalhos identificados. Tendo em vista que,

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001 apud SILVERA E CÓRDORA, 2009, p. 32).

Trata-se também de uma pesquisa bibliográfica de natureza exploratória, onde a mesma será apoiada nos periódicos analisados, bem como nas discussões trazidas pelos demais referenciais que foram utilizados para o desenvolvimento desse trabalho. De acordo com Ferreira (2002), os pesquisadores que se debruçam sobre a pesquisa bibliográfica se encontram:

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos os pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema (FERREIRA, 2002, p. 259).

Desta forma, de acordo com Gil (1991) citado por Migliato et. al. (2010) os procedimentos de análises desse tipo de pesquisa partem de materiais já publicados a respeito, principalmente de livros e artigos de periódicos vinculados ao campo da Educação Física. Portanto, pode ser entendida como uma abordagem de cunho exploratório, pois, buscaremos investigar este tema a partir de fontes e referenciais já existentes e que demarcam conhecimentos sobre o assunto abordado, pois, a pesquisa exploratória,

Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevista com pessoas que tiveram experiência práticas com o problema pesquisado; análise e exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de pesquisa bibliográfica e estudo do acaso (GIL, 1991, apud MIGLIATO et. al., 2010, p.18).

Deste modo, a pesquisa bibliográfica de natureza teórica é neste contexto a opção metodológica mais viável para pensar e compreender o lugar ocupado pelo corpo na sociedade capitalista, bem como a relação existente entre Educação Física e a Indústria Cultural neste contexto. Tendo em vista que “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muitos mais amplos do que aqueles que poderiam pesquisar diretamente” (GIL, 2002, apud ROSA, 2009, p.24). A pesquisa bibliográfica propicia “[...] o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras [...]” (MARCONI E LAKATOS, 2006, apud ROSA, 2009, p. 24).

Deste modo, a escolha em trabalhar o título “Corpo, Indústria Cultural e Educação Física: Um olhar histórico acerca da ditadura da beleza do século XX aos dias atuais” parte de uma inquietação pessoal, na busca de compreender que este corpo estereotipado, fragmentado que a mídia vem reproduzindo por meio de sua submissão à ditadura da beleza, também precisa ser compreendido e analisado como um constructo sócio-histórico e cultural, como demonstra Goldenberg (2006).

Assim, esta pesquisa tem como premissa investigar e conhecer novas possibilidades de compreender e pensar este corpo para além do papel utilitarista e fragmentado que o coloca a serviço do capital. Buscamos realizar uma análise, com base em outras literaturas que abanquem esta temática, sobre os fatores sociais, econômicos e culturais que levam o

indivíduo sob influência da indústria cultural e da educação física a modificarem e moldarem seus corpos em busca de um ideal de beleza que acaba desconstruindo toda a historicidade e bagagem cultural que este carrega. Nesse sentido, é importante buscar compreender, como objetivo geral desta investigação, a relação que vem sendo construída entre o corpo, trabalho e sociedade capitalista a partir, principalmente de meados do século XX, tecendo algumas análises a respeito das contribuições da educação física para a formação e construção desse modelo de corpo tido como ideal.

Partindo do pressuposto que a aparência física se tornou um forte elemento para as relações sociais, exercendo diferentes papéis para atender as necessidades mercadológicas do sistema capitalista, se faz necessário analisar e pensar este corpo partindo de sua relação com o trabalho e a sociedade capitalista. O que de certo modo pressupomos que este tema traz grande relevância para a área da Educação Física, campo de conhecimento este que desde sua origem faz uma conexão direta com o território complexo e ambíguo do corpo, pois, é sob sua influência que o corpo vem sendo historicamente pensado, produzido e resignificado por uma estética padronizada que se impõe sob o controle da Indústria Cultural.

A organização desta pesquisa é fundamentada pelo materialismo dialético, onde propomos uma investigação sobre a influência exercida pelo trabalho no processo de determinação e formação desse corpo, como pontua Baptista (2012), o que nos possibilita construir uma análise crítica e refletida a respeito de como este corpo é visto, produzido e consumido na/pela sociedade capitalista, no decorrer do século XX. O corpo que na sociedade capitalista tornou-se, de acordo com Baptista (2013), um instrumento necessário para a produção, mas que ao mesmo tempo passa a ser produzido sob influência das relações sociais, não só se tornou um consumidor dessa mercadoria, como foi transformado ele próprio em uma mercadoria a ser consumida.

Nesse contexto, não há como negar que o corpo, bem como as inúmeras características que lhes são atribuídas, faz deste o principal elemento de fomento ao consumo, nomeadamente devido ao fato de a Indústria Cultural tê-lo tornado, como afirmado por Azevedo e Gonçalves (2007), em um rascunho a ser corrigido, em um acessório de presença, um corpo que entra e sai de moda e passa a ser adequado ao gosto do dia.

Neste sentido, com a realização dessa pesquisa fica evidente que os aparatos alienantes da Indústria Cultural colaboraram para com as determinações mercadológicas na busca pelo corpo belo e a ditadura da beleza que vem sendo imposta, acaba tornando a busca pelo corpo

belo e perfeito um instrumento mercadológico a serviço do mercado consumidor. O corpo transforma-se na sociedade capitalista como aponta Soares (2012) em um importante instrumento para a produção, reduzindo este corpo que é uma construção social, histórica e cultural, apenas a sua esfera anatomofisiológica que passa a ser produzido e reproduzido como um objeto a serviço do capital.

Destarte, no que se refere à temática proposta para este trabalho, buscamos traduzir novos olhares que repousam sobre as diferentes concepções de educação dada ao corpo e que conseqüentemente vem levando ao seu doutrinamento, tendo como referência um ideal de beleza artificial e que genericamente vem sendo construído como fruto do crescimento e exigências da Indústria Cultural, como também é apresentado por Damico (2007).

Vale ressaltar que o que justifica do ponto de vista social e científico a realização dessa pesquisa, é que o respectivo trabalho busca investigar via pesquisa teórica bibliográfica qualitativa e de cunho exploratório, um olhar histórico embasado em outras produções existentes que contemplem esse assunto, buscando respaldo para entender e ampliar os conceitos sobre a concepção de corpo enquanto uma construção cultural, mais que ao mesmo tempo vem sendo historicamente moldado e formado para atender as necessidades produtivas da sociedade em análise.

Nesse sentido, a realização desta pesquisa tem como referência o universo ambíguo que permeia o processo de formação e construção dessa imagem corporal estereotipada. Tecer uma análise sobre a história do corpo não é tarefa fácil, pois, conhecer e reconhecer este corpo, bem como suas diversas representações é algo que nos remete tanto a um território biológico, como também a um território cultural, tendo em vista que cada época, cada cultura acaba construindo e reproduzindo suas próprias características e concepções de um modelo de corpo que acaba sendo taxado como ideal.

Assim este trabalho caminha no sentido de analisar e refletir sobre outro modo de olhar e pensar este corpo que antes de se tornar uma mercadoria fragmentada e estereotipada, deve ser entendido também como um corpo sócio-histórico e cultural. Objetivamos aqui tecer uma reflexão sobre o processo de construção e idealização desse corpo, tendo como referência o papel desenvolvido pela Indústria Cultural e pela Educação Física, enquanto campo do conhecimento, na produção e reprodução das diversas representações assumidas por este corpo a partir do período histórico em análise.

Portanto, pretendemos ampliar os conceitos acerca da relação existente entre a Educação Física, Indústria Cultural e Corpo, a partir da relação que se estabelece entre o corpo, trabalho e o modo de produção capitalista, partindo do pressuposto que a construção desse corpo é algo que parte da necessidade e das condições históricas que vem sendo estabelecidas em distintos momentos. Assim, dividiremos esta pesquisa em três capítulos.

Propomos realizar no primeiro capítulo uma análise que recairá em um primeiro momento sobre a concepção de corpo e a construção da ideia de beleza no contexto sociocultural, que envolve o papel assumido pelo corpo na sociedade capitalista, análise esta que nos remete tanto a um território biológico, como sociocultural. Em um segundo momento, pautaremos nosso estudo na relação que se constrói entre o corpo e o trabalho, neste momento o corpo será ponderado não só como um instrumento de produção, mas como um produto mercadológico, que não só se tornou um consumidor, como também passou a ser consumido na desenfreada busca pela imagem de um corpo ideal.

Para pensarmos os dois pontos elencados neste capítulo, dentre os referenciais adotados, partiremos das análises trazidas por Soares (2012), Sant'Anna (2007), Goldenberg (2006), Baptista (2013), Azevedo e Gonçalves (2007), dentre outros autores que nos possibilitam tecer novos olhares e reflexões sobre este universo ambíguo que envolve o papel assumido pelo corpo na sociedade do capital, papel este que acabou reduzindo-o a um produto e produtor dessa sociedade, que o transformou em um assessorio de presença, em um rascunho a ser corrigido, já que, para uma nova ordem social se fazia necessário construir e moldar um novo homem, um novo ideal de corpo, mas produtivo, forte e saudável.

No segundo capítulo, será discutida a luz de autores como Andrade (2003), Baptista (2012), Da Mata (1998), Damico (2007), Soares (2002), Zoboli (2009), dentre outros, a relação que vem se estabelecendo entre a Indústria Cultural e a Educação Física no processo de construção e formação da imagem de um corpo ideal que atendessem aos interesses mercadológicos da sociedade capitalista.

Nesse contexto, o corpo produtivo, adestrado, forte e disciplinado, passa a ser marcado pela razão do uso, consumo e mercadoria, um objeto que passa a ser comercializado como base de sustentação das relações produtivas que estão sendo estabelecidas. Temos então neste capítulo, que caberia a educação física cuidar do adestramento, formação e construção desse corpo e a indústria cultural pode ser entendida como o veículo que divulga e incentiva seu

comércio, seu consumo, sua mercadorização e padronização dos gostos e costumes dos sujeitos.

Já o terceiro capítulo é desenvolvido a partir do mapeamento realizado de alguns artigos publicados em importantes periódicos da Educação Física, sendo eles:

- Revista da Educação Física/UEM;
- Revista Movimento;
- Revista Pensar a Prática;
- Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp: Conexões.

Estas revistas trazem observações sobre as representações e concepções de beleza corporal que se fazem presentes no ideário social no decorrer do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, dentre outras produções bibliográficas do campo da educação física que possam trazer colaborações qualitativas, bem como novos olhares a respeito do assunto abordado.

Em cada uma delas o período analisado e trabalhado variou entre os anos de 1995 a 2013. É importante salientar que todos os artigos mapeados e selecionados nestes periódicos, foram escolhidos a partir de uma análise dos títulos, dos resumos e da apresentação das palavras-chave: indústria cultural, educação física, corpo e capitalismo, realizados em todas as edições publicadas, preferencialmente aqueles que apresentavam duas ou mais dessas palavras associadas. Assim, foram mapeados e selecionados 26 artigos que se encaixavam neste processo e que foram discutidos no terceiro capítulo deste trabalho, por entendermos que estes traziam pertinentes informações sobre o objeto pesquisado, sendo assim necessários para o desenvolvimento deste trabalho e para melhor compreendermos uma nova forma de ver e compreender o corpo, enquanto uma construção social, histórica, cultural e não só biológica.

Esta seleção se fez porque pretendemos elencar como o corpo enquanto identidade humana vem sendo visto, produzido e consumido pela sociedade capitalista, o que nos leva a refletir a partir das ideias já sistematizadas sobre este assunto, é que se faz possível e necessário construir e produzir novas possibilidades de conhecer e compreender este corpo que antes de servir aos interesses mercadológicos do capital, traz em seu interior marcas de transformações constituídas historicamente.

Enfim, acreditamos que os artigos citados trazem uma bagagem favorável para a construção dessa pesquisa, pois, elencam discussões relevantes para este processo, tais como: a relação existente entre a indústria cultural e a educação física na produção do corpo ideal; a influência exercida pelo trabalho na formação e determinação do corpo na sociedade capitalista, bem como sua transformação em uma mercadoria a ser produzida e consumida, a partir de um estereótipo de beleza pré-definido. Portanto, a análise desses trabalhos colabora de forma qualitativa para analisar o lugar que o corpo vem ocupando na sociedade capitalista, principalmente no decorrer do século XX, possibilitando novas percepções e maneiras de olhar e pensar este corpo que na atualidade recebe uma identidade artificial fabricada.

A partir desta argumentação acreditamos ser possível tecer novas reflexões, bem como outros olhares sobre os diferentes interesses que circundam a ditadura da beleza na atualidade. Afinal, o corpo ideal, nem sempre é o corpo real, já que, as condições para obtê-lo se encontram nas mãos daqueles que podem pagar.

Após realizarmos um panorama do que nos propomos tratar nesta pesquisa, esperamos trazer contribuições para o debate em torno do universo ambíguo e repleto de fetiches que percorrem a legitimação do corpo enquanto território biológico e sociocultural simultâneos.

CAPITULO I

1. O CORPO E A CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE BELEZA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Refletir sobre a “concepção de corpo” na sociedade capitalista não é uma tarefa fácil, devido à amplitude e diversidade de ideias que nos remete tal debate. Analisar a relação entre corpo, cultura e trabalho, remonta uma série de ambiguidades e questionamentos que nos levam a desvelar um estudo conciso com o objeto no qual pauta nosso trabalho, ou seja, analisar e pensar o corpo a partir de sua relação com o trabalho na sociedade capitalista, partindo da conexão existente entre a tríade “corpo, indústria cultural e educação física”, buscamos assim propor um olhar histórico acerca da ditadura da beleza como fator necessário para analisar e compreender este universo ambíguo que acaba determinando e produzindo concepções de corpos que atendam e se submetam as exigências mercadológicas da sociedade capitalista, pois, o corpo nesta sociedade tornou-se ele próprio um objeto de consumo, um acessório a ser produzido e reproduzido, em busca de um ideal de beleza que nutre a homogeneização dos gostos e do próprio modelo de corpo a ser seguido.

Nesse sentido, a padronização do modelo ideal de beleza corporal, acaba colaborando para que a busca por este modelo de corpo se torne uma verdadeira ferramenta mercadológica, que acaba colocando o corpo a serviço do mercado e do capital. Portanto,

[...] o culto ao corpo como hoje vivenciamos, em que pesem as especificidades de cada momento histórico e cada cultura, tem seu início no século XVII e se intensifica no século XIX porque, nesse tempo, o corpo adquire relevância nas relações que se estabelecem entre os indivíduos (GOELLNER, 2003 apud DAMICO, 2007, p.107).

A representação do corpo assume um ponto central na sociedade desde a Antiguidade até os dias atuais. Na sociedade capitalista o corpo não só assume o caráter de uma mercadoria, como também se tornou um consumidor de outras mercadorias utilizadas na incessante busca pelo corpo belo, vinculado as falsas necessidades que nos são impostas. Desse modo, de acordo com Marcel Mauss (1974 *apud* Goldenberg, 2006) na conjuntura atual por meio da “imitação prestigiosa”, os indivíduos tendem a imitar cada vez mais um ideal de

beleza, buscando construir a partir desses um ideal de corpo e comportamento a ser seguido, cujo objetivo principal é a valorização de certos atributos físicos em detrimento de outros.

Desta forma, fica evidente a necessidade de se lançar um olhar mais crítico para compreender o lugar, bem como a concepção de corpo que vem sendo esboçado pela sociedade a partir principalmente de meados do século XX. Caminho este que se torna possível a partir do momento que passamos a refletir acerca da influência exercida pelo trabalho e o capitalismo na construção, idealização e formação desse corpo, que na sociedade capitalista tornou-se um verdadeiro capital, ou seja,

[...] uma mercadoria muito cara e essencial ao processo de trabalho e obtenção do lucro, isto é, o corpo passa a ser entendido como indivíduo em sua manifestação material e espiritual. Este corpo, por sua vez, mantém características de sua dupla utilização. Por um lado, como mercadoria, um instrumento de trabalho e, segundo Marx (1986), atendendo as exigências do seu momento histórico. Por outro, o corpo é uma mercadoria a ser consumida, pois, precisa aprimorar o seu valor, mesmo como fetiche. Assim, sendo, existe a disseminação de um modelo de corpo pela Indústria Cultural, possuindo como referência o prazer e o hedonismo e ao mesmo tempo, atendendo às demandas produtivas solicitadas pelo capitalismo (BAPTISTA, 2008, p. 285).

Seguindo por este viés, o corpo ultrapassa a esfera de ferramenta adestrada para a produção de mercadorias e assume ele próprio a condição de uma mercadoria que não só passa a consumir, como também passa a ser consumido. Por isso, a organização desta pesquisa fundamenta-se no materialismo dialético, onde propomos uma reflexão sobre a influência exercida pelo trabalho no processo de determinação e formação de um corpo fabricado e moldado, como pontua Baptista (2012). Tal investigação nos possibilita desenvolver um olhar mais crítico a respeito de como este corpo vem, no decorrer do século XX, sendo visto, produzido e consumido na/pela sociedade capitalista. De acordo com Sant'Anna (2006):

Em diversas experiências artísticas contemporâneas, a beleza é retirada da proximidade com o monstruoso, mas de todo modo, há uma diferença fundamental entre duas épocas: nas décadas de 1960 e 1970, tratava-se, muito mais, de trabalhar um corpo considerado refúgio da verdade, da autenticidade. Mais tarde, entre 1980 e o anos de 1990, a intenção não é tanto a de liberar esta suposta autenticidade, mas de tratar o corpo como algo

que pode ser reconfigurado, porque ele já é um ser artificial (SANT'ANNA, 2006, p. 21).

Assim, este trabalho se desenvolve no sentido de analisar e refletir sobre outro modo de olhar e pensar este corpo que antes de se tornar uma mercadoria fragmentada e estereotipada, necessita ser analisado como um corpo sócio-histórico e cultural, pois, conhecer e reconhecer este corpo, bem como suas diversas representações é algo que nos remete não só a um território biológico, mas também a um território cultural, porque o corpo por natureza ocupa ao mesmo tempo tanto o território biológico, como o cultural. Tendo em vista que cada época, cada cultura acaba construindo e reproduzindo suas próprias características e concepções de um modelo de corpo que ilusoriamente acaba sendo taxado como o ideal. A esse respeito Da Mata (1998) tece a seguinte reflexão,

Para compreender por que o corpo se encontra em evidência, é importante situá-lo no mundo e no tempo. Para isso, impõe-se a necessidade de pensar situações passadas que determinam a forma pela qual o corpo vem sendo concebido, deixando mais claras, na medida do possível, as contradições sociais que envolvem esse fascinante objeto de estudo (DA MATA, 1998, p.38).

Portanto, devemos buscar entender este corpo para além de sua esfera biológica, mas como uma construção sociocultural, um espaço complexo e multidisciplinar, que acaba recebendo em distintos contextos históricos diferentes concepções, o que torna o corpo uma entidade apresentável e aceitável, capaz de suprir as exigências sociais e mercadológicas.

Está claro que não é possível entender o lugar ocupado pelo corpo na sociedade se não o remetermos a uma análise histórica, onde o corpo idealizado em distintas épocas busca responder as pretensões econômicas, sociais e culturais, subjugando-o à lógica mercadológica do capitalismo, onde este corpo passa a ser pensado segundo os ditames do mundo do trabalho e da moda, sob influência direta da Indústria Cultural. Nesse sentido, o corpo enquanto uma construção histórica e cultural,

[...] foi instrumentalizado sob o progresso da sociedade industrial, o qual permitiu-se em primeiro lugar a analogia do corpo com a máquina automática, e mais tarde, como motor de explosão. Mas agora, quando

estamos imersos em um contexto cultural pós-industrial, encontramos-nos diante de uma nova situação que favorece uma nova clonização do corpo, potencializada pelos avanços científico-técnicos (VILANOU, 1999, p. 51).

Nesse ínterim, o corpo acaba se tornando em meio a tanta publicidade, de acordo com Vilanou (1999) e Da Mata (1998) em um significante de ascensão e aceitação social e poder, isto é, quanto mais jovem e mais belo, mais este corpo idealizado é capaz de se adaptar as novas dimensões, exigências e significações da sociedade que o idealiza e produz. O corpo nesta sociedade assume uma existência flexível, pois, o mito de ser eternamente jovem leva o indivíduo a transformar e modificar seu corpo em busca de um ideal de beleza que possa responder às pretensões de um mercado que faz deste corpo um objeto a ser produzido, uma mercadoria a ser comercializada e consumida.

Portanto, o corpo possui como afirma Baptista (2013), um valor que lhe é atribuído, partindo tanto de seu valor de uso, como de fetiche e troca. Assim, o fetiche pela conquista de um corpo belo, magro, sarado e eternamente jovem, acaba fazendo com que este corpo transmute e seja resignificado segundo os interesses do modo de produção capitalista. O corpo na sociedade capitalista acaba sendo reduzido a uma máquina a serviço da produtividade, através dele torna-se possível construir e lapidar um modelo de homem que seja socialmente aceito, produtivo e belo.

Pensar o corpo na sociedade capitalista é entendê-lo pelo seu valor de uso e troca nesse meio, é tê-lo como referência de uma imagem meramente biológica, um corpo despido de sua historicidade, porém, adaptado para o trabalho, ou seja, um corpo repleto por características físicas, isto é, um corpo forte, ágil, sadio, resistente, civilizado e disciplinado. O corpo na sociedade capitalista não é reconhecido pela sua esfera social, mas pela definição de corpo máquina, corpo coisa, passando de sujeito para objeto do conhecimento. Afinal, de acordo com Marx:

Pode-se inferir que o corpo é o lócus da força de trabalho, portanto, visto como mercadoria central no processo de produção. Quando mais reificado e repleto de fetiches, quanto mais disciplinado, mais condições ele possui de atender as demandas apresentadas pela organização social da produção (MARX, 1996 apud BAPTISTA, 2012, p. 1073).

Contudo, se na sociedade capitalista a presença da corporalidade se restringe à sua dimensão física, do ponto de vista apenas de sua capacidade, funções e formas, para melhor entendermos e refletirmos acerca da condição assumida pelo corpo nesse meio é necessário também pensá-lo como algo que é produzido culturalmente, pois, se bem analisarmos o processo de desenvolvimento humano, perceberemos que este corpo que na atual conjuntura é pensado pela sua dimensão biológica é também uma construção histórica e cultural, já que, os indivíduos, como afirma Goldenberg (2006), tendem a imitar atos, comportamentos e modelos de corpo que por meio de uma imagem construída e produzida obtivera êxito em seu meio social, ou seja, a mercadorização do corpo e a produção de uma concepção de beleza acabam transformando este corpo em um instrumento para o capital e em um fetiche econômico que é construído através de relações sociais concretas, históricas e culturais.

Assim, essa fragmentação pela qual o corpo passa nesta sociedade, na busca para alcançar certos modelos e atributos corporais, acaba fazendo com que este corpo enquanto território biológico e cultural assuma diferentes papéis nesta sociedade, onde a aparência física acaba sendo entendida como elemento preponderante no desenvolvimento das relações sociais, tendo em vista que este padrão de beleza passa por modificações no decorrer dos tempos, de acordo com as necessidades econômicas, sociais e culturais de cada época.

Nesse sentido, como também nos afirma Andrade (2003), o corpo ao longo da história vem sendo produzido de múltiplas formas em tempos e espaços que criam diversas representações sobre este corpo, portanto, além de uma construção cultural como analisado por Daolio (1995), este corpo também é uma construção histórica e social de acordo com as ideias de Andrade (2003). Desta forma, para analisarmos como o corpo vem sendo produzido, percebido e interpretado ao longo dos anos é preciso pensar este corpo,

[...] como resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares; marcado muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural; que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica (VAZ, 2006, p.63).

Entretanto, é percebido que as mudanças nos sentidos e significados dados ao corpo são fruto de um longo período de transformações históricas. Contudo, no decorrer do século

XX é que tais mudanças vão ganhando uma nova essência, onde o padrão de beleza em voga passa a ser definido por interesses econômicos e sociais, pois, na sociedade industrial onde o sistema capitalista começa a se desenvolver, o corpo passa a ser utilizado, pensado e construído em prol de atender o desenvolvimento do capital. A priori como mão de obra a ser domesticada e utilizada como força de trabalho, a posteriori como uma mercadoria a ser comercializada, um corpo que ora é produtor e ora é produto de seu tempo.

De modo geral, percebemos nas várias representações criadas sobre o corpo, a partir principalmente da década de 50 e 60 uma forte influência exercida pela “[...] a mídia, a publicidade, a indústria (cosmetológica, da moda, do fitness, entre outros) tornaram o corpo um artefato do mercado econômico/social/cultural” (ANDRADE, 2003, p. 121). Enquanto na década de 50 de acordo com Sant’Anna (2007) a cosmetologia ganha espaço como um setor independente da química e da dermatologia, com a criação de novos cremes de beleza destinados a corrigir as imperfeições da pele, na década subsequente, isto é, nos anos de 1960, o boom da cirurgia plástica ganha espaço no cenário brasileiro, o objetivo é produzir uma aparência jovem, bela e magra, ou seja, construir um ideal de beleza a ser consumido, a ser vendido como uma mercadoria como outra qualquer.

A publicidade veiculada pela Indústria Cultural tornou-se um forte aparato para criação de falsas necessidades que os indivíduos acabam assumindo como essenciais, o que de certo modo, fomenta a produção de mercadorias e colabora para a perpetuação do consumo, pois, o cuidado com o corpo se encontra no topo dessas necessidades e dessas promessas, já que, o próprio corpo tornou-se um artefato que entra e sai de moda.

Portanto, não há como negar que a busca pela beleza, pelo corpo perfeito se encontra manipulada pelos interesses do capital, pois, o corpo passou a ser produzido e reproduzido como um objeto inacabado, imperfeito, assim, não é de se estranhar o sucesso e a expansão das cirurgias plásticas, já que, é por meio destas que o sujeito pode submeter seu corpo ao modelo perpetuado no momento, desde que ele possa pagá-lo. Ao tornar-se um acessório de presença, como ponderado por Le Breton (2003),

O corpo deixa de ser uma máquina inerte e torna-se um alter ego de onde emanam sensação e sedução. Torna-se o local geométrico da reconquista de si, território a ser explorado à espera de sensações inéditas a experimentar (terapias corporais, massagens, etc.), local do contato desejado com o ambiente (corrida, caminhada), local privilegiado do bem estar ou do parecer

bem, por meio da forma física e da juventude a ser mantida (frequentar academias, fazer ginástica, usar cosméticos, fazer dietas, etc.) (LE BRETON, 2003 apud SALVINI; MYSKIW, 2008, p. 526 – 527).

Deste modo, o corpo passa a representar em determinados momentos históricos, novos valores, uma nova cultura e uma nova identidade, que acaba envolvendo não aquilo que ele realmente é em sua essência, mas o que ele busca ser, o corpo nesta concepção “[...] não é um dado adquirido, mas uma constante modelação de acordo com vários parâmetros sócio-culturais” (GARCIA, 1997, p. 65), o que transforma esse corpo ora em consumidor, em busca da conquista da beleza e da juventude, ora em objeto de fetiche a ser consumido, a ser imitado, a ser corrigido de suas imperfeições.

De acordo com Andrade (2003), o corpo não é apenas aquilo que somos ele acaba se tornando aquilo que nos escapa, que ultrapassa nossos limites, o corpo é enfim na sociedade capitalista aquilo que não nos pertence. Este aspecto em dada medida se apresenta como processo de alienação do corpo mencionado por Baptista (2013).

Entretanto, é de suma importância compreender que mesmo a concepção de corpo máquina, corpo produtivo, corpo ideal que passam a definir, caracterizar e representar o corpo na sociedade atual pode partir também da concepção de um corpo cultural, fruto da necessidade social, econômica e ideológica de cada sociedade, que pelos mais diferentes motivos e anseios acabam classificando, produzindo, atribuindo e significando este corpo em diferentes formas de vê-lo e representá-lo, como apresentado por Andrade (2003), pois como podemos perceber este corpo vem sendo re/inventado de acordo com as características e necessidades de re/descoberta desse corpo em cada época, por culturas e grupos sociais distintos, que acabam criando formas de representar e construir a imagem do corpo ideal, de modo que esta imagem atenda as necessidades mercadológicas de seu tempo.

Damico afirma que [...] “a aparência do corpo recebe status de ser o corpo, onde o que está em jogo é uma moral das aparências” (DAMICO, 2007, p. 107). O que nos leva a entender de acordo com Baptista (2012), que a construção desse corpo é algo que parte da necessidade e das condições históricas que vem sendo estabelecidas sobre o papel desenvolvido por este corpo para a constituição e manutenção do sistema capitalista. Assim, para entendermos as características assumidas pelo corpo neste meio é preciso reconhecê-lo como uma construção social, histórica e cultural e não só através de sua perspectiva biológica.

Seguindo por esta lógica temos na sociedade capitalista a busca por um corpo que segundo Baptista (2008), deve ser construído tendo em vista tanto os interesses de produção como de consumo, levando a construção de um corpo que entra e sai da moda, um corpo que de acordo com Goldenberg (2006) é moldado, manipulado, trabalhado, construído, produzido e imitado, sob influência da indústria cultural como um forte mecanismo de pressão e alienação social e da educação física como a ferramenta necessária para produzir e controlar o corpo enquanto um instrumento útil à produção e reprodução do capital (SOARES, 2012).

Na sociedade contemporânea as pessoas se tornam consumidoras do ideal de beleza imposto, deixando de lado a essência natural de seu próprio corpo em detrimento da artificialidade que paira sobre sua construção em busca de transformá-lo e manipulá-lo em algo aceitável. Infelizmente o que vemos hoje é o corpo se tornando uma mercadoria como outra qualquer. Nesse aspecto Baptista (2012) afirma que:

Como o corpo é compreendido por meio de seu valor de troca, ele pode ser entendido também como uma mercadoria, a qual possui o seu valor determinado pela relação de fetiche definida para qualquer mercadoria produzida no modo de produção capitalista (BAPTISTA, 2007 apud BAPTISTA, 2012, p.1068).

Deste modo, o corpo passa a ser visto não por sua esfera cultural, mas como uma mercadoria que se encontra submetida e alienada aos interesses do capital, pois, temos nesse meio não só a criação de um objeto para suprir as necessidades de determinado sujeito, mas também da criação de um sujeito que possa consumir determinado objeto, ou seja, temos um corpo que produz e um corpo que se torna produto a ser consumido. Nesse sentido, como pondera Baptista (2008), o corpo passa a ser educado em seu processo produtivo e aperfeiçoado em seu momento de tempo livre do trabalho, ou seja, o corpo passa a ser pensado não só pelo seu valor de uso, mas através de seu valor de troca, de instrumento de trabalho, torna-se para o mercado capitalista em uma mercadoria a ser consumida.

Contudo, apesar do disciplinamento que vem sendo imposto ao corpo pela sociedade capitalista, é necessário que este também possa ser analisado a partir de sua complexidade sociocultural, pois, só assim, por meio da análise do universo ambíguo que o estudo do corpo, pelo/sobre o corpo nos remete, é que se torna possível a construção de reflexões que nos permitam olhar e pensar o corpo para além de suas características físico-biológicas.

Sendo assim, não há como entender a forma como o corpo é determinado na sociedade capitalista, se não o analisarmos a partir da concepção da influência exercida pelo trabalho neste processo, como pondera Baptista (2012). O que envolve a compreensão desse corpo a partir da ideia de beleza, que se encontra atrelada a uma concepção de saúde, de felicidade, de juventude e produtividade, estabelecida e reproduzida nos dias atuais, pois, o corpo veiculado pelas propagandas da mídia televisiva, de revistas e jornais passa ser exposto não só como um objeto de desejo, mas como uma mercadoria a ser consumida.

Desta forma, é importante entender que ao longo da história o corpo vem recebendo diferentes olhares e interpretações, ora familiar, ora estranho aos olhos de quem o vê, o interpreta, o analisa, o que fez com que novas formas de conhecer e tratar o corpo, o levasse a se tornar o motor de impulsão do sistema capitalista e do próprio consumo que pressupõe produção. Por isso, de acordo com Sant'Anna não é possível “[...] pensar o corpo humano separado e autônomo diante dos fenômenos naturais. Melhor considerá-lo como parte de uma rede, na qual estará relacionado condições geográficas e históricas” (SANT’ANNA, 2001, p. 7). Nesse sentido, o corpo enquanto um constructo histórico, cultural e social é moldado, pensado e repensado de acordo com as necessidades de cada época, assim, ele não só se encontra imbricado de valores, como é capaz de refletir as características de épocas diferentes.

Como afirma Soares “[...] o corpo, no espetáculo institucionalizado, deve apresentar e afirmar ações previsíveis, controladas, e que demonstrem o seu útil aproveitamento na vida cotidiana” (SOARES, 2002, p.26). O corpo que em períodos históricos distintos, como na Idade Média, era regrado, segundo Sant'Anna (2001) por uma moral cristã, vinculado à religião, a moral e aos bons costumes, no decorrer do século XX, este corpo passou a assumir novas características, ora vinculadas à produtividade, ora ao consumo, pois, o corpo que antes se encontrava atrelado a uma entidade divina, tornou-se no decorrer do século XX em uma mercadoria a ser comercializada como outra qualquer, pois, “[...] o comércio do corpo e produção de seres transgênicos: quanto mais partes do corpo tornam-se materiais de exploração e de investigação, menos o corpo é preservado dos interesses e ações comerciais” (SANT’ANNA, 2001, p. 19), ou seja, com o surgimento das novas tecnologias, com o crescimento da indústria de cosméticos e das cirurgias plásticas, o corpo torna-se um acessório a ser construído, onde suas características naturais sedem lugar a sua construção artificial.

Ao corpo, de acordo com Silva (1997), passou a ser impostos “consertos” e “reparos”, para que todas as imperfeições pudessem ser corrigidas, assim fazer uso dos produtos fornecidos pela indústria da beleza, tornou-se uma necessidade, para a construção do corpo ideal. Desta forma, a aparência física tornou-se sinônimo de status e ascensão social, hoje temos um corpo que entra e sai da moda, de acordo com os gostos e interesses do momento.

O corpo independente de sua aparência é um terreno misterioso e ambíguo e que se tornou um artefato cultural, social e histórico, portanto,

[...] aqui não se trata apenas da maneira como o corpo é percebido ou interpretado ao longo dos anos, mas fundamentalmente como ele vem sendo distintamente vivido, investido pelas mais diversas tecnologias e meios de controle; incorporado dentro de diferentes ritmos de produção e consumo, de prazer e dor (GALLAGHER & LAQUEUR, 1987 apud FRAGA, 2006, p. 63).

Dessa forma não há como compreender o corpo enquanto expressão material e espiritual do ser humano (BAPTISTA, 2013), se não analisarmos sua relação com o trabalho, já que, é por meio dessa relação que o corpo vem sendo ressignificado e reelaborado no contexto histórico em análise.

1.1. RELAÇÃO ENTRE CORPO E TRABALHO: UM OLHAR ACERCA DE SUA CONSTRUÇÃO SOCIAL

Na sociedade atual o corpo humano reduzido a sua esfera biológica, tornou-se para a sociedade capitalista um “instrumento de produção”, que incorporou em sua essência a lógica de mercado e consumo, o que colaborou para criar uma concepção de corpo que fosse esteticamente perfeita de acordo com os moldes atuais. Nesse sentido, o corpo não só é visto como uma máquina produtora, mas torna-se também mais uma unidade de consumo. Temos então no corpo, um produto mercadológico que vem sendo construído culturalmente e socialmente.

Nesse sentido, temos a concepção que “[...] cada cultura modela ou fabrica à sua maneira um corpo humano. Toda sociedade se preocupa em imprimir no corpo, fisicamente, determinadas transformações, mediante as quais o cultural se inscreve e grava sobre o

biológico” (RODRIGUES, 1987 apud CASTELAN, 2004, p. 11). Desta maneira, se bem analisarmos as concepções de corpo que surgem pós-Revolução Industrial, com o advento do capitalismo, percebe-se que ocorre uma reversão de valores no que faz referência ao corpo e ao trato a ele concebido, pois, é pelo corpo e através deste que a cultura de consumo tem sua ascensão, como nos afirma Costa e Venâncio (2004), isto é, quanto mais o ser humano expõe seu corpo na busca pela imagem ideal, maior torna-se seu valor de troca e consumo.

Seguindo pelo viés de análise que nos remete a relação existente entre o corpo e o trabalho, temos que convir que Cardoso (1997), citado por Costa e Venâncio (2004), foi feliz em sua colocação ao afirmar que “[...] o corpo agora é uma transmutação biotecnológica” (CARDOSO, 1997 apud COSTA E VENÂNCIO, 2004, p. 65), ou seja, temos um corpo para servir a cada sociedade, este passa a construir, ser construído e alterado para atender os mais diferentes anseios e desejos de consumo da sociedade capitalista, pois, idealizamos por uma aparência física que seja culturalmente e socialmente programada. A este respeito, “[...] os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam” (SOARES, 2002, p. 18). O corpo na sociedade capitalista passou a ser manipulado para atender aos interesses econômicos e sociais vigentes. Cada momento histórico no qual este corpo se fez presente, ele foi modificado e padronizado, sendo visto como um produto de transformação histórica, portanto, não podemos compreender o corpo como um produto homogêneo, mas enquanto um universo plural, carregado de signos e significados culturalmente construídos.

O corpo na era capitalista se transformou em um ponto de referência sociopolítico-econômico, que precisa ser redescoberto e re-significado, temos então na conjuntura atual o modelo de corpo-máquina, manipulável, adestrado e disciplinado para ser utilizado como força de trabalho, em contrapartida, temos o corpo belo, utilizado não só como consumidor, mas também como mercadoria que pode ser consumida.

Desse modo, com o advento do modelo socioeconômico capitalista, o corpo passa a ser entendido como um modelo de explosão para fomentar o desenvolvimento desse novo sistema econômico.

[...] A sociedade necessita de corpos fortes, saudáveis e homogêneos para atender à lógica de mercado, em busca da alta produtividade e do lucro, uma vez, que seriam utilizados, transformados e aperfeiçoados para atender ao capitalismo e estando, assim, sujeitos às técnicas de disciplinamento (GONÇALVES e AZEVEDO, 2007, p. 72).

Portanto, analisando a citação acima referida, o corpo passa a ser utilizado não só como força de trabalho, mas como veículo de indução ao consumo, tornando ele próprio um produto a ser consumido.

Destarte, a relação que o corpo assume com o trabalho, faz deste o elemento essencial de nossa existência, o corpo analisado por meio de sua esfera biológica, passa a ser utilizado para suprir e adequar-se aos objetivos impostos socialmente, pois, este passa como afirmado por Gonçalves e Azevedo (2007), bem como por Baptista (2012) a ser submetido a um processo de doutrinação e disciplinamento que lhe garanta e assegure a aquisição das características físicas necessárias para atender a visão mercadológica que envolve a compreensão desse corpo, bem como essa ideia de beleza que vem sendo estabelecida e reproduzida nos dias atuais.

Desse modo, de acordo com Baptista (2012), a relação de metabolismo entre homem e natureza também acaba recriando na sociedade atual novas relações estabelecidas entre o homem e seu meio, independente deste ser social, individual, material, espiritual e econômico, tendo em vista que tal relação influi diretamente nas maneiras como o corpo é visto, construído e reconstruído pelo meio social e cultural no qual ele se faz presente. Nesse sentido,

O próprio trabalho em seu sentido geral, contribui tanto para formação do ser humano em sentido amplo como para a sua fragmentação e coisificação em condições específicas da história, provocando, inclusive, uma relação verdadeiramente metabólica entre o homem e a natureza (MARX, 1996; HEGEL, 2003 apud BAPTISTA, 2012, p. 1065).

Enfim, a partir de tal colocação é possível entender que a construção desse corpo é algo que parte da necessidade e das condições históricas que vem sendo estabelecidas sobre o papel desenvolvido por este corpo como ferramenta necessária para a constituição e manutenção do sistema capitalista, pois, este corpo construído historicamente, transforma-se em um produto reificado, para se submeter às condições sociais e econômicas impostas por este sistema, pois, “[...] o corpo não é só uma demonstração, mas a própria condição material de existência do ser humano, afinal, é pelo corpo que as pessoas vivem” (BAPTISTA, 2012, p. 1065). Transformar este corpo em algo útil e produtivo é condição necessária para atender as exigências do mercado, daí a necessidade de analisá-lo e entendê-lo através de suas

relações sociais concretas, como ponderado por Baptista (2013). Na lógica de produção capitalista o homem se tornou um ser moldável, manipulável e um objeto de exploração e consumo.

Diante do exposto, é observável que passou a se criar um corpo típico para cada sociedade, como afirma Goldenberg (2006), o que leva a produção de corpos generificados, como afirma Damico (2007). Temos então, um corpo que além de ser produzido pelas relações sociais e econômicas, passa não só a consumir as mercadorias produzidas pela própria força de trabalho do homem, como passa a ser consumido como uma mercadoria como outra qualquer.

É necessário entender o corpo como um constructo sociocultural, fonte consistente da construção do homem ao longo de sua existência, pois, é essa relação desenvolvida entre o homem e a natureza, através do trabalho que transforma seu meio, bem como a ele próprio. Portanto,

O corpo é determinado pelo trabalho em todos os seus aspectos materiais de existência, desde o desenvolvimento de sua relação com a consciência do qual não se separa. Este movimento ocorre em praticamente todas as condições históricas, tanto no ponto de vista do corpo, como vem sendo apresentado, como determinante da consciência. Assim, o corpo construído pelo trabalho, por um lado, é elaborado por ele, ou seja, é um fruto da produção, assim como é o seu construtor. Por outro prisma, o corpo é um dos produtos por ele criado, O corpo está inserido, assim, dialeticamente, no processo produtivo por ser, ao mesmo tempo, o seu idealizador, o seu criador, assim como a sua criatura principal (BAPTISTA, 2013, p. 79).

Desta forma, não há como negar que as transformações sociais, vinculadas ao meio de produção capitalista, influem diretamente na construção e idealização do modelo de corpo tido como ideal, o que incorre diretamente ao processo de fragmentação corporal, criando assim um distanciamento entre o corpo real e o corpo tido como ideal, como nos afirma Goldenberg (2006).

Na atual conjuntura, a indústria da beleza, tornou-se um mercado inesgotável, voltado para a fabricação do corpo tido como ideal, “[...] Marx aponta que a produção não se limita a fornecer um objeto material à necessidade, mas antes fornecer uma necessidade ao objeto material e completa: a produção não cria somente um objeto para o sujeito, mas também um

sujeito para o objeto” (OLIVEIRA et. al., 2010, p. 44). Assim, a imagem corporal construída nesta conjuntura reflete não o que somos, mas o que o sistema capitalista leva-nos a ser, provavelmente, considera-se mais ainda o que tem o corpo do ponto de vista externo. A construção de um novo corpo, para uma nova sociedade acaba sendo visto como uma necessidade social.

Temos então, principalmente a partir de meados do século XX um corpo que passa a se revelar não só como produto de sua sociedade como afirma Mattos (2010), mas como construtor dessa, “[...] o corpo é o fim do trabalho. Se não houvesse corpo, ou se este não tivesse necessidades primárias, com certeza não haveria trabalho” (GARCIA, 1997, p. 68). O corpo tornou-se o meio para a eclosão do consumo, pois, além de ser produtor dos bens materiais, através do trabalho corporal, o mesmo acaba influenciado pela indústria cultural se transformando em um consumidor desses produtos e sendo ele também um objeto desejado e consumido nas relações sociais.

Partindo então da relação entre corpo e trabalho, temos que “[...] o trabalhador produz o capital, o capital produz o trabalhador. Deste modo, ele se produz a si mesmo, e o homem como trabalhador, como mercadoria, constitui o produto de todo o processo [...]” (MARX, 2002 apud BAPTISTA, 2013, p. 103). Temos então neste ínterim um homem que por meio de seu trabalho corporal produz as mercadorias a serem consumidas, porém, sob a influência da alienante indústria cultural, acaba tornando-se ele mesmo um consumidor desses produtos, o que leva o corpo a ser entendido e visto em meio a essa relação de poder, como a própria mercadoria, ou seja, o próprio trabalhador foi reduzido a uma mercadoria que passou a ser convertida em uma coisa, coisificada, como lembrado por Baptista (2013).

Nesse sentido, temos aqui o que se pode denominar de uma mercadoria capaz de produzir outras mercadorias, ou seja, o corpo. O próprio trabalho humano alienou-se ao sistema capitalista, já que, o homem vende sua força de trabalho ao capital, o ser humano tornou-se um produto a ser comercializado, pois, é por meio dessa relação entre corpo e trabalho que o homem garante sua existência e transforma o meio no qual ele vive.

Assim, “[...] o corpo é construído histórica e socialmente e, enquanto força de trabalho, é mercadoria e alienação, fetiche e reificação” (BAPTISTA, 2013, p. 153), o corpo neste véis é uma mercadoria necessária para desenvolver e manter o sistema produtivo, já que, precisamos do corpo tanto para produzir, como para consumir o que foi produzido, por isso, ele pode ser entendido como um produto forjado pelas condições materiais de sua

própria existência, pois, este possui não só um valor de uso, como também um valor de troca. O corpo para Zanetti *et. al.* (2012) é um consumidor de si próprio, pois, ora este é um compulsivo consumidor, ora ele é um objeto de desejo a ser consumido.

O controle corporal exercido pela relação existente entre o corpo e o trabalho, transforma-o de acordo com Salvini e Myskiw (2008) em um acessório de presença, em um objeto inacabado, em uma matéria prima que precisa ser redefinida e modelada para atender as necessidades do momento, ou seja, é um território que precisa ser explorado, desvendado e remodelado quando necessário. Destarte,

[...] se o corpo é o local privilegiado de impressão da possibilidade, das regras e restrições de uma sociedade, é o próprio corpo que transforma e é transformado dentro desse contexto, através de uma educação dos gestos, das posturas dentro de cada grupo social. A própria forma como é concebido, os padrões de beleza, os cuidados com o corpo são extremamente distintos entre as culturas (FERNANDES, 2004 apud SILVA e PORPINO, 2013, p. 393).

Desta forma, o corpo como uma “máquina produtiva”, como faz referência Gonçalves e Azevedo (2007), passa a ser modificado como requisito necessário para atender as exigências sociais e mercadológicas do capital.

O corpo, como pondera Godói (2011), sobre influência da Indústria Cultural, veiculado pelos interesses capitalistas, passou a ser visto como um artefato do mercado e como meio social e cultural, o que faz com que este adquira uma materialidade que precisa ser construída e reconstruída, o que colabora significativamente para aumentar a relação existente entre a busca pelo corpo belo e o consumismo.

É interessante percebermos que essa construção e reconstrução corporal, que perpassa a busca pelo modelo de corpo ideal, fazem referência à suposta necessidade de se atender na sociedade capitalista, tanto a produção, como o consumo. Temos então, o corpo sendo exposto em sua dupla forma, isto é, como mercadoria e uma ferramenta de trabalho e como uma mercadoria que precisa ser consumida, capaz de atender as demandas produtivas impostas por este sistema. Assim, temos o corpo como,

Uma mercadoria a ser melhorada como força de trabalho, sendo um produto e um produtor deste processo. Segundo, o corpo é um consumidor em potencial dos diferentes produtos e necessidades oferecidos pela Indústria Cultural. Os corpos são consumidos para cada tipo e qualidade de produto, tendo-se em vista o interesse pelo corpo como um instrumento saudável para atender a determinados padrões (BAPTISTA, 2008, p. 287).

A este respeito Andrade (2003) nos leva a compreender que o corpo situado neste território ambíguo, que leva-nos a distintas interpretações é um constructo histórico, social e cultural que acaba de acordo com as necessidades de cada momento sendo produzido e reproduzido de distintas formas, para atender diferentes interesses, em tempos e lugares diversos. Assim, para Andrade (2003), bem como para Baptista (2013) o corpo também é um objeto, ou melhor, um produto construído socialmente por meio do trabalho humano.

Contudo, a partir do momento que este se torna um acessório de presença, moldado através do processo de imitação prestigiosa, o corpo além de se transformar em uma mercadoria como outra qualquer, como ponderado por Baptista (2013), torna-se um produto descartável e substituível, que precisa ser adequado as demandas produtivas, pois, a busca pela beleza encontra-se subsumida aos interesses do capital, já que, é em suas mãos que se encontra a matéria prima e os recursos financeiros para fabricação dos corpos generificados.

Nesse sentido, o corpo em suas múltiplas identidades “[...] é o local onde muitas lutas em busca de significados, inscritos em torno do social e do cultural, se concentram, se desdobram e se fazem re-apresentados” (ANDRADE, 2003, p. 127). Temos então um ideal de corpo que passa a ser comercializado de forma intensa, vinculado à falsa necessidade de se possuir um corpo magro, esbelto e belo, que acaba levando o indivíduo a busca por um ideal de beleza artificial que nem é o seu, seria isto de acordo com Baptista (2013) uma ideia de beleza que vem sendo disseminada extremamente questionável, já que, é um produto comercializado, que nem todos possuem a condição financeira de pagar para obtê-lo.

Neste contexto, onde o corpo passa a ser visto e reproduzido como um objeto de presença, passível de mudanças, a Indústria Cultural torna-se um veículo disseminador de um ideal homogeneizado de corpo belo e a Educação Física como ferramenta capaz de educar e moldar este corpo de acordo com os interesses daqueles que se mantêm no poder, como ponderado por Ferreira e Baptista (2010). Entretanto, podemos notar que apesar do corpo assumir neste contexto a própria materialidade de existência biológica (BAPTISTA, 2009), este corpo é segundo este mesmo autor um constructo histórico e também sociocultural como

defendido por Daolio (1995), portanto, este corpo tornou-se hoje de acordo com Azevedo e Gonçalves (2007) um desafio sociopolítico e econômico, assim redescobri-lo e ressignificá-lo é um verdadeiro desafio. Seguindo este viés,

Ao se pensar corpo, pode se incorrer no erro de encara-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homem de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existia um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados esses que definem o que é corpo de maneira variada (DAOLIO, 1995 apud PADOVANI, 2005, p. 14).

Essa necessidade imposta pelo sistema capitalista, onde se busca construir um novo homem para uma nova sociedade, levou tanto a fragmentação do corpo humano, fazendo deste produtor e produto dessa sociedade, além de um rascunho a ser corrigido quando necessário como pondera Azevedo e Gonçalves (2007), isto é, este objeto imperfeito precisa sempre que necessário ser redefinido, para se adequar aos padrões de beleza que passam a ser estabelecidos como ideais.

Contudo, para compreender melhor a transformação desse corpo em um objeto de desejo e consumo, ou melhor, como o motor de explosão do sistema capitalista, faz-se necessário tecer uma análise acerca do papel cabido à Indústria Cultural e à Educação Física no processo de construção desse ideal de corpo belo que vem sendo produzido e reproduzido, através da “imitação prestigiosa”. E é justamente a relação entre a tríade “corpo, indústria cultural e educação física”, que será analisado no capítulo subsequente desta pesquisa.

CAPITULO II

2. EDUCAÇÃO FÍSICA E INDÚSTRIA CULTURAL: SUBMISSÃO CORPORAL À DITADURA DA BELEZA

Pretende-se neste capítulo compreender e discutir a relação existente entre a Indústria Cultural e a Educação Física no processo de construção e formação de um corpo ideal que na sociedade capitalista passa a ser marcado pela razão do consumo e da mercadoria, onde a busca pelo belo acaba padronizando os gostos e o modelo de corpo a ser seguido, exacerbando não só o seu valor de uso, mas também seu valor de troca, ou seja, o corpo passa a ser pensado para atender os pressupostos mercantis de um novo sistema econômico que se encontrava em expansão, ou seja, o capitalismo.

Nesse sentido, enquanto a Educação Física torna-se a ferramenta necessária para educar, moldar, adestrar e produzir um novo modelo de homem para uma nova sociedade, a Indústria Cultural cuida da construção e dizimação de um conceito de corpo belo esteticamente padronizado que acaba sendo marcado pela razão de uma mercadoria a ser comercializada como outra qualquer, pois, o corpo neste universo criado pela Indústria Cultural se tornou um objeto que se coisifica.

Deste modo, partindo da relação que se estabelece entre educação física e indústria cultural, temos como pressuposto que:

[...] a preocupação com o corpo não é necessariamente, conquista da vaidade humana; a competição e as enormes possibilidades de uma sociedade que se moderniza em ritmo constante exigem das pessoas que se adaptem sempre as novas situações para que possam assim, garantir a própria existência (DA MATA, 1998, p. 37).

Destarte, para que haja maior compreensão do uso dado ao corpo na sociedade capitalista, onde a beleza, a perfeição corporal passou a ser instrumentalizada para atender o contínuo processo de produção e reprodução do capital, faz-se necessário analisar o lugar ocupado pelo corpo neste meio, o que de modo geral acaba tornando possível o desenvolvimento de novos olhares que possam repousar sobre as diferentes concepções de educação dada ao corpo e que conseqüentemente acaba levando ao seu doutrinamento, tendo como referência um ideal de beleza artificial, e que como denominado por Damico (2007)

genericamente vem sendo construído, como fruto do crescimento do sistema capitalista e das exigências da Indústria Cultural.

Portanto, na linha que se segue a análise recairá sobre o papel cabido à Educação Física e à Indústria Cultural no processo de construção, adestramento e mercadorização do corpo belo, sadio, civilizado e padronizado. Tendo em vista, que a concepção de corpo, principalmente após a Revolução Industrial e a expansão do sistema capitalista passa por mudanças e rupturas significativas, que acabam abalando diretamente o sentido atribuído à beleza e ao corpo humano como um todo, pois, o corpo para o modo de produção capitalista não será entendido apenas como uma mercadoria ou produtor dela, mas será tomado como um objeto necessário para aumentar o consumo, ou seja, não há como compreendermos essas novas esferas de exploração do corpo, se não o analisarmos em conjunto com o papel exercido pela educação física e a indústria cultural nesse processo.

Enquanto a educação física cuida do adestramento, formação e construção desse corpo (SOARES, 2012), a indústria cultural divulga e incentiva seu comércio, sua mercadorização e padronização, disseminando um ideal de corpo a ser seguido e comercializado, para atender tanto a produção, como o consumo (BAPTISTA, 2013).

2.1. EDUCAÇÃO FÍSICA E O DISCIPLINAMENTO DO CORPO

Para analisarmos este universo ambíguo e complexo que vem se tornando o corpo, é necessário pensá-lo também a partir da influência exercida pela educação física em sua construção, pois, a educação física, principalmente a partir do século XIX, passa a ser pensada, de acordo com Soares (2012), como uma disciplina necessária para moldar um corpo produtivo, disciplinado e forte, fazendo com que a educação física passe a ser compreendida como a ferramenta necessária para lapidar e construir este novo ideal de homem/corpo, para um novo mercado de trabalho e uma nova sociedade que começava a se industrializar, urbanizar e se expandir.

A educação física nasce como uma instituição atrelada a interesses políticos, econômicos e ideológicos do Estado e demais estruturas sociais, como uma forma de “governamentalizar” os sujeitos, por meio da cisão corpo/mente, como analisado por Zoboli (2009). Portanto, compreender a história da educação física em relação à organização da

sociedade capitalista é compreender a própria concepção de corpo produtivo e disciplinado que começa a ser formado nesse meio, pois:

Realizar a história da educação física não é somente reconhecer a sucessão de seus profissionais e teóricos, nem unicamente listar seus principais métodos e técnicas ao longo dos anos. Primeiro porque esta história é perpassada por relações de poder entre ciência e sociedade, política e cultura. Segundo porque se trata de uma história que, como tantas outras, é plural, atingindo diferentes campos de saber e envolvendo os mais diversos interesses econômicos e sociais (SOARES, 2001 apud ZOBOLI, 2009, p. 73).

Podemos dizer que a educação física vem cuidando da construção, disciplinamento e formação desse corpo de acordo com as necessidades produtivas de cada período, já que, o corpo na sociedade capitalista tornou-se uma mercadoria de referência que passa a ser exposta pelas várias formas de mídia (BAPTISTA, 2008) passando a sustentar a condição de corpo máquina, corpo coisa, que perde sua identidade de sujeito e assume a condição de um objeto que passa a ser moldável e passível de exploração como pondera Pelegrini (2005).

A própria transformação histórica pela qual a educação física vem passando, se encontra ligada à necessidade de produzir um modelo de corpo que atenda às exigências advindas com as transformações do meio social. A partir desse viés fica claro que a educação física nasce sob influência do Estado para atender interesses políticos e ideológicos dessa mesma instituição. Portanto, a educação física “[...] na sociedade do capital, constituir-se-á em valioso objeto de disciplinarização da vontade, de adequação e reorganização de gestos e atitudes necessárias à manutenção da ordem” (SOARES, 2012, p.10).

Independente do conceito de educação física trabalhado seja esta higienista-eugenista, militarista, pedagogicista e competitivista, todas essas concepções de educação física objetivam a construção do corpo que pudesse ser adaptado às aplicações utilitaristas para o desenvolvimento desta nova sociedade. Educar o corpo atribuindo e relegando a educação física este papel era o meio, de acordo com Zoboli (2009), de fortalecer o trabalho, como requisito para melhorar sua capacidade produtiva, formando um homem mais obediente e adestrado. Neste sentido, o corpo deve neste contexto atender às demandas impostas pela forma de organização social da produção, pois, somente assim é possível garantir a reprodução do capitalismo (BAPTISTA, 2008).

De acordo com Soares (2012) e Zoboli (2009) a educação física ao longo de seu desenvolvimento histórico vem servindo como ferramenta incumbida de zelar por interesses políticos, econômicos, ideológicos e sociais do Estado, no que tange ao adestramento e formação do corpo, nos deixando evidente a relação existente nesse meio entre poder, política e conhecimento, como forma de sustentação de um sistema de produção econômico amparado pelos moldes capitalistas. Com isso, a ênfase no desenvolvimento desse sujeito humano recai sobre suas dimensões biológicas, desconsiderando a complexidade histórica que envolve o sujeito humano e sua relação com o meio social e cultural.

Podemos perceber a necessidade que a sociedade capitalista traz consigo em relação ao papel atribuído a educação física na construção de um corpo forte, saudável, homogêneo e acima de tudo capaz de atender a lógica do mercado capitalista na incessante busca pela produtividade e lucro. Em uma passagem de Azevedo e Gonçalves (2007), quando citam Foucault, é percebido que

[...] o controle da sociedade sobre os indivíduos não opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mais começa no corpo e com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica (FOUCAULT, 1986 apud AZEVEDO E GONÇALVES, 2007, p. 72).

Diante do exposto até o momento, em face às características atribuídas à educação física para modelar e remodelar esse corpo, tendo como premissa a necessidade de adaptá-lo às exigências dos diversos setores sociais é que acaba gerando no próprio ser humano uma insatisfação incontrolável para modificá-lo, e é essa insuficiência imposta ao ser humano em relação a seu corpo que o leva a buscar estratégias para modificá-lo, construí-lo e moldá-lo constantemente, pois, o corpo na sociedade capitalista tornou-se um bem material que através da valorização de sua aparência acaba se tornando um símbolo de presença e aceitação social, o que acaba colaborando para com o quantitativo aumento das academias de ginástica, cirurgias plásticas, bem como para o crescente aumento e consumo de produtos dietéticos (COSTA; VENÂNCIO, 2004).

Em meio a tantos atributos e adjetivos dados ao corpo na atualidade, Daolio (1995), pontua acerca da importância dos profissionais ligados à área da educação física, refletir criticamente sobre esse tema tendo em vista que “[...] os profissionais de educação física

trabalham com o ser humano sobre e através de seu corpo e lidam, por extensão com os adjetivos impressos no corpo” (DAOLIO, 1995, p. 24). Entretanto, lidar com esses adjetivos não significa reproduzi-los, pois, independente de seus atributos físicos o corpo no conjunto de todas as suas expressões é uma construção cultural, pois, expressa elementos específicos da sociedade na qual se encontra inserido.

Assim, o corpo que principalmente a partir do século XIX passa a ser disciplinado pela educação física, procurando assumir uma forma aceitável, produtiva e disciplinável em seu meio, passa a ser reconhecido por diferentes aspectos, isto é, temos o corpo pautado em seus elementos meramente biológicos, saudável, útil e disciplinado, temos também o corpo máquina, produtivo e servil, o corpo esportivo e o corpo comercializável, artificial, o corpo que segundo Azevedo e Gonçalves (2007), vêm se tornando um assessorio, manipulado e comercializado de forma intensa como também pontua Andrade (2003).

Temos assim um corpo que se revela como produto social e que em decorrência disso torna-se também um construtor de sentidos e significados culturais que passam a ser retratados na própria imagem corporal que vem sendo construída. A educação física passa a ser trabalhada neste processo, como afirma Mattos (2010), por meio de seus fundamentos “biológicos e biomecânicos”, como ferramenta necessária para construção e modelação de um corpo novo, fazendo com que ele se torne um precioso capital de sedução através da imagem.

A busca que o homem e a mulher vêm estabelecendo em razão da produção de um modelo de corpo belo, por meio de práticas e técnicas corporais, acaba levando o indivíduo a pensar “[...] que a educação física é capaz de moldar ou adestrar corpos e mentes e levá-los a um admirável mundo novo, higiênico, saudável, perfeito” (VARGAS, 1990 apud PADOVANI, 2005, p. 30).

Por outro lado, contrapondo a este viés histórico de que a Educação física é a ferramenta necessária para moldar e criar um corpo sadio, forte e produtivo, sabemos que o papel pedagógico desta não se limita à construção de uma imagem corporal perfeita, pelo contrário, o papel pedagógico da educação física “[...] deveria servir para formar, criticamente, o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro” (AZEVEDO; GONÇALVES, 2007, p. 68). Contudo, o corpo enquanto objeto de intervenção da educação física vem sendo tratado ora como uma máquina produtiva, ora

como um acessório de presença que precisa ser lapidado para atingir sua perfeição, tornando o indivíduo prisioneiro deste corpo.

Entretanto, não há como negar que este é o papel dado à Educação Física pela nova sociedade industrial, ou seja, de selar pela construção de um corpo prático, útil, instrumentalizado e produtivo. Assim a educação física atrelada à indústria cultural acabou colaborando para o processo de mercadorização do corpo, este é um fato bem visível, principalmente a partir da década 70 com o crescimento fervoroso das academias de ginástica. O corpo passa, a partir de então, a ser trabalhado não só como uma máquina produtiva, como afirma Padovani (2005), mas se transformou também em uma unidade de consumo que passa a atender aos interesses mercadológicos do capital.

Seguindo por este viés não há como negar que, Azevedo e Gonçalves (2007), possuem razão ao afirmarem que o corpo tornou-se um desafio “sociopolítico-econômico”, além de um importante marcador social, pois, a busca incessante pelo corpo ideal, levou o ser humano a criar um sentimento de insatisfação e insuficiência consigo mesmo, levou o sujeito a buscar por estratégias tecnológicas para modificar e adequar seu corpo as exigências do mercado, ou seja, o corpo passou a ser percebido como um objeto moldado e modificado de acordo com o gosto do dia.

Assim, a valorização da aparência corporal, fez com que o sujeito modifique seu próprio corpo para adequar-se às exigências de diferentes setores sociais, seja o trabalho, o esporte, a escola, a cultura, etc. Dessa forma:

A aparência corporal responde a uma ação do ator relacionado com o modo de se apresentar socialmente e de se representar quotidianamente. Engloba a maneira de se vestir, de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc. que muda conforme as circunstâncias e de acordo com o estilo da presença do indivíduo (AZEVEDO; GONÇALVES, 2007, p. 73).

Dentro desse contexto cabe à educação física moldar estes corpos peça por peça, como se este fosse um “quebra-cabeça” que precisa ser trabalhado, montado para servir de forma adequada aos interesses do capital, pois, infelizmente vivemos em uma sociedade onde o corpo, enquanto constructo social acompanha um modelo a ser seguido que vem sendo ditado

de cima para baixo pela Indústria Cultural, um ideal de corpo que na grande maioria das vezes foge à realidade econômica de vários sujeitos.

Na atual conjuntura, é perceptível que as atividades físicas, atreladas à indústria do cosmético e da cirurgia plástica, passam a ser entendidas como o principal meio para se alcançar o modelo de corpo propagado e vendido pela mídia, o que colabora para a formação de corpos alienados, acrílicos e submissos a um ideal de corpo que muitas vezes nem é o seu. A este respeito pode ser observado que “[...] a atividade física, ao tempo que canaliza a atenção da sociedade para sua capacidade de delinear corpos saudáveis, fortes, belos, mascara outros determinantes do setor saúde e do quadro social brasileiro” (CARVALHO, 1993 apud SILVA, 1997, p. 27).

Em relação a esse discurso percebe-se que a Indústria Cultural acaba vinculando à prática de atividades físicas a imagem de um corpo saudável, um corpo que precisa fazer uso de produtos farmacêuticos e dietéticos para alcançar a “aparência” física “correta”, como analisado por Damico (2007), de modo a iludir os sujeitos para que eles acreditem que tal aparência se encontra realmente a seu alcance. A este respeito como ponderado por Soares (2012),

[...] os “corpos saudáveis” eram uma exigência do capital, os “corpos doentes” não deveriam ser considerados produto das condições de vida gerada pelas relações de produção inerentes a esse modelo econômico. Era de fundamental importância para a classe no poder encontrar outras causas, que não as sociais, para explicar a degradação social, física e intelectual da maioria da população (SOARES, 2012, p. 19).

Percebe-se então que o corpo não verticalizado, considerado imperfeito não era bem visto, era considerado doente, a importância aqui recai sobre o corpo biológico, pois, somente por meio de seu disciplinamento é que seria possível moralizar a sociedade e melhorar a raça, ou seja, zelar pelo vigor físico deste novo trabalhador era algo necessário para que o avanço do capital fosse garantido. Portanto, como nos afirma Soares (2012), o corpo ocupado e instrumentalizado pela educação física, é reconhecido como um corpo anatomofisiológico.

O corpo na sociedade capitalista torna-se uma mercadoria a ser explorada em prol do capital e do consumo, e será por meio da ginástica, a posteriori chamada por educação física, que se criarão formas para educar e disciplinar o corpo. Nesse sentido,

Os corpos que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam. Desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deve incidir uma educação que privilegie a retidão corporal, que mantenha os corpos apurados, retos ou como sublinha Vigarello, que os mantenha em verticalidade (SOARES, 2002, p. 18).

Temos aqui um modelo de corpo que se tornou nesta sociedade um objeto de dominação e apropriação, onde passou a se buscar pela construção de um corpo que aumentasse a produção e o consumo, um corpo produtor e produto do mercado capitalista.

A preocupação com o corpo de acordo com Da Mata (1998), diz respeito a uma exigência histórica de produção da existência humana, por isso este deve ser educado e preparado por meio de exercícios físicos para adaptar-se a qualquer situação, pois, “[...] o corpo não é mais pecaminoso, imoral; ele é necessário ao homem que viaja, trabalha, enfrenta as intempéries da natureza e se relaciona com outros homens. Para tudo isso o corpo deve ser preparado por meio de exercícios” (DA MATA, 1998, p. 40).

Trata-se então como afirma Gleyse (2007), de “cultivar o corpo”, instrumentalizá-lo, reconfigurá-lo para que quando necessário ele possa agir seja qual for à circunstância, prepará-lo para realizar qualquer tarefa que lhe for imposta. Desse modo, a construção desse novo homem que possa atender e se submeter aos anseios de uma nova ordem política, econômica e social farão da educação física “[...] a própria expressão física da sociedade do capital” (SOARES, 2012, p. 3), pois caberá a ela a disciplinarização dos corpos e de sua vontade, um corpo que além de ser utilizado como força de trabalho para alavancar a produção, tornou-se uma mercadoria a ser comercializada e consumida.

O exercício físico nesse contexto além de sua ação disciplinadora tanto dos corpos, como dos hábitos, passa a ser entendida também como um “[...] novo “remédio” para os males “necessários” da nova ordem” (SOARES, 2012, p. 42), o cuidado com o corpo se tornou um problema de Estado, já que, era o protagonista do desenvolvimento do sistema capitalista, onde a nova ótica de produção industrial capitalista exigia formação de um novo sujeito, forte, saudável e útil.

Sua construção e adestramento passaram a ser uma necessidade para o desenvolvimento das atividades capitalistas, pois, o corpo neste contexto, como pondera Baptista (2013), passou a ser visto como mercadoria necessária ao processo produtivo, portanto, ele precisa se manter nas condições físicas e saudáveis necessárias para realizar seu

trabalho e garantir a produção do capital, assim este corpo além de produtor, também passa a ser produzido pelo trabalho. Assim, o corpo no modo de produção capitalista passa a ser valorizado apenas como “[...] força fisiológica, máquina a serviço da produtividade” (BANDEIRA, 2008, p. 33), mas para que ele desenvolva esse papel ele precisa ser cuidado, disciplinado e produzido de acordo com as necessidades do momento e nesse ínterim caberá à educação física moldar este modelo de homem socialmente aceito e produtivo.

No que tange a construção imagética sobre o profissional da educação física, percebemos que estes são vistos como, “[...] os arautos da saúde, vendedores de força e beleza, robustez e vigor” (SOARES, 2012, p. 99), isto é, eles não só vendem sua força de trabalho, como apresentam um ideal de beleza que se diz perfeito, esculpido. Neste ínterim, percebe-se que a preocupação aqui recai em construir um corpo que parte unicamente de sua concepção biológica, usurpando-o de sua condição histórica e cultural. Assim não há como negar que “[...] a educação física, seja aquela que se estrutura no interior da instituição escolar, seja aquela que se estrutura fora dela, será a expressão de uma visão biológica e naturalizada da sociedade e dos indivíduos” (SOARES, 2012, p. 10).

Portanto, o que se contempla na atual conjuntura é que a prática de exercícios físicos, assim como os demais produtos farmacêuticos e estéticos que se associam a este, acabam sendo entendidos como o caminho para se alcançar a desejada perfeição corporal. A educação física, como afirma Baptista (2012), age na formação do corpo de seu ponto vista tanto biológico como social, torna-se possível manipulá-lo em seus diferentes aspectos, já que, ele passa a ser trabalhado em partes como um objeto fragmentado.

Partindo da análise que a Educação Física emerge neste meio como uma ferramenta favorável a educar corpo e mente para servir a uma nova organização industrial, o corpo como seu objeto de estudo e intervenção, passa a submeter-se a uma nova organização social voltada para produção e o mercado. Nesse sentido, percebemos que mesmo a educação física ministrada na escola reduz o seu trabalho com o corpo apenas para sua esfera biológica, deixando de lado suas características históricas e sociais. Para tanto, acabou contribuindo para a valorização de um padrão de beleza tido como único, que precisa ser moldado e remodelado. Dentro da visão reducionista com que a educação física vem sendo tratada e trabalhada não só no âmbito escolar, mas fora desse, podemos dizer que nesse cenário a educação física:

Contribuiria para forjar o indivíduo forte, robusto, saudável, disciplinado de que tanto carecia a nova sociedade brasileira em formação. [...] A educação física no Brasil, em suas primeiras tentativas para compor o universo escolar, surge como promotora de saúde física, da higiene física e mental, da educação moral e da regeneração ou reconstituição das raças (SOARES, 2001 apud MENDES, 2009, p. 178).

Desse modo, percebe-se que essa educação dada ao corpo na/pela sociedade capitalista acaba instrumentalizando o corpo, como se este fosse uma peça que necessitasse de manutenção e reparos, como afirma Baptista (2003), tal visão sobre o corpo acaba deixando de lado as diferenças individuais dos sujeitos, homogeneizando os gostos e fazendo do corpo uma mercadoria como outra qualquer, desde que a pessoa possua o capital necessário para ter acesso aos mais diversos tratamentos de beleza e estética, ou seja, a ideia produtiva de se alcançar o padrão do corpo ideal propagado pela mídia, se encontra a disposição de quem pode pagar, seja na vitrine da indústria de cosméticos ou nas prateleiras das farmácias e supermercados, seja na academia de ginástica, onde o corpo é visto apenas como um organismo biológico que precisa ser cuidado, pois, para que esse possa atender o processo de produção e consumo do sistema capitalista é necessário que ele se enquadre no modelo de corpo magro, jovem, saudável, produtivo, forte e livre de gordura como demonstrado por Baptista (2003), Andrade (2003), Costa e Venâncio (2004).

Todavia, independente do modo como esse é trabalhado e construído, para o sistema capitalista é a utilização e mercadorização desse corpo que garante ao sistema a obtenção de mais lucros. Contudo, como demonstra Baptista (2013) e Bandeira (2008) para que o corpo garanta este lucro é necessária que seja valorizado não só pelo seu valor de uso, mas também de troca, ele precisa ser cuidado e embelezado, pois, é por meio de sua exposição que se reproduz um modelo de corpo a ser seguido, colaborando com a perpetuação do consumo em torno de uma aparência encenada, que em muitos casos não será alcançada.

Nesse contexto como comenta Pereira (2013), o sedentarismo, a gordura, a flacidez, caracterizam o descaso e a indisciplina do sujeito para com seu corpo, portanto, não é uma postura aceitável, o que conseqüentemente leva o indivíduo a vigiar-se e submeter seu corpo a diferentes tratamentos estéticos, que coercitivamente cuidará de moldá-lo e embelezá-lo, o que conseqüentemente leva ao aumento do consumo e do capital, mas que também acaba aprisionando os sujeitos e tornando-os reféns de uma ditadura do corpo perfeito.

Tal fato nos leva a refletir que a relação existente entre educação física, exercícios físicos, saúde e a construção do corpo magro, jovem e malhado, acaba fazendo com que os profissionais da área não apresentem um posicionamento crítico em relação à ação desenvolvida pela mídia e pelos avanços biotecnológicos na “fabricação” de novos corpos, o que se vê na verdade é que:

Estes profissionais estão paulatinamente valendo-se do uso da razão instrumental ao expor e transformar o corpo através de atividades físicas, dietas, drogas e do consumo de imagens ideais de atletas. Eles corroboram os discursos de controle do corpo que a mídia produz ao fazer da atividade física (associada à biotecnologia) uma possibilidade de corresponder ao padrão de beleza em nome da saúde (COSTA; VENANCIO, 2004, p. 70).

Verifica-se então que o profissional da educação física acaba reproduzindo e produzindo em seu meio a propaganda midiática de que o corpo homogêneo, em forma, esbelto e saudável pode ser adquirido através do disciplinamento proposto pelos exercícios físicos, pois, estes profissionais veem o corpo apenas pelo seu prisma biológico e passa a trabalhar a educação física como a ferramenta necessária para o controle e formação desse corpo, que na sociedade capitalista tornou-se uma necessidade, afinal, “[...] é pelo corpo que as pessoas vivem” (BAPTISTA, 2012, p. 1065), e é por meio deste que ela irá desenvolver suas relações sociais neste meio, ou seja, a aparência corporal passa a ser a referência do sujeito no meio social, quanto mais jovem, magro, e definido é o corpo, mais facilmente este será aceito socialmente. A este respeito Vilanou (1999), também afirma que, sobre os ditames do mundo da moda o corpo acaba sendo convertido a um significante de ascensão social e poder, quando mais jovem e belo mais valor ele possui.

A educação física torna-se uma excelente arma para disciplinar e moldar o modelo de beleza imposto como ideal, tendo em vista que para o mercado capitalista este passou a ser produzido como uma mercadoria com alto valor de troca e de uso, isto é, quanto mais artificial este se torna, mas consumo e lucro ele promove para sustentar o sistema de produção econômico do mercado capitalista, graças aos atributos físicos que lhes animam enquanto objeto a ser consumido.

Destarte, a educação física aliada às falsas promessas da Indústria Cultural se encontra no topo das estratégias da conquista, ou melhor, da aquisição do “corpo belo”. Tendo em vista

que a indústria cultural influi de forma significativa na construção e interpretação de um corpo magro e malhado como pontuado por Azevedo e Gonçalves (2007), temos assim veiculado sobre influência da indústria cultural a construção de estereótipos invejáveis da imagem de um corpo permitido e desejável, ou seja, de um corpo “[...] sem gordura, sem calorias, sem flacidez, sem barriga, sem excessos, sem doenças, etc.” (ANDRADE, 2003, p.139).

A partir do exposto até o momento, procuramos fazer uma análise acerca do papel cabido à Educação Física na construção, controle e disciplinamento de um corpo útil à produção e reprodução do capital, como forma de atender e se adequar aos interesses econômicos, sociais de um mercado em expansão. Entretanto, na análise que se segue procuraremos elencar à influência exercida pela Indústria Cultural na construção desse corpo ideal, bem como no doutrinamento da beleza, para melhor entendermos o lugar que o corpo vem ocupando na sociedade capitalista, onde a Indústria Cultural prima por vender sonhos que não se realizam e promessas que não se cumprem.

2.2. INDÚSTRIA CULTURAL: A SUBMISSÃO DO CORPO À DITADURA DA BELEZA

Como vem sendo exposto, com a expansão do sistema capitalista no decorrer do século XIX, uma nova sociedade Industrial começava a se formar e, com isso, fazia-se necessário moldar um novo homem que pudesse atender a demanda produtiva de uma nova sociedade que até então era agrária. Como afirma Pelegrini (2005) fez-se necessário instrumentalizar o corpo para que ele se adequasse aos interesses da produção. O crescente desenvolvimento da sociedade Industrial levou também ao desenvolvimento técnico científico que trouxe consigo novas técnicas para trabalhar e moldar o corpo, o que acabou levando a uma padronização do conceito de beleza homogeneizado pela lógica de produção. Entretanto, em meados do século XX e início do século XXI,

A superexposição de modelos corporais nos meios de comunicação contribui, fundamentalmente, para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado. A mídia contemporânea vincula somente corpos que se encaixam em um padrão estético “aceitável”, mediado pelos interesses da Indústria de Consumo. Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, em todos os formatos da mídia, num jogo de sedução e imagem. Trata-se de vincular à

representação da beleza estética ideais de saúde, magreza e “atitude”. Configurando-se como objeto de desejo um corpo bonito, jovem, “malhado”, com ideias de vencedor e rodeado pelo consumo (PELEGRINI, 2005, p. 4 – 5).

Na sociedade capitalista, como já vem sendo discutido, este passou a ser visto como um produto, uma mercadoria repleta de rótulos que reproduzem um ideal de beleza que influi diretamente na relação do homem com seu corpo, bem como de sua satisfação com o mesmo, ou seja, o corpo é pensado e transformado nesta sociedade vislumbrando atender aos interesses do capital. Tendo em vista que,

Vivemos um tempo em que meios de comunicação de massa, como revistas, jornais e programas de televisão, produzem e veiculam toda uma discursividade sobre e para o corpo, contemplando, dentre outras coisas, modos de vestir, comer, exercitar-se, maquiarse ou divertir-se (DAMICO, 2007, p. 95).

Sendo assim, a indústria cultural exerce um papel fundamental no processo de reprodução e alienação desse ideal de corpo perfeito, vendendo sonhos a partir da premissa de um ideal de juventude, magreza e definição muscular, como requisito para se chegar a um ideal de beleza que vem sendo imposto. Baptista (2012), elenca bem este papel exercido pela indústria cultural, de acordo com o autor essa exerce forte influência no processo de disciplinamento desse corpo, um corpo que apesar de ser uma construção cultural, social e histórica, acabou sendo reduzido a uma máquina, uma mercadoria produzida, fragmentada e manipulada sob diferentes aspectos, que acabam delimitando-o segundo os padrões de beleza produzido e reproduzido pelo meio social, padrões de beleza ligados ao ser “belo ou feio”, “aceitável ou não aceitável”, “magro ou gordo”.

Entretanto, a indústria cultural como uma fábrica de sonhos, como pontuado por Baptista “[...] promete, mas não cumpre, aponta para a sublimação, mas reprime pela disciplina” (BAPTISTA, 2012, p.1074). Trata-se de uma empresa a serviço do mercado capitalista, repleta de produtos de beleza ao alcance daqueles que podem pagar, ou seja, os meios midiáticos disseminam um ideal de beleza a ser seguido, porém, acabam vendendo um produto que não é acessível a todos os sujeitos, que acabam expondo seus corpos aos mais

diferentes tratamentos e disciplinamento em busca de um ideal de beleza que na maioria das vezes não será alcançado.

Neste contexto o corpo passa a ser fragmentado e genericamente construído, parte a parte, como uma mercadoria a ser produzida e consumida e que tem como mediadora deste processo de produção e consumo a própria Indústria Cultural, como retratado por Baptista (2008). Essa busca exacerbada pelo corpo ideal, como meio necessário para se alcançar à felicidade colaborou qualitativamente para com o crescimento da Indústria da Beleza e para com o desenvolvimento do mercado capitalista.

Podemos dizer que na sociedade capitalista, onde o corpo tornou-se um produto a ser produzido e consumido, “[...] a indústria cultural cria e introduz hábitos de vida e modos de pensar que são base ideológica e cultural necessária à absorção de mensagens vinculadas pela mídia, de corpo e consumo” (BAPTISTA; ARAÚJO; BRITO, 2009, p. 1082). Nesse sentido, podemos entender que a indústria cultural se tornou uma forte ferramenta de alienação e universalização, que acaba inculcando valores, crenças, e ideais de beleza, que transformam o corpo em um acessório a ser modificado e reformulado de acordo com as exigências da sociedade capitalista. Deste modo:

A “Indústria Cultural” pode ser entendida como um instrumento de pressão da sociedade sobre o indivíduo através da utilização de elementos culturais que se tornam acessíveis pelo cinema, pela televisão e por outros meios de comunicação de massa. Esses são utilizados como formas de cooptarem os indivíduos para uma atuação de acordo com os interesses e as necessidades do modo de produção, fazendo a lógica industrial prevalecer não apenas nos momentos de trabalho como também nas horas de repouso de cada pessoa (BAPTISTA, 2001 apud BAPTISTA, 2008, p.284 – 285).

Além disso, podemos dizer que a indústria cultural colabora diretamente para criar uma sociedade consumidora, alienada e acrítica, principalmente na busca e conquista do corpo ideal, que além de tornar o corpo uma forma de capital, colabora também para aumentar o consumo no mercado de cosméticos, academias de ginástica, cirurgias plásticas, dietas, atividades físicas, bem como reforçando a prática consumista do indivíduo na busca desenfreada pelo embelezamento do corpo idealizado e cultuado pela indústria cultural. Nesse ínterim, fazendo menção ao padrão de beleza corporal que vem sendo veiculado pela mídia,

onde quem possui o capital tem acesso aos mais diferentes tratamentos de beleza, que cuida da manutenção e reparo do padrão corporal que se deseja produzir, o corpo torna-se então:

[...] uma mercadoria que pode ser adquirido como qualquer outro produto industrial, sendo importante para a aquisição desse corpo a utilização de remédios, cosméticos, roupas, acessórios, aparelhos de ginástica que estão à venda, “no supermercado mais próximo de sua casa, ou pelo telefone 0800...”, e que desconsideram não só as diferenças individuais, como o corpo marginal constituído historicamente (BAPTISTA, 2003, p. 10).

Neste contexto a indústria cultural veicula a busca por um estereótipo de beleza que nem sempre corresponde à realidade do meio social. Por essa razão é possível pensar que o corpo está sempre sofrendo mudanças, sendo repensado e resignificado, devido às transformações culturais, influenciados por interesses econômicos, políticos e sociais. Desta forma, o exagero na busca pela vaidade leva o indivíduo ao extremo para responder às exigências da moda e de uma aparência física idealizada pela mídia televisiva, jornalística, revistas de beleza, dentre outros veículos de comunicação que reproduzem esse ideal de corpo.

Assim, partido do slogan “só é feio quem quer”, como citado por Sant’Anna (2007), cria-se um ideário de corpo como um objeto de desejo e consumo, como pontuado por Azevedo e Gonçalves (2007), realçando o valor de troca assumido pelo corpo, que na sociedade capitalista assume a condição de uma mercadoria a ser produzida e consumida, como pondera Baptista (2008). Desse modo, em uma sociedade onde o corpo tornou-se uma mercadoria a ser comercializada, um rascunho que pode ser corrigido e um acessório a ser produzido à indústria cultural,

[...] não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente; maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. Ao desejo, excitado por nomes e imagens cheios de brilho, o que enfim se serve é o simples encômio do cotidiano cinzento ao qual ele queria escapar. De seu lado, as obras de arte tampouco consistiam em exibições sexuais. [...] Eis aí o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma

promessa rompida (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 apud BAPTISTA, 2008, p. 286 – 287).

A indústria cultural se tornou na sociedade capitalista um forte instrumento de manipulação e consumo, pois, não só fomentou como compactuou com o processo de mercadorização do corpo, fazendo deste não só seu consumidor, como também seu objeto de consumo.

Destarte, a indústria cultural, por meio da homogeneização dos gostos, além de fomentar o consumo, fez com que os sujeitos passassem a se tornar dependentes de seus produtos, pois, esta acaba criando falsas necessidades e comercializando falsas promessas, fazendo do corpo refém de seus interesses mercadológicos, já que, é essa indústria que veicula através dos meios de comunicação de massa um padrão de beleza a ser seguido e adquirido.

A indústria cultural passa a ser utilizada pelo sistema capitalista como um instrumento de sedução e alienação social (BAPTISTA, 2003), pois, ela acaba interferindo na vontade e no gosto das pessoas, principalmente via meio de comunicação de massa. Tal influência acaba por criar um mito em torno da beleza, por meio de uma valorização exacerbada da aparência. O discurso que se fomenta nesse meio sobre moda e o corpo acabam escravizando o indivíduo aos discursos veiculados pela mídia. Nesse contexto,

[...] a moda deveria estar sujeita às necessidades biológicas do homem, o que vale dizer, adaptar-se ao homem; mas, o contrário é o que se vê: a moda escravizando o homem, tornando-se sua imperatriz, ou ditadora absoluta, isto é, o homem adaptar-se a moda (OLIVEIRA, 1944 apud DALBEN; SOARES, 2008, p. 248).

Seguindo por este viés, não há como negar que o gosto popular é manipulado e sobre influência direta dos meios de comunicação de massa, este é um fato perceptível quando se analisa o processo de mercadorização dos corpos, processo este que esta indústria coloca em evidência a partir do momento que ela passa a propagar um ideal de beleza socialmente imposto, criando e manipulando os desejos das pessoas, fazendo desses latentes consumidores.

O culto ao corpo se torna cada vez mais evidente principalmente pela crescente procura por espaços vinculados à conquista dessa beleza, como academias de ginástica, clínicas de tratamento estético e clínicas especializadas em cirurgias plásticas, o que transforma o sujeito em refém de seu próprio corpo, que nessa sociedade de acordo com Baptista (2013), serve de objeto de uso e consumo para o capital.

Deve-se considerar que o padrão de beleza disseminado ao longo do século XX, veio gradativamente recebendo novos olhares e interpretações, já que a preocupação e trato dado ao corpo na sociedade capitalista a partir principalmente da década de 1950 passam a receber novos aliados e cuidados, principalmente com o crescimento da indústria de cosméticos e produtos farmacêuticos e nas décadas posteriores o boom das cirurgias plásticas, que colaboram para a produção de um novo ideal de beleza como analisado por Sant’Anna (2007), isto é, um corpo que fosse eternamente jovem, esteticamente perfeito e genericamente produzido, ou seja, a indústria cultural como afirma Baptista (2012), passa a vender sonhos que nem sempre se realizam, já que, nem todos possuem o capital necessário para pagar.

Podemos dizer que nesse contexto se passou a “cultivar o corpo”, a induzi-lo a seu aperfeiçoamento, ensinando o indivíduo a modelá-lo, a cuidar e embelezá-lo, ou seja, a indústria cultural através dos meios de comunicação de massa fornece receitas de como ser belo ou manter seu corpo belo, impondo assim um padrão de beleza a ser seguido, o que acarreta uma homogeneização dos gostos e dos costumes. Percebemos então que:

[...] O consumo é viabilizado por uma verdadeira indústria cultural, cuja função consiste explicitamente em difundir, para o conjunto da população produtos culturais elaborados por especialistas e, implicitamente, padrões, cognitivos, estéticos e éticos que lhe são subjacentes (DURHAM, 1997 apud UVINHA, 1996, p. 50).

É notável que a imagem do corpo belo propagandeada por essa indústria influi e impulsiona consideravelmente nos hábitos e valores de quem consome. A padronização da beleza acompanha os interesses que se constituem socialmente, assim a busca pelo “ser belo” passa a servir aos interesses do capital, fazendo desse sujeito que passa a ser trabalhado apenas por sua esfera biológica, um objeto de consumo do modo de produção capitalista, pois, é a produção que acaba manipulando e levando ao consumo.

Os produtos da Indústria Cultural são criados com a finalidade de se ajustarem, e de refletirem a realidade social, que é reproduzida sem a necessidade de uma justificação ou defesa explícita e quase independente, pois o próprio processo de consumir os produtos da indústria cultural induz as pessoas a identificarem-se com as normas sociais existentes e a continuarem a serem o que já são, ou seja, é a produção que manipula o consumo, conforme comenta Marx (1996), o que torna quase impossível fugir do grande interesse que existe por parte dos telespectadores pela imagem, gestualidade e modelo corporal presente na mídia (BAPTISTA; ARAÚJO; BRITO 2009, p. 1074).

Com isso, percebe-se que ao comercializar a imagem de um corpo eternamente jovem, magro, esbelto, malhado e saudável acaba levando e manipulando o consumidor a cair na armadilha de que esse ideal de beleza se encontra ao alcance de todos, estimulando os desejos de alcançar promessas que em sua grande maioria não poderão ser cumpridas. Temos nesse cenário, o que se pode denominar de supervalorização da beleza, onde sua aquisição torna-se requisito necessário para ser aceito socialmente.

Nesse contexto, “[...] a mídia dita a moda e gera lucros para o mercado de beleza, onde todas terão que consumir para se integrarem numa sociedade em que a aparência importa mais do que o ser” (ALMEIDA et. al., 2006 apud BAPTISTA, ARAÚJO, BRITO 2009, p. 1080). O que importa neste caso é a aparência, mesmo que ela seja artificial, o corpo passou a ser produzido de acordo com o gosto do momento, as pessoas podem escolher a forma das peças anatômicas de seu corpo, como se estivessem escolhendo uma roupa em um catálogo de moda, deixando que sua aparência acabe se sobressaindo a sua essência enquanto ser sócio-histórico e cultural.

Com os avanços técnicos científicos se tornou possível construir outros modelos de corpos, moldá-los para atender as exigências produtivas, ou seja, cria-se um corpo que passou a ser genericamente produzido, um corpo descartável, um produto substituível. A indústria cultural passa a ser utilizada pelo modo de produção capitalista como um forte mecanismo que garante a produção e reprodução de suas mercadorias.

A indústria cultural serve, assim, aos interesses de uma comunidade com a nítida intenção de disseminar o caráter de comércio inerente; em primeiro lugar, à lógica da própria sociedade, tendo-se como referência o seu desenvolvimento e, em um segundo momento, a lógica de um modelo de cultura feita propositalmente para o seu derramamento entre as classes

populares com a consumidora (ADORNO, 2003 apud BAPTISTA, 2013, p. 189).

O fato é que o poder de persuasão dessa indústria é tão grande que ela transforma o indivíduo em uma mercadoria padronizada e de caráter universal, onde o homem torna-se um ser genérico, perdendo sua originalidade em nome da moral da aparência, ou seja, a Indústria Cultural consegue transmitir aos sujeitos a falsa ideia de realização, levando-o a consumir cada vez mais, em busca da realização das falsas promessas idealizadas por esta, já que, o próprio padrão de beleza passa por modificações, o que acaba fomentando novas necessidades de consumo que precisam ser atingidas.

As promessas feitas pela indústria cultural, onde passa a ser vendido um ideal de felicidade, juventude eterna, beleza, dentro outros, acaba fazendo com que o corpo seja reduzido ao seu valor de troca, em busca da falsa satisfação de sua conquista. Por isso,

O corpo é uma mercadoria importante para a Indústria Cultural, devido a sua capacidade de se conectar com a produção e o consumo dentro do modo de produção. Este fato é justificado por dois motivos centrais. Primeiro o corpo é uma mercadoria a ser melhorada como força de trabalho, sendo um produto e um produtor deste processo. Segundo, o corpo é um consumidor em potencial dos diferentes produtos e necessidades oferecidos pela Indústria Cultural, confirmando os dizeres de Marx (2000) quanto a elaboração dos produtos a serem consumidos (BAPTISTA, 2013, p. 210).

Evidencia-se a partir das afirmativas feitas por Baptista (2013), que o corpo na sociedade capitalista passa a ser consumido não só por sua força de produção, mas como um produto que durante o tempo livre do indivíduo precisa ser transformado, tendo em vista que este possa atender os padrões pré-definidos de interesses, tanto da produção como do consumo. Para isso, é necessário que ele seja aprimorado, seja por meio do uso de produtos da Indústria de Cosméticos e Farmacêuticos, sejam por meio de cirurgia plásticas ou exercícios físicos, como demonstra Baptista (2001).

A indústria cultural enquanto uma promissória do prazer, como analisado até aqui influi diretamente na visão e construção do corpo na sociedade capitalista. As promessas por ela produzidas são vendidas e consumidas como requisitos necessários para se alcançar uma falsa satisfação.

O corpo como afirmado por Albino e Vaz (2008), tornou-se uma mercadoria que deve ter toda sua superfície à amostra, ele precisa ser exibido para ser desejado, pois, o corpo para alcançar sua satisfação de acordo com a proposta da indústria cultural precisa ser modificado, modelado e disciplinado, ou seja, ele precisa ser esculpido, como se fosse uma obra de arte.

O corpo é, assim, dividido, recortado, esquadrinhado para que nele possa ser realizado um trabalho minucioso e eficiente [...]. Da mesma maneira, a recomendação do uso de cosméticos também se dá a partir de uma exacerbada racionalização do corpo, pois além do investimento necessário em cada uma de suas partes, prescreve-se a especialização dos cuidados: relaxar, limpar, hidratar, de modo diferenciado, com produtos que sejam próprios para cada corte anatômico (ALBINO; VAZ, 2008, p. 205).

Identifica-se em tal trecho que o corpo para se tornar aceitável socialmente precisa de minuciosos cuidados e investimentos, pois, como demonstrado por Baptista (2013), a indústria cultural consegue alcançar seu objetivo em relação ao corpo, já que, na esfera da produção e do consumo, é ela quem administra e mantém esse corpo produtivo, fazendo dele mais um produto a ser consumido não só no espaço do trabalho, mas fora dele.

A ideia do belo nessa sociedade vinculada pelos interesses da indústria cultural acaba determinando aos indivíduos um padrão de beleza a ser alcançado, não importando as ações e sacrifícios que devem ser tomados para sua obtenção, pois, este corpo, como analisado por Baptista (2008), precisa ser reproduzido para atender às demandas da forma de organização social da produção, o que acarreta na produção do que é denominado por Andrade (2003), de diversas representações do corpo. Nesse sentido, essa busca por reconstruir e disciplinar o corpo para que ele alcance o padrão de beleza desejado, passa a ser vistos pelos sujeitos como um modo de viver a vida, uma busca que precisa ser incorporado em suas ações cotidianas.

De modo geral, como afirma Andrade (2003), o corpo que passa a ser entendido como significante na sociedade capitalista se encontra vinculado às relações de poder que a sustenta, o que leva a produção “[...] de efeitos de sentido, produzindo identidades sociais e culturais particulares” (ANDRADE, 2003, p. 122), ou seja, o corpo assume os holofotes das atenções como um objeto perspicaz na obtenção de lucro.

Os marcadores identitários que definem e classificam como deve ser o modelo de corpo a ser seguido, compreendem esse corpo como um objeto que para atender tal demanda precisa ser tratado, cuidado e construído continuamente, ou seja,

[...] o corpo visto desde esta perspectiva, é um constructo social e cultural alvo de diferentes e múltiplos marcadores identitários. É nele que marcas, símbolos culturais são inscritos e funcionam como um modo de classificar, agrupar, ordenar, qualificar, diferenciar, etc. (ANDRADE, 2003, p. 123).

Assim, estas representações que o corpo vem recebendo no decorrer do século XX, foram produzidas, inventadas e atribuídas para atender as necessidades de produção e consumo do mercado capitalista.

A conquista do corpo ideal veiculada pela indústria cultural faz com que o indivíduo busque pelo autocontrole constante, se autodisciplinando, o que envolve não só a força de vontade, mas restrições, vigilância e sacrifícios constantes, em busca de um corpo magro, esguio e belo como trabalhado por Andrade (2003).

O que acaba transformado o sujeito em um consumidor insaciável, em busca de satisfazer as promessas disseminadas pela indústria cultural, que constantemente cria e recria novos padrões a serem seguidos, junto a ele novas necessidades de consumo que precisam ser saciadas. O corpo torna-se um artefato de presença artificial, substituível, que pode ser redefinido e reconstruído de acordo com o gosto do momento. O corpo se tornou, de acordo com Padovani (2005), um objeto de desejo, uma fonte de prazer atrelada à lógica do consumo, além de ser um instrumento de produção.

Pelo que vem sendo analisadas, as transformações feitas ao corpo, na busca pelo modelo corporal de beleza, saúde e estética se encontram nesta sociedade ao alcance de todos, ou melhor, de todos que podem pagar, pois, para melhorar suas características, modificando seus aspectos físicos por meio dessas técnicas alternativas requer gastos, requer consumo, requer disciplina e vigilância diárias. Portanto:

[...] a indústria da beleza aumentou seu faturamento nos últimos anos, ocorrendo um progressivo aumento do número de produtos dietéticos, cosméticos, cirurgias plásticas para fins estéticos e proliferação do número

de academias, que se tornaram verdadeiros templos de culto ao corpo (SILVA, 1997, p. 21).

Assim, essa imagem de beleza que a indústria cultural por meio dos veículos de comunicação de massa torna pública, já que, a mesma disponibiliza receitas que ensinam como ser belo, como chegar ao abdômen definido ou ao bumbum durinho, dentre outros elementos e receituários que acaba produzindo essa imagem genericamente construída, espalhando-a por toda parte como forma de impulsionar a cultura da produção e do consumo. Sendo assim, não há dúvida que a indústria da beleza tornou-se um dos ramos mais rentáveis nestes últimos 70 anos, principalmente a partir das décadas finais do século XX.

Toda essa publicidade criada pela indústria cultural acerca do modelo corporal de beleza acabou levando suas características biológicas a se sobreporem a suas características históricas e sociais, pois, o corpo construído pela mídia acaba sendo fragmentado, onde se abre para o consumo a possibilidade de modificação de suas partes específicas. Portanto, de acordo com Silva (1997) a mídia exerce grande influência na construção imaginética do ser belo, ser perfeito e ser saudável, fazendo com que os grupos sociais que incorporem tal ideal representem um papel significativo na/para sociedades capitalistas.

A alienação forjada pela mídia, deixa explícita que seu interesse pelo corpo resume-se em um produto para comercialização, controle e consumo, manipulando os gostos e costumes do ser humano a partir do processo de desconstrução de seu próprio corpo. Tendo em vista que:

Os meios de comunicação de massa constroem e apresentam à sociedade o corpo desejável, “perfeito”, transformado e “feliz”: protótipo do belo. Normalmente, cabe aos profissionais de Educação Física uma prática que reproduza esse protótipo. Nesse aspecto, a beleza do corpo padrão se detém exclusivamente na aparência: vestir-se de acordo com a moda, exercitar-se três horas por dia, alimentar-se à base de produtos diet e light, transformar-se a partir dos recursos biotecnológicos. Tudo isso em nome da “saúde” e da beleza (COSTA; VENANCIO, 2004, p. 60).

O ideal de beleza aparece nesse cenário como uma mercadoria que passa a ser produzido pelo modo de produção capitalista, como objeto maior de fomentação do consumo

e de aumento do lucro, onde por meio da moral das aparências passam a vender estilos de vida e a aumentar o consumo na busca desse corpo saudável e belo, padronizado pela mídia.

Seguindo por este viés não há de se estranhar nessas últimas décadas como demonstra Costa e Venâncio (2004), o quantitativo crescimento de academias de ginástica, produtos dietéticos e cirurgias plásticas. A aparência assume nesse cenário uma forma de controlar as relações sociais, políticas e econômicas, entrelaçando a imagem real à imagem ideal a ser assumida, assim não é aceitável nessa sociedade se desviar desse padrão de beleza utilitarista, o que de certa forma acarreta a perda da identidade corporal real do indivíduo.

Destarte, o corpo ao longo desse processo é transformado não só pela biotecnologia, mas também pelas práticas sociais e culturais que envolvem a expansão do mercado capitalista, pois, todos esses elementos estão presentes no processo de mercadorização da beleza, onde a busca pelo corpo “esculpido” torna-se o pilar desse processo. É no corpo e pelo corpo que o homem constrói sua identidade, que ele constrói sua história, sua cultura.

O meu rosto, a qualidade dos meus cabelos, a cor dos meus olhos, o tamanho dos meus músculos, a maciez da minha pele e a quantidade de gordura no meu corpo revelam o meu caráter e as minhas qualidades. Isto é, minha aparência física revela minha identidade supostamente “real” (MATTOS, 2010, p. 54).

O corpo nessa perspectiva torna-se como denominado por Azevedo e Gonçalves (2007), um objeto a ser moldado e modificado de acordo com o gosto do dia, onde o corpo torna-se a identidade do homem para suprir as exigências de diversos setores, seja estes do trabalho, social, econômico, cultura, etc. A indústria cultural passa a ser entendida nesse meio, como uma poderosa ferramenta que cria e recria estratégias para que esse corpo possa ser modificado constantemente.

Além disso, a busca por um corpo utopicamente considerado “perfeito”, como afirma Oliveira *et. al.* (2010), acaba levando neste contexto a um exacerbado culto e doutrinação do corpo e da beleza. As estratégias utilizadas como cuidados com o corpo seja estas vinculadas ao mercado dos cosméticos, fármacos, produtos alimentícios ou das cirurgias plásticas, colaboram diretamente como estratégias que produzem, como denominado por

Damico (2007), sujeitos genericamente modificados, onde a aparência recriada desse corpo assume o status de ser o próprio corpo, transformando-se na própria identidade do ser.

A beleza que na sociedade capitalista passa a ser agregada à mercadoria por meio da falsa promessa propagada pela indústria cultural aumenta de forma considerável sua possibilidade de fascínio, sedução e por fim o consumo.

Essa exacerbada busca pelo corpo perfeito, levou este a se tornar como denominado por Goldenberg (2006), em uma natureza a ser cultivada. Neste caso, percebe-se que ainda ocorre um inegável distanciamento do corpo real, que caracteriza a vida dos sujeitos, do corpo ideal prometido, mas não cumprido pela indústria cultural, que torna as pessoas incansáveis consumidoras em busca de alcançar determinado padrão de beleza corporal e extirpar por completo essas “imperfeições” que norteia a concepção de corpo. O corpo torna-se uma embalagem, que precisa constantemente ser modificado, para que seja possível alcançar a beleza e a felicidade que os meios de comunicação de massa propõem em seus anúncios.

O corpo para melhor expor-se ao mundo nessa sociedade, passa a ser compreendido como a própria condição material de existência humana. Temos então, como demonstra Azevedo e Gonçalves (2007), como também por Baptista (2013) a exaltação de um corpo coisificado que se transforma e se reconstrói.

Sua transformação em objeto a ser moldado traduz-se de imediato nos catálogos que os cirurgiões dispõem nas salas de espera e que mostram aos clientes para, assim, propor uma intervenção precisa: seios modificados por próteses ou remodelados, vários tipos de liftings, lábios reconstruídos por injeções, lipoaspiração ou retalhamento da barriga ou das coxas, implantes subcutâneos, tudo para induzir as proporções físicas desejadas (AZEVEDO; GONÇALVES, 2007, p. 75).

Trata-se de reproduzir uma visão fragmentada do próprio corpo. Partindo do que vem sendo exposto, a indústria cultural ao estabelecer esses padrões alienantes acaba criando um ideal de corpo que passa a servir como objeto de desejo e consumo, o que acaba homogeneizando os gostos e padronizando os modelos estéticos, desconsiderando as diferenças e peculiaridades de cada sujeito, o que leva as pessoas a sacrificarem e exporem seus corpos em nome do embelezamento e da sua satisfação pessoal.

Nesse sentido, a educação dada ao corpo materializada pelos ditames da lógica de mercado e da indústria cultural e respaldada pela educação física como ferramenta disciplinar, tem contribuído para a formação artificial e danificada do sujeito, que além de induzir ao consumo, cria falsas necessidades, voltadas para direcionar os consumidores aos produtos que dizem em suas “bulas” e “rótulos”, serem capazes de levar o indivíduo a alcançar os padrões de corpo que são socialmente impostos.

Por fim, partindo da influência exercida pela Indústria Cultural e pela Educação Física na construção e produção de um modelo de beleza corporal aliada ao modo de produção capitalista, nos faz compreender que:

[...] a sociedade constrói o corpo. A cultura se inscreve no corpo e as diferenças corporais são produtos das diferenças sociais. Cada ser envolvido em exercícios físicos, da escola as academias de ginástica, produz e reproduz uma realidade coletiva, inscrita e rabiscada nos ossos, músculos e pele (MATTOS, 2010, p. 300 – 301).

Desse modo, as representações e os significados econômicos sociais e culturais que envolvem a formação e disciplinamento do corpo, são provisórios e mutáveis, e variam conforme o tempo e o lugar onde o corpo se faz presente. Portanto, seu processo de resignificação na sociedade capitalista acaba o transformando, como denomina Baptista (2013), no lócus de intervenção do modelo de produção vigente, sua fonte de lucro, seu objeto de consumo.

Mas, vale afirmar que apesar da fragmentação que permeia o corpo nesta sociedade, não podemos discutir sobre sua existência e formação partindo apenas de sua esfera biológica, pois, este é também um constructo histórico e social, mesmo que as concepções de corpo que vêm sendo criadas sejam resultantes da dominação, do poder, da exploração exercida pelos meios de comunicação, estando este articulado com a lógica do capitalismo, temos que convir que sua contribuição vá além de sua estrutura biológica, pois, o corpo se inscreve na história não só através de sua esfera biológica, mas, também como uma estrutura social e cultural que assume as características impostas por cada momento histórico.

CAPITULO III

3. CORPO E BELEZA: REPRESENTAÇÕES E CONCEPÇÕES DE BELEZA CORPORAL PRESENTES NOS ARTIGOS PUBLICADOS PELAS REVISTAS: EDUCAÇÃO FÍSICA/UEM; MOVIMENTO; PENSAR A PRÁTICA; FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA UNICAMP: CONEXÕES.

Neste capítulo por meio do mapeamento feito nos periódicos citados, analisaremos o conjunto de produções e informações que os mesmos trazem sobre essa temática. Assim, apresentaremos os principais dados identificados na pesquisa realizada, partindo das investigações dos periódicos analisados. Portanto, pretendemos desenvolver este capítulo em duas partes. Na primeira, apresentaremos o quantitativo de artigos que trazem estudos realizados sobre esta temática e que foram identificados em cada revista, bem como os autores, títulos, ano e volume das publicações identificadas. É realizada também neste momento, uma breve análise acerca das discussões que os autores de cada artigo mapeado trazem em seus textos em relação ao tema proposto.

Na segunda parte a ser desenvolvida, faremos uma análise estabelecendo um diálogo entre os textos identificados e as construções teóricas elaboradas nos dois capítulos anteriores. Portanto, buscaremos compreender qual a concepção de corpo que vem sendo produzida e reproduzida no decorrer do século XX para atender aos interesses mercadológicos dentro do modo de produção do mercado capitalista.

3.1. APRESENTANDO OS PRINCIPAIS DADOS IDENTIFICADOS NA PESQUISA

Neste momento pretendemos apresentar os artigos identificados em cada periódico analisado a partir da identificação dos textos que se debruçam sobre a questão do corpo e sua construção voltada para atender aos interesses mercadológicos do capital. No quadro abaixo segue o levantamento dos quatro periódicos analisados, bem como o ano de publicação, volume e número de artigos encontrados.

A seleção dos artigos publicados nos periódicos em análise foi realizada a partir de seus títulos, das informações elencadas no resumo e fazendo uso de palavras-chave, onde buscamos em todos os volumes e números desses periódicos pelos termos: corpo, educação física, indústria cultural e capitalismo ou respectivamente pela presença de pelo menos dois

desses termos em cada artigo selecionado. O resultado encontrado é o exposto no quadro abaixo.

Quadro 1: Relação de textos identificados em cada periódico de acordo com ano, volume e número da publicação.

| Período | Periódico | Ano de Publicação Selecionados | Volume e Número das Revistas | Número de Artigos Selecionados Relacionados ao Objeto de Pesquisa |
|-------------|--|--|---|---|
| 1989 – 2013 | Revista de Educação Física/UEM | 1998 1999 2008 2008 2012 | V. 9, N. 1(1998) V.10, N.1(1999) V.19, N.1(2008) V.19, N.4(2008) V.23, N.3(2012) | 5 |
| 1994 – 2013 | Revista Movimento | 1995 1996 1997 2003 2006 2007 2008 2009 2010 2010 2011 | V.2, N.2(1995) V.3, N.4(1996) V.4, N.6(1997) V.9, N.1(2003) V.12, N.1(2006) V.13, N.1(2007) V.14, N.1(2008) V.15, N.4(2009) V.16, N.1(2010) V.16, N.4(2010) V.17, N.3(2011) | 11 |
| 1998 – 2013 | Revista Pensar a Prática | 2004 2005 2007 2007 2008 2012 2013 | V.7, N.1(2004) V.8, N.2(2005) V.10, N.2(2007) V.10, N.2(2007) V.11, N.3(2008) V.15, N.4(1012) V.16, N.2(2013) | 7 |
| 1998 – 2013 | Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP: Conexões | 2007 2009 2010 | V.5, N.1(2007) V.7, N.2(2009) V.8, N.2(2010) | 3 |

De acordo com os dados mapeados no quadro 1, percebemos e identificamos que apesar dos estudos relacionados ao corpo estar ganhando centralidade, principalmente a partir do século XX, este ainda não é o assunto central desenvolvido por alguns periódicos de Educação Física, tal mapeamento nos possibilitou perceber que as produções relacionadas ao

objeto de pesquisa desse trabalho ainda são poucos. Tendo em vista que a maioria dos periódicos analisados começou a ser publicados na década de 90 do século XX.

Na revista de Educação Física/UEM de 1989-2013, só foram encontradas informações sobre o objeto pesquisado em 5 publicações. A Revista Movimento é a que mais nos traz artigos que fazem referência à temática pesquisada, pois de 1994 – 2013 foram mapeados 11 publicações sobre este tema. Fazendo referência a Revista Pensar a Prática, de 1998 – 2013 foi possível realizar o levantamento de 7 artigos que trazem colaboração para a realização dessa pesquisa. Por outro lado, a Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP: Conexões no ano de 1998 – 2013, só foram encontrados 3 publicações que trazem relação com a pesquisa que vem sendo desenvolvida.

Neste sentido, é possível identificar que o quantitativo de artigos encontrados que fazem referência à temática corpo e sua relação como objeto de produção e consumo do modo de produção capitalista ainda são poucos, porém, relevantes para a realização das análises realizadas por esta pesquisa. Ao todo, foram analisados a partir do mapeamento feito nos quatro periódicos, 26 artigos, que se tornaram referências fundamentais para solidificar a investigação realizada em relação à concepção de corpo que vem sendo produzida e reproduzida no decorrer do século XX, como forma de atender aos interesses mercadológicos do modo de produção capitalista.

A partir dos dados analisados foi possível construirmos também os quadros de 2 a 5, nos quais apresentamos de acordo com o mapeamento feito nos periódicos, os autores, os títulos dos artigos e o ano de publicação. Vale ressaltar que apesar de haver várias publicações nestes periódicos que trazem discussões voltadas para a temática do corpo os mesmos não foram citados neste mapeamento por não trazerem informações coniventes com a proposta de análise e estudo desta pesquisa.

Como pode ser observado no quadro 2 somente nos periódicos publicados no ano de 1998, 1999, 2008, 2012 é que foram feitas publicações relacionados a pesquisa, ao todo apenas 5 artigos a partir das palavras-chave pesquisadas, bem como por meio da análise de seus títulos e resumos é que trazem informações coniventes com o tema analisado e por isso foram utilizados como objeto de estudo para a realização dessa pesquisa.

Assim, segue no quadro abaixo o levantamento e informações dos artigos analisados na Revista de Educação Física/UEM.

Quadro 2: Artigos Identificados na Revista da Educação Física/UEM.

| Autores | Título do Artigo | Ano de Publicação e Volume |
|--|--|----------------------------|
| Wilson Aparecido da Mata | Da força física à estética corporal: as mudanças nas relações sociais retratadas no corpo. | V. 9, N. 1(1998) |
| Conrad Vilanou | As aventuras do corpo humano | V.10, N.1(1999) |
| Andréia Santos Gonçalves Aldo Antonio de Azevedo | O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo? | V.19, N.1(2008) |
| Leila Salvini Mauro Myskiw | Representação do Corpo Feminino na Revista Claudia no ano de 2006: Retrato de uma Produção Restrita. | V.19, N.4(2008) |
| Marcelo Callegari Zanetti Altair Moioli Mauro Klebis Schiavon Flávio Rebutini Afonso Antonio Machado | Corpos Belos nos Ambientes Virtuais: Estudo por meio da sociologia visual. | V.23, N.3(2012) |

Deste modo ao analisar o título e o desenvolvimento textual dos cinco artigos selecionados no quadro acima, percebe-se que estes trazem diferentes interpretações acerca da visão e concepção de corpo que vem sendo trabalhado. O artigo de Da Mata (1998), faz uma análise acerca de uma estética padronizada do corpo e a influência do mercado de trabalho e da Educação Física na formação do indivíduo e da construção de uma estética padronizada de corpo, que passa a ser imposto e reproduzido pelo meio social como um objeto moldável e manipulável, fazendo com que este passe a ser visto e reproduzido como sinônimo de aceitação e ascensão social.

Em relação ao artigo de Vilanou (1999), este vem fazer uma análise sobre as diferentes concepções de corpo que surgem potencializados pelos avanços técnico-científicos, fazendo com que este transmute de acordo com os ditames impostos pelo mundo da moda. O artigo de Gonçalves e Azevedo (2008), publicado por esta revista faz uma análise acerca da re-significação do corpo por meio da conscientização dos sujeitos nas aulas de educação física escolar, ou seja, a necessidade de ver e analisar o corpo não só como um produto, um rascunho a ser corrigido, mas como um fenômeno social, cultural e biológico.

Em relação ao artigo de Salvini e Myskiw (2008), como o próprio título do artigo sugere, é feita uma análise acerca da representatividade da imagem corporal feminina apresentada nas capas da Revista Cláudia, onde o corpo acaba sendo analisado como um acessório manipulável e cheio de fetiches. Por outro lado, o artigo de Zanetti *et.al.* (2012), analisa a construção desse modelo estereotipado de beleza nos ambientes virtuais, partindo da análise dos atributos físicos almejados tanto pela mulher, como pelo homem, chegando a conclusão que mesmo nos ambientes virtuais é percebida a reprodução de padrões corporais cultuados pela sociedade capitalista como ideais.

A análise realizada no quadro seguinte faz referência aos artigos mapeados e selecionados em algumas edições da Revista movimento. Como demonstra o quadro 3 a Revista Movimento entre os anos de 1995 – 2011 é o periódico que mais apresenta publicações a respeito do tema analisado, dentre todas suas edições foram mapeados 11 artigos que possuem relação com o debate sobre o corpo dentro do contexto da sociedade capitalista e/ou a perspectiva cultural da sociedade atual. Assim é possível identificar alguns aspectos relevantes em alguns dos textos como pode ser observado nas ponderações feitas abaixo.

Em seu artigo Daolio (1995) analisa o corpo enquanto uma síntese cultural, portanto, na visão deste autor, o corpo não é só biológico, mas também cultural, pois, este acaba expressando especificidades de cada sociedade que o idealiza. Em relação à Uvinha (1996), este tece uma análise acerca da influência dos mecanismos de comunicação na produção e disseminação da imagem de um corpo belo, jovem e saudável.

O artigo de Garcia (1997) traz análises semelhantes às propostas por Daolio (1995), já que, as ideias desenvolvidas por este autor também analisa o corpo não só como um produto biológico, mas cultural, pois, a busca pela beleza e pela constante modelação corporal se encontra envolvida por parâmetros sócio-culturais que visam atender as necessidades de determinados momentos históricos. Nas análises feitas por Andrade (2003) em seu artigo, o corpo é entendido como um constructo histórico, social e cultural, que vem sendo influenciado pela mídia, a publicidade e acaba sendo re/descoberto, re/inventado e representado de diversas formas de acordo com o gosto do momento.

O artigo de Hansen e Vaz (2008) nos traz uma análise sobre a fragmentação sofrida pelo corpo e a necessidade de trabalhar minuciosamente suas partes, como forma de se conquistar o ideal de beleza física produzida e reproduzido pela sociedade capitalista. Nesse

contexto o corpo é dividido em peças anatômicas que precisam ser remodeladas, lapidas e trabalhadas para atingir a concepção de beleza compreendida como ideal. A análise realizada por Damico (2007) em seu artigo, como o próprio título sugere analisa o cuidado que o corpo vem recebendo, como uma estratégia que culmina na produção do corpo generificado, analisando também a influência dos meios de comunicação de massa na produção desse corpo. De acordo com as ponderações deste autor o corpo perde sua naturalidade em prol de uma construção artificial que produz e reproduz um modelo de corpo divulgado e fomentado pela indústria cultural.

Em relação a Albino e Vaz (2008), os autores propõem analisar os cuidados com o corpo prescritos pela Revista Boa Forma, fazendo respaldo ao papel da Indústria Cultural neste processo. Temos neste contexto um corpo recortado e esquadrinhado que precisa ser trabalhado em partes, um corpo que precisa ser disciplinado e vigiado, para se adequar aos padrões de beleza vigentes. Percebe-se neste contexto, que Revistas como a Boa Forma, traz em seu interior receitas diversas, que ensinam e induzem os sujeitos a buscar por um ideal de beleza que muitas vezes foge de sua realidade.

O artigo de Mendes (2009) faz respaldo ao papel que a Educação Física vem assumindo na associação que se faz entre saúde e um dado padrão específico de estética corporal, que acaba sendo reproduzido e produzido pelo meio social. O artigo de Oliveira *et. al.* (2010), faz uma análise dos apelos mercadológicos encontrados nos discursos de construção de um corpo ideal contidos na Revista Boa Forma, analisando o papel exercido pela mídia na produção e exibição de corpos esbeltos e malhados. Tal análise leva-nos a refletir sobre quão a indústria cultural vem colaborando para a alienação e submissão dos sujeitos a ditadura da beleza.

Assim, como outros autores vem trabalhando, Mattos (2010) analisa o corpo não só como produto da sociedade, mas também como um construtor de sentidos e significados culturais, fazendo respaldo ao papel assumido pela Educação Física nesse processo. Godoi (2011), como o próprio título de seu texto sugere, tece uma análise em relação ao volume e estética do corpo feminino em blogs na Internet, ou seja, faz respaldo também à influência exercida pela mídia, a publicidade e a própria Indústria da Beleza, na construção e reconstrução do corpo que acaba sendo produzido e consumido pelo mercado econômico/social/cultural.

Quadro 3: Artigos Identificados na Revista Movimento.

| Autores | Título do Artigo | Ano de Publicação e Volume |
|--|--|----------------------------|
| Jocimar Daolio | Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física | V.2, N.2(1995) |
| Ricardo Ricci Uvinha | O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo | V.3, N.4(1996) |
| Rui Proença Garcia | A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo | V.4, N.6(1997) |
| Sandra dos Santos Andrade | Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. | V.9, N.1(2003) |
| Roger Hansen Alexandre Fernandez Vaz | “Sarados” e “gostosos” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação | V.12, N.1(2006) |
| José Geraldo Soares Damico | O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados | V.13, N.1(2007) |
| Beatriz Staimbach Albino Alexandre Fernandez Vaz | O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma | V.14, N.1(2008) |
| Maria Isabel Brandão de Souza Mendes | Do ideal de robustez ao ideal de magreza: Educação Física, saúde e estética. | V.15, N.4(2009) |
| Alexandre Palma de Oliveira Monique Assis Yara Lacerda Marcos Bagrichevsk Karen Santana de Sampaio | Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. | V.16, N.1(2010) |
| Rafael da Silva Mattos | Sociologia do Corpo é Sociologia da Educação Física | V.16, N.4(2010) |
| Marcos Roberto Godoi | Corpos femininos volumosos e estética: discursos contra-hegemônicos sobre beleza em blogs na internet | V.17, N.3(2011) |

No próximo quadro, podem ser visualizados os artigos mapeados nas edições da Revista Pensar a Prática. Como pode ser observado, a Revista Pensar a Prática publicou 7 artigos entre 2004 – 2013 que desenvolveram estudos relacionados ao objeto desta pesquisa.

Apesar de não ser um quantitativo expressivo, os artigos identificados foram fundamentais para a compreensão do objeto de estudo analisado.

Pelo título dos artigos mapeados na Revista Pensar a Prática, percebemos que Costa e Venâncio (2004), propõem um estudo sobre o papel da Educação Física e da Indústria Cultural na construção das concepções e funções assumidas pelo corpo, como um produto de comercialização, consumo e controle social, além de fazer respaldo a ideia de saúde como sinônimo de beleza. O artigo de Silva e Moreno (2005) traz um estudo sobre a influência exercida pelo desenvolvimento técnico científico sobre as novas formas de intervenções sobre o corpo, um corpo que precisa continuamente ser melhorado, ampliado e melhor adaptado às necessidades do momento, o que os autores acabam denominando como “novo eugenismo”.

Em relação ao texto de Gonçalves e Azevedo (2007), que também foi publicado em outro periódico analisado por esta pesquisa, este vem abordar acerca do papel da Educação Física no processo de re-significação do corpo, frente ao estereótipo e ideal de beleza que vem sendo produzido pelo meio social, que acaba transformando o corpo em um produto, em um rascunho a ser corrigido.

Autores como Torri, Bassani e Vaz (2007), tecem uma análise acerca da preocupação exacerbada em modelar, cuidar e embelezar o corpo, contrapondo o que o corpo deve ser com aquilo que ele não deve ser tendo como pressuposto o ideal de beleza que vem sendo socialmente imposto. As visões desenvolvidas por estes autores partem de um estudo desenvolvido a partir de observações realizadas em uma academia de ginástica. O estudo também apresenta um processo de “naturalização” em relação à dor e o sofrimento que envolve a constante busca pelo corpo perfeito, neste caso no interior de uma academia, demonstrando que em ambientes como este o corpo não só é construído, moldado, remodelado e disciplinado, como também passa a ser consumido na busca pela eterna juventude e perfeição corporal. Assim, são utilizadas as mais diversas técnicas para educar o corpo, mantendo-o belo e com a forma física adequada, entretanto, o preço pago pela conquista desse ideal de corpo se encontra envolta por um processo de contínuas privações, dores e sacrifícios como mostra a análise desenvolvida por este artigo.

Em relação ao artigo de Dalben e Soares (2008), estes desenvolvem suas análises em relação a algumas publicações da Revista Vida e Saúde da década de 1940 a 1950, trazendo reflexões sobre a educação dada ao corpo feminino sugerido pelas páginas desta revista, analisando os discursos sobre a saúde e a beleza feminina. Já Baptista (2012), tece uma

análise acerca da influência do trabalho sobre a determinação do corpo, analisando também quais as contribuições da Educação Física neste contexto.

Por sua vez, Silva e Porpino (2013), buscam analisar a tríade corpo, beleza e cultura, por meio do estudo de algumas dissertações produzidas pelo campo de estudo da Educação Física. Nesse contexto, tanto a compreensão do corpo, como da beleza assumem outra concepção estética do belo, onde o corpo é analisado não só pela sua condição biológica, como cultural.

Quadro 4: Artigos Identificados na Revista Pensar a Prática.

| Autores | Título do Artigo | Ano de Publicação e Volume |
|---|---|----------------------------|
| Elaine Melo de Brito Costa Silvana Venâncio | Atividade Física e Saúde: Discursos que controlam o corpo. | V.7, N.1(2004) |
| André Luiz Silva Andréia Moreno | Frankenstein e Cyborgs: Pistas no Caminho da Ciência indicam o “novo eugenismo” | V.8, N.2(2005) |
| Andréia Santos Gonçalves Aldo Antonio de Azevedo | A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade. | V.10, N.2(2007) |
| Giselle Torri Jaison José Bassani Alexandre Fernandez Vaz | Dor e Tecnificação no contemporâneo culto ao corpo | V.10, N.2(2007) |
| André Dalben Carmen Lúcia Soares | A Revista Vida e Saúde: Modos de Olhar e Educar o corpo feminino em suas páginas (1940 – 1950). | V.11, N.3(2008) |
| Tadeu João Ribeiro Baptista | Da disciplina do corpo e educação física: notas para entender algumas relações sociais. | V.15, N.4(2012) |
| Liege Monique Filgueiras da Silva Karenine Oliveira Porpino | Corpo, Beleza e Cultura: Reflexões a partir da produção científica da educação física. | V.16, N.2(2013) |

No quadro cinco, como apresentado abaixo a avaliação recai sobre os artigos selecionados na Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP: Conexões.

Quadro 5: Artigos Identificados na Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP: Conexões.

| Autores | Título do Artigo | Ano de Publicação e Volume |
|---|---|----------------------------|
| Aldo Antonio de Azevedo Andréia Santos Gonçalves | Reflexões acerca do papel da re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. | V. 5, N.1(2007) |
| Marcos Garcia Neira Nei Jorge dos Santos Júnior Ana Paula da Silva Santos | Corpo Feminino na TV: Reflexões necessárias no âmbito da Educação Física Escolar | V.7, N.2(2009) |
| Rafael da Silva Mattos | Uma analítica da beleza corporal: notas a partir de Kant. | V.8, N.2(2010) |

No quadro 5 percebemos que o periódico em análise foi o que apresentou menor número de publicações relacionadas à temática proposta, somente nas publicações de 2007, 2009 e 2010 foram encontrados artigos que discutiam a relação entre o corpo, a indústria cultural e/ou a sociedade capitalista.

Um fato interessante é que o artigo publicado no volume 5 desta revista é uma publicação de Azevedo e Gonçalves (2007), um estudo que também foi identificado em outros dois periódicos analisados pela presente pesquisa. Neste artigo como já vem sendo exposto é apresentada uma reflexão interpretativa sobre o papel da educação física na re-significação do corpo, contrapondo-o ao estereótipo de beleza que vem sendo construído em prol de atender aos ditames do mercado capitalista, um corpo que passa a ser modificado de acordo com as circunstâncias do momento.

Como observado no quadro 2 e no quadro 4 o artigo citado acima também foi publicado pela Revista da Educação Física/UEM, em 2008 e na Revista Pensar a Prática, em 2007. Fazendo aqui uma breve análise acerca deste estudo, a partir do título apresentado pelo artigo nestas três publicações em distintos periódicos, pode ser percebido que este passa por alterações não só em seu título, mas também em algumas apreciações e análises realizada no decorrer do texto, bem como nas palavras-chave e nos referenciais utilizados para sua construção. Como pode ser observado no quadro 2, 4 e 5 o título do artigo apesar de possuir o mesmo sentido recebe algumas modificações em relação a sua escrita de uma publicação para outra.

No tocante às palavras-chaves, a Revista Conexões e Pensar a Prática apresentam às mesmas, já na Revista da Educação Física/UEM, as palavras-chave passam por algumas modificações. Fazendo uma ressalva aos autores citados nas respectivas publicações podem ser percebidas algumas diferenças, já que, o texto apresentado na Revista Conexões e na Revista de Educação Física/UEM, traz para o seu referencial autores como Azevedo (1993) e Da Matta (1985), porém, ambos referenciais não se encontram presentes no texto publicado na Revista Pensar a Prática.

Algumas alterações na ordem e construção textual também foram identificadas. O texto de Gonçalves e Azevedo (2008), publicado pela Revista da Educação Física/UEM, dentre sua elaboração traz um subtítulo denominado “Reflexões Iniciais”, o mesmo não se faz presente na publicação da Revista Pensar a Prática e na Revista Conexões. Neste tópico os autores realizam um breve estudo em relação ao significado assumido pelo corpo ao longo da história, tendo em vista que a constituição da aparência corporal acaba sendo entendida e reproduzida como uma necessidade para que o indivíduo possa melhor ser aceito socialmente e possa se adequar ao padrão de beleza imposto que passa a ser tido como ideal.

A versão publicada na Revista Pensar a Prática traz um subtítulo denominado “O grande projeto de arquitetos mutáveis”, o mesmo não se faz presente nos textos publicados pelos outros dois periódicos. Entretanto, a ideia desenvolvida inicialmente por este tópico é a mesma desenvolvida nas outras duas publicações. As discussões a priori desenvolvidas giram em torno da evolução e utilização de novas tecnologias na modificação da aparência física do sujeito, em prol de um ideal de beleza que vem sendo imposto.

Contudo, no texto publicado pela Revista Pensar a Prática, procurou em linhas gerais desenvolver de maneira mais profunda essa noção de um ideal de beleza que passou a ser fabricado, tornando a construção do corpo em um produto, uma experiência laboratorial que pode ser modificada de acordo com o gosto e a necessidade do momento.

Com as análises tecidas neste estudo o corpo que passa a ser invadido pelo uso da tecnologia “[...] deixa de ser o sujeito e torna-se objeto em seu ambiente” (GONÇALVES; AZEVEDO, 2007, p. 211). O que os autores procuram realçar neste tópico é a transformação do corpo em um simples acessório de presença, abrindo assim um questionamento sobre como re-significar este corpo no ambiente escolar por meio da educação física, se a busca pelo esteticamente belo acaba fazendo com que o corpo seja invadido e remodelado pela tecnologia de acordo com as circunstância e exigências de distintos momentos.

Em contrapartida, o texto publicado pelas revistas da Educação Física/UEM e pela Revista Conexões trazem uma análise sobre “os usos do corpo pela mídia”, entretanto, esta discussão não se faz presente no texto publicado pela Revista Pensar a Prática. A discussão nesta centra-se na influência dos discursos midiáticos e os interesses mercadológicos que permeiam a construção de modelos de corpos ideais, o que acaba tornando as pessoas reféns de uma ótica corpórea estereotipada, além de potenciais consumidores não só de produtos, como de um modelo de beleza e estética como demonstra Gonçalves e Azevedo em suas respectivas publicações em debate.

Portanto, apesar das diferenças encontradas na publicação desse artigo nos referidos periódicos, fica visível que as reflexões desenvolvidas por estes evidenciaram a necessidade de reação e contestação a este modo como o corpo vem sendo controlado e trabalhado em prol da reprodução de padrões estéticos pré-definidos pela mídia, para atender aos interesses mercadológicos do mercado capitalista, o que acaba transformando a imagem corporal em um instrumento de poder, desejo e consumo a serviço dos interesses sociais, políticos e econômicos de uma sociedade que acabou se tornando escrava da aparência.

Nesse sentido, o caminho para sua ressignificação pode ser encontrado na prática pedagógica a ser desenvolvida pelo professor de educação física no âmbito escolar, por meio da conscientização crítica dos alunos em relação ao modelo de beleza e estética corporal vigente. Dando-lhe subsídios para recuperar a corporeidade como elemento necessário a formação humana e não como objeto de desejo e consumo, envolvido por um padrão alienante de beleza. Seria então esta conscientização o meio para conferir uma nova forma para ver e pensar este corpo, que vá além de sua definição biológica, mas como uma produção histórica, social e cultural.

Destarte a diferença pontuada em relação à publicação desses artigos em três periódicos diferentes só vem comprovar que o corpo e as múltiplas visões e definições a ele conferida, acabam desvendando um campo infinito de possíveis pesquisas e interpretações. A publicação deste artigo e as diferenças apresentadas em seu texto por estas revistas retratam bem essa visão de que uma mesma pesquisa pode trazer novas interpretações e análises sobre o objeto pesquisado, que neste caso é o corpo. Vale ressaltar que o foco deste trabalho não é tecer uma análise em relação às diferenças encontradas nas publicações feitas por estes periódicos sobre o mesmo artigo, porém não podemos descartar a possibilidade de tal achado se tornar um futuro objeto a ser pesquisado e analisado de forma mais profunda. Contudo,

para este trabalho, tal avaliação se fez necessárias para melhor compreendermos a forma como este corpo vem sendo produzido e reproduzido no cenário social sobre influência massiva dos meios de comunicação e do mercado capitalista.

Voltando a apreciação dos demais artigos mapeados para a realização deste trabalho. O estudo apresentado por Neira, Junior e Santos (2009), faz uma crítica sobre a construção do corpo pela mídia, partindo da relação entre corpo, mídia, gênero e Educação Física. Deste modo, os autores nos apresentam não só um corpo biológico, mas também envolto por historicidade, tendo em vista que cada cultura cria suas representações a partir de significados sociais e culturais assumidos pelo corpo no meio no qual ele faz parte.

De outro modo, Mattos (2010) como o próprio título de seu artigo sugere, vem fazer uma discussão acerca da beleza corporal na atualidade, tendo como base o referencial Kantiano. A educação física entrará nesta discussão enquanto disciplina que leva a pensar e refletir sobre a concepção de corpo que vem sendo disseminado na atualidade.

Enfim, é importante, percebermos que apesar dos artigos analisados realizarem diferentes interpretações sobre o corpo, fica explícitos nos mesmos, que todos os estudos propostos se encontram voltados para uma discussão que analise as diferentes concepções e formas de trabalhar e moldar este corpo no decorrer do século XX, bem como na primeira década do século XXI.

3.2. CRIANDO DIÁLOGOS: OS ARTIGOS E A REFLEXÃO A PARTIR DO NOSSO REFERENCIAL TEÓRICO.

O corpo como objeto de investigação, de adoração e de trabalho é algo que perpassa pela própria história da humanidade. Entretanto, marcos históricos como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial que sinalizam a era da modernidade, passam a caracterizar também a entrada em cena de novos interesses e concepções de corpo, criando assim novas formas de vê-lo e pensá-lo.

Partindo de tal contexto o corpo passa a ser analisado por outras lentes que precisam não só ampliá-lo, mas melhor adaptá-lo para atender as demandas de uma nova sociedade. O corpo a partir da visão instrumental que lhe é dada acaba se tornando “[...] um meio para atingir alguma coisa. Com ele ganha-se fama, dinheiro” (GARCIA, 1997, p. 69). Porém,

mesmo seu uso “instrumental” e/ou “sensual” que acaba reduzindo-o a sua esfera biológica, nos mostra que este também é um reduto de valores, da cultura e da identidade humana, tendo em vista que a busca pelo controle e construção de um novo ideal de corpo é também uma necessidade social.

Buscamos neste capítulo analisar quais as concepções de corpo e beleza que têm sido discutidas em algumas produções acadêmicas da Educação Física, já que, esta área, principalmente a partir de fins do século XIX e no decorrer do século XX influi diretamente na forma como este vem sendo pensado, produzido e ressignificado, por meio de uma concepção de beleza e de corpo padronizada e que vem se impondo sob o controle da Indústria Cultural como exigência para atender a demanda tanto da produção, como do consumo do mercado capitalista.

As análises de alguns artigos desses periódicos científicos trazem possibilidades para refletir e compreender que a construção desse corpo é algo que parte da necessidade e das condições históricas que vem sendo estabelecidas, principalmente após a Revolução Industrial, trata-se de um papel instrumental desenvolvido por este corpo para a constituição e manutenção desse sistema. Assim, para analisar as diferentes concepções de corpo que vêm sendo produzidas pelos meios sociais no decorrer do século XX, focaremos aqui nossas reflexões partindo dos ideais de corpo e beleza desenvolvidos e analisados por estes periódicos, tendo como premissa a relação que se constrói entre corpo, trabalho e capitalismo.

Assim essa preocupação exacerbada com a aparência e esse aumento com o cuidado com o corpo a partir principalmente de meados do século XX se encontram diretamente ligadas ao desenvolvimento e crescimento do mercado capitalista. Dessa forma, o “corpo deve acompanhar essas exigências e ser capaz de adaptar-se e apresentar-se da forma mais aceitável possível para o mercado” (DA MATA, 1998, p. 38).

Deste modo, a partir das análises que estão sendo realizadas é possível afirmar que não existe uma definição única que possa determinar o que é ou não belo, o próprio conceito e concepção de corpo e de sua instrumentalização é algo que historicamente vem recebendo novas formas de olhá-lo e pensá-lo. Portanto, em meio a tantos atributos e adjetivos que a valorização do corpo vem recebendo, para analisarmos como este constructo sócio-histórico e cultural vem sendo produzido, percebido e interpretado, se faz necessário pensá-lo como:

[...] resultado provisório de diversas pedagogias que o conformam em determinadas épocas e lugares; marcado muito mais pela cultura do que por uma presumível essência natural; que adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, autorizações e obrigações, para além de sua condição fisiológica (VAZ, 2006, p.63).

O corpo neste contexto se tornou algo transitório, um produto com selo de validade, tudo depende das padronizações que este recebe em cada momento histórico, em cada cultura. Nota-se nesta conjuntura que a busca pelo corpo ideal, além de tornar os sujeitos reféns dessa estética corporal pré-definida, acaba os tornando escravos de sua própria aparência. A beleza recebe uma valorização ilusória, conceituar o que é belo ou o que é feio é algo totalmente dependente do gosto do momento, pois, “[...] o feio é relativo aos tempos e às culturas, o inaceitável de ontem pode ser o bem aceito de amanhã e o que é percebido como feio pode contribuir, em um contexto adequado, para a beleza do conjunto” (ECO, 2007 apud ROCHA, 2011, p. 18).

Pode-se dizer de modo geral que as diferentes representações dadas ao corpo é algo que lhe foi atribuído através de processos de identificação e significação, o corpo é adequado às necessidades de produção e de consumo de cada época. Por sua vez, o corpo e a identidade assumida por este não é algo fixo, imutável, se hoje o desejo e a obsessão por um corpo magro, esbelto e belo assume papel central nas representações e significados dado a este, antigamente não era bem assim.

Em séculos anteriores, a gordura foi sinônimo de saúde, beleza e sedução. No século XX, principalmente a partir da segunda metade, essa representação sofre modificações, talvez uma inversão. A magreza encarna o novo ideal de beleza, e a gordura é associada a doença, à falta de controle sobre o corpo e, por extensão, também falta de controle sobre a própria vida. O crescimento da indústria, as novas frentes de trabalho, a necessidade de mão de obra maior e melhor qualificada, a otimização do tempo e dos espaços exige corpos mais ágeis, mais aptos. Assim, o excesso de peso começa a atrapalhar, lembrando o ócio e a imobilidade e não combinando com a modernidade e os ares cosmopolita do novo século (ANDRADE, 2003, p. 127).

Nesse sentido, o corpo passa a ser produzido como um espaço que envolve múltiplas instâncias sejam estas culturais, sociais, econômicas ou políticas, já que, a gordura que a

priori era um sinônimo de riqueza e fartura, passa a ser representada a partir do século XX como indicativo de doença, feiura, gula, já a magreza que anteriormente vinculava-se a uma vida menos abastada, servil, nesta conjuntura passa a representar uma concepção de saúde e beleza. Deste modo, é por meio da magreza que se formam neste contexto novas identidades corporais, a pessoa com excesso de gordura cabe adaptar-se, procurando meios para queimar e derreter essa gordura, pois, se não conseguir acompanhar com precisão este novo padrão corporal que vem sendo configurado, sua imagem corporal não terá uma boa aceitação social, pois, o corpo “gordo” é substituído pelo corpo “magro” e “esguio”.

A este respeito Garcia (1997) nos traz colocações bem contundentes, já que o autor pondera que essa padronização que perpassa o corpo é algo que se encontra inscrito no código cultural de cada sociedade, sendo assim suas modificações, vinculadas as concepções do ser belo ou feio é algo que se encontra atrelada a condições sociais, políticas e econômicas de determinados momentos históricos.

O corpo passa então a ser dotado e representado como um objeto provisório, mutável que varia conforme o lugar e o tempo onde este circula, vive, se expressa, se produz e é também produzido (NEIRA; JUNIOR; SANTOS, 2009), ou seja, a produção e modelagem desse corpo é algo construído a partir do olhar e do discurso que deixamos recair sobre ele, pois, as concepções de belo ou feio, de gordo ou magro sempre estiveram presentes na vida do sujeito ao longo da história, porém a valorização desses atributos se encontra arraigado aos interesses econômicos, políticos, culturais e sociais de cada época.

Entretanto, é perceptível que a preocupação exacerbada com o corpo ganha maior força e ênfase no decorrer do século XX. Podemos dizer que a mídia por meio da espetacularização dada ao corpo é uma das grandes responsáveis pelo lugar ocupado pelo corpo na conjuntura atual, bem como pela valorização que este vem recebendo, transformando-se em um produto de consumo e de uso.

O contexto em estudo nos mostra que “[...] o corpo está sendo transformado a partir de práticas sociais, culturais e tecnológicas” (COSTA; VENANCIO, 2004, p. 69), pois, estes fatores influem diretamente no modo de viver humano. O corpo passa a ser entendido como status de ascensão social, por isso é necessário que ele seja modificado, explorado e comercializado.

De acordo com Azevedo e Gonçalves (2007), o corpo hoje não é entendido como sujeito, mas se torna um objeto de adorno, um acessório repleto de imperfeições que precisam ser modeladas e remodeladas, um objeto manipulável que busca atender muitas vezes um padrão de beleza que nem é o seu, moldado de acordo com o relevo social que busca atender.

O corpo torna-se, então, um produto, um rascunho a ser corrigido, um acessório da presença, testemunha de defesa usual daquele que o encarna, sendo, assim, a descrição da pessoa deduzida da feição do rosto ou das formas de seu corpo (LE BRETON, 2006 apud AZEVEDO; GONÇALVES, 2007, p. 68).

Tomando esse trecho como premissa, percebemos que a “ditadura da beleza” acaba criando e recriando com o auxílio da Indústria Cultural um corpo típico para cada sociedade. O corpo, ou melhor, os ideais de corpo tornam-se uma tendência da moda, ora magérrimo, ora musculoso, forte, civilizado, produtivo, e é ele que historicamente vem sendo construído, manipulado, produzido e imitado, o que nos leva a crer que na atualidade é muito difícil falar de um “corpo natural” tendo em vista que esse na sociedade capitalista passou a ser “cultivado”, como nos retrata Goldenberg (2006). Em meio a tantas preocupações em corrigir defeitos ou imperfeições físicas e moldar o corpo perfeito não é de se estranhar que na atualidade vivemos um contínuo crescimento da indústria da beleza acompanhado pelo boom das cirurgias plásticas, como nos afirma Sant’Anna (2007).

O distanciamento cada vez maior entre o modelo de corpo real e o modelo de corpo ideal preconizado pelo mercado capitalista, levou à concepção de corpo a se tornar um desafio sócio – político e econômico como afirmado por Azevedo e Gonçalves (2007), este deve ser montado como se fosse um quebra-cabeça, mas que ao final de sua montagem deve servir e se encaixar perfeitamente nas exigências da sociedade atual. Dentro desse cenário do doutrinamento da beleza, percebemos que a concepção de saúde se encontra atrelada à busca pelo corpo perfeito. O doutrinamento da beleza tornou-se um “vale-tudo”, o corpo em si veiculado pela mídia passou a ser visto como um objeto de desejo e consumo. Neste ínterim,

O discurso midiático e os interesses mercadológicos por modelos de corpos ideais, para venderem seus produtos e sua ideologia que é dominante, crescem constantemente, e o poder que gira em torno deste imaginário faz

das pessoas reféns, até certo ponto, dessa ótica corpórea estereotipada (AZEVEDO; GONÇALVES, 2007, p. 76).

O intuito maior dessa propaganda é através da utilização dessa imagem corporal levar o indivíduo a tornar-se um consumidor desse modelo de beleza e estética produzido, fazendo com que o homem se torne prisioneiro de seu próprio corpo, cujo objetivo maior se pauta em deixá-lo dentro dos padrões de beleza aceitável e comercializável.

Para Baptista (2012), esse disciplinamento do corpo pauta-se em um determinado modelo ou padrão de beleza imposto, desta forma, a ideia de juventude, magreza e definição muscular são apresentados como referência para a construção e idealização desse corpo tido como perfeito, uma combinação perfeita a ser exercida pela Educação Física e propagada pela Indústria Cultural.

Em meio a tantas mudanças e significações não há como negar que o corpo vem passando por uma reversão de valores, principalmente pela relação estabelecida por este com a cultura de consumo, pois,

O corpo na modernidade é convocado pela mídia e pelas relações de consumo para vender estilos de vida saudáveis, como nas propagandas da eterna jovialidade, a erotização do corpo e o sexo desenfreado que produzem a compulsão e a “escravidão” da atividade física (COSTA; VENANCIO, 2004, p.61).

O corpo neste enredo transformou-se em um objeto a ser consumido, em um produto desejado, o que realça a relação existente entre o corpo ideal e o corpo real, onde esta plastificação corporal acaba mascarando a verdadeira essência corporal, pois, este é tomado, como demonstra Pereira (2013), como uma máquina imperfeita e frágil que a qualquer momento pode ser reconstruída e tornada perfeita, graças aos avanços tecnocientíficos.

Deve-se então acrescentar nesta análise que, “[...] em uma sociedade cujo padrão corporal é um corpo magro, esguio e/ou musculoso, o excesso de gordura destoa e incomoda por ser um corpo capaz de ser alcançado por qualquer um, sobremodo, em uma sociedade que busca a retidão” (SOARES, 2001a apud ALMEIDA *et. al.*, 2006, p. 803). Nesse contexto, o excesso de peso tornou-se um mal a ser combatido, pois, a obesidade não condiz com os

padrões corporais que na atualidade são taxados como ideais e tidos como necessários para o crescimento do capital.

Assim, o obeso na sociedade que tem como característica a magreza e o consumo exacerbado de produtos fornecidos pela Indústria da Beleza tornou-se um mal que precisa ser combatido, em nome de um padrão estético de beleza e de corpo que na grande maioria das vezes se quer será atingido. O corpo, ou melhor, a busca por se alcançar esse ideal de corpo propagado pela mídia, converteu-se na sociedade capitalista em uma mercadoria a ser comercializada de acordo com o gosto do momento, a beleza se tornou sinônimo de status social, e necessita ser redefinida sempre que necessário, como pondera Azevedo e Gonçalves (2007), para atender aos padrões sociais de beleza que passam a ser tomados como ideais.

Por conseguinte, se tomarmos como base o sentido comercial e capitalista que o culto ao corpo vem assumindo nesta conjuntura, temos que concordar que Sant'Anna (2007, p. 70), tem razão ao afirmar que em meio a esse gradativo avanço da Indústria da Beleza, “só é feio quem quer”, ou melhor, essa beleza se encontra ao alcance de quem possui o capital para pagar. Tendo em vista que os cuidados com o corpo não só se tornou uma efêmera preocupação, como também uma fonte inesgotável de investimentos, a busca por estar em conformidade com os padrões de beleza impostos pela sociedade tornou-se uma necessidade que precisa ser suprida a qualquer custo. Buscar pela beleza, passou a ser visto como um dever a ser cumprido, uma necessidade a ser saciada. Nesse contexto, “[...] o corpo é uma argila que se molda à vontade da cultura física e aos cuidados da beleza” (VIGARELLO, 2006 apud PEREIRA, 2013, p. 127).

O desenvolvimento técnico científico como ponderado por Silva e Moreno (2005), trouxe sem sombra de dúvidas novas possibilidades de se intervir sobre o corpo, fazendo com que este assumira um papel obsoleto, o objetivo é criar novas configurações para o corpo, pois, a “máquina humana” precisa ser “turbinada”, ampliada, melhorada e acima de tudo adaptada às necessidades produtivas e comerciais do momento. Quanto mais artificial é o corpo, maior é seu valor de troca e consumo em seu meio.

Segundo Silva e Moreno (2005), vivemos envoltos por uma “cultura artificial mascarada”, onde o homem por suas características cada vez mais artificiais passa a ser comparado a uma máquina, a uma coisa, coisificada e em contrapartida as máquinas representadas pelos andróides, robôs e cyborgs vem assumindo cada dia mais características de um ser humano, de uma raça que vem sendo melhorada e resignificada.

A este respeito Vilanou (1999), também tece suas contribuições, de acordo com o autor as diferentes concepções de representações assumidas pelo corpo humano no decorrer do século XX e primórdios do século XXI, acaba apresentando-o como um novo modelo de máquina, um motor a ser retificado, um robô ou um cyborg, um modelo de corpo que passa a atender as necessidades de uma nova sociedade industrial que precisou ser civilizado, reprimido e domesticado, para condizer com este novo projeto de civilidade e de bons costumes. Neste ínterim, temos os corpos que transmutam de acordo com os ditames da moda, uma “peça” que necessita ser modificada e reconfigurada.

Desse modo, percebemos que as técnicas de embelezamento, o trato dado ao corpo nas academias de ginástica, o uso excessivo de produtos de beleza e de emagrecimento, bem como o gradativo crescimento das cirurgias plásticas, além de transformar o corpo em um instrumento de fetiche e exploração, interfere diretamente na essência humana, onde a aparência corporal, vinculada ao padrão de beleza que socialmente vem sendo imposto, passou a ser tomado como sinônimo de felicidade e realização pessoal.

A partir disso, devemos procurar analisar que o corpo não é uma mera formação biológica, precisamos compreendê-lo para além dos modelos e padrões que lhes são impostos, já que, “[...] o modelo de corpo proposto pela ciência é um corpo inexistente, porque ninguém corresponde às estatísticas vigentes” (SILVA, 2001 apud SILVA, PORPINO, 2013, p. 396), ou seja, diante da ditadura da beleza que vivemos, onde cada vez mais se acentua o processo de normalização e padronização do corpo, percebemos que mais distante deste ideal de beleza se encontra da realidade vivida pelos sujeitos. Ainda mais que as representações assumidas pelo corpo nesta sociedade são predominantemente determinadas, como nos afirma Baptista (2013), pelos interesses da produção e do consumo do mercado capitalista.

Para se alcançar o modelo de corpo representante do prazer, do sucesso e da felicidade vale qualquer coisa para se alcançar o padrão proposto, entre eles a alimentação, quantificada pelas calorias, o exercício mensurado pelo equipamento de última geração, a cirurgia plástica para a correção do incorrigível, ou qualquer outro procedimento indicado pelo programa de televisão, pelo astro do esporte ou pela atriz famosa do cinema, corre-se o risco de se prejudicar a saúde, ou mesmo perder a vida, pois é mais importante consumir para se manter inserido na sociedade do que se manter vivo ou com saúde (BAPTISTA, 2013, p. 235).

Este corpo que vem ganhando status de “ser o corpo”, neste contexto passa ser visto como um objeto de fetiche, que precisa ser reificado para atender aos interesses do meio de produção. Portanto, não basta ser forte e resistente, é necessário ser jovem e magro, pois, aqui prevalece a ideia de retidão corporal.

A ditadura da beleza que envolve o corpo neste espetáculo de consumo e da produção é fruto de diversas representações culturais, sociais e econômicas que este assume em diferentes momentos históricos, o que vem se modificando é o olhar que debruçamos sobre eles, são os processos disciplinadores que utilizamos para moldá-los e adequá-los aos padrões estéticos estabelecidos, vivemos então submissos, de acordo com Pereira (2013), não só a uma ditadura da beleza, mas da magreza e da eterna juventude. Por sua vez, de acordo com Godoi (2011), “[...] sob a moral da ‘boa forma’, um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gorduras, flacidez) é o único que mesmo sem roupas, está descentemente vestido” (GODOI, 2011, p. 154).

Temos aqui que o corpo que nesta conjuntura se desvia ou não consegue ser reconstruído, remodelado para atingir tal padrão, torna-se símbolo da indisciplina, da preguiça e de investimentos do indivíduo em sua imagem corporal; os corpos que fogem da regra imposta por este padrão hegemônico de ser belo, precisam ser corrigidos e livrados dessa imperfeição, seja por meio da utilização de produtos da indústria de cosméticos ou do emagrecimento, seja expondo-o a treinamentos que extrapolam sua resistência física, seja sujeitando estes corpos a procedimentos cirúrgicos, por meio da cirurgia plástica.

Como pode ser percebido existem diferentes formas de se buscar pela beleza, desde que o sujeito tenha capital necessário para investir, pois, a beleza vendida na prateleira dos supermercados, ou na capa de revistas ou pela TV, almeja lucro, o consumo e não o valor humano que envolve a aparência física desse corpo. A este respeito Anzai (2000), citado por Mendes (2009), nos traz a seguinte colocação:

Se a televisão, a publicidade, o cinema, as revistas, os jornais, e agora a internet, defendem as dietas milagrosas, os músculos torneados e bronzeados, as vitaminas que evitam o envelhecimento, as clínicas de rejuvenescimento e as academias de ginástica, é porque isso tudo dá muito dinheiro. E se muito pouco se fala de afeto e respeito entre as pessoas comuns, não tão lindas e nem tão elegantes como as modelos, mas que mesmo assim, se sentem felizes, certamente é porque isso é bem menos rentável (ANZAI, 2000, apud MENDES, 2009, P-185).

Nestas circunstâncias temos que convir que se a Indústria Cultural fomenta a busca frenética pelo modelo de corpo ideal, propondo “receitas milagrosas” que podem combater a “feiura”, aumentando a procura por cirurgias plásticas, tratamentos estético e o uso diário de cosméticos corretivos, é porque com certeza estes são bem mais rentáveis para aumentar o crescimento do mercado capitalista.

O corpo belo ou a busca pelo ser belo é uma representação que faz parte do convívio social e cultural dos sujeitos, o que lhe permite ser construído e reproduzido, principalmente pela Indústria Cultural veiculada pelos meios midiáticos, que transformam o ideal de corpo belo em um exemplo a ser seguido, onde o corpo em busca da conquista pela aparência ideal passa a representar de acordo com Zanetti *et. al.* (2012), um objeto de consumo que gera mais consumo.

De acordo com Pereira (2013):

[...] o controle sobre o corpo exercido pela sociedade vai ‘ao encontro’ dos interesses do mercado (moda, mídia, publicidade, etc.) e da indústria da metamorfose (cirurgias, tratamentos, equipamentos e medicamentos com fins estéticos) orientando novos sentidos e necessidades para os ‘consumidores’ (PEREIRA, 2013, p. 63).

Temos então, que os cuidados voltados para o corpo na sociedade moderna levam-no a transformar-se, modificar-se e mutilar-se como uma coisa coisificada, uma mercadoria, um produto que passa a ser vendido e consumido.

Destarte, temos que as relações sociais que envolvem a sociedade capitalista determinam, como analisado por Baptista (2012), a forma e a maneira que este corpo vem sendo produzido, visto e consumido na atual conjuntura. São as relações de poder que o envolve que o torna uma mercadoria que passou a ser submetida e manipulada aos ditames e interesses do capital. A própria ideia do ser belo nessa sociedade, como analisado por Baptista (2013), é algo a ser questionado, pois esta se restringe a uma reprodução mecânica, voltada para atender as exigências tanto de produção como de consumo construídas pelo sistema capitalista.

A modernidade traz como característica a entrada em cena de um grande interesse pelo corpo, de um corpo que necessita ser melhorado e configurado para atender aos novos

interesses. O corpo passa a ser utilizado como um “catálogo”, cuja imagem refletida cria desejos e anseios que precisam ser supridos em busca de uma aparência jovem, bela e saudável. Contudo,

[...] na ânsia de se enquadrar num modelo de beleza, muitas de nós passamos a vida insatisfeitas ou, então, corremos atrás de formulas mágicas (e, muitas vezes, perigosas e ineficientes) que demandam altas doses de sacrifício para atingir uma perfeição, que foge de nossa realidade (LUBLINSKI, 2004 apud ALBINO; VAZ, 2008, p. 209).

O culto ao corpo se tornou uma verdadeira obsessão, muitas pessoas tomaram isto como um estilo de vida a ser seguido e reproduzido, o corpo precisa ser controlado, domado e disciplinado, não importando quão grande será o sacrifício que tal ação irá demonstrar, o autocontrole e o auto disciplinamento é uma medida necessária neste processo, onde as imperfeições precisam ser corrigidas.

A beleza abdica de sua naturalidade e passa a ser comprada, fazendo com que os sujeitos tornem-se reféns da busca por essa desmedida perfeição, já que, para alcançar tais padrões é preciso ser controlado, isto inclui dentre outras coisas, como analisado por Pereira (2013), se auto gerenciar, ou seja, moderar a alimentação, exercitar-se diariamente e estarmos dispostos a nos submetemos a tortuosas intervenções cirúrgicas, tudo para nos aproximarmos do padrão de beleza que se tornou uma das bases de sustentação e lucro do sistema capitalista.

Nesse cenário “[...] o belo se torna o normal e o feio o patológico” (MATTOS, 2010, p. 52). Deste modo, a valorização atual do belo em detrimento do feio, acaba exprimindo certa aversão à feiura como um mal que precisa ser remediado, de forma a minimizar o máximo possível às imperfeições que este corpo suscita. A Indústria Cultural utiliza-se da comunicação visual para, “[...] sugerir soluções mágicas e rápidas pra transformar os corpos” (OLIVEIRA *et. al.*, 2010, p. 42). Contudo, tudo isso depende do valor que o sujeito está disposto a investir em si, já que, neste meio tudo passa a ser vendido como uma questão de necessidade, de vontade e de consumo.

Em outras palavras, fica bem explícito que esse padrão de beleza que vem sendo disseminado, bem como essa exposição pela qual o corpo vem passando se encontra articulada e submetida ao modo de produção capitalista, o que acaba conduzindo para o

desenvolvimento de um estilo de construir e operar com/sobre o corpo, como demonstrado por Damico (2007).

Nesta perspectiva, tanto é demonstrado por Damico (2007), como por Castro e Prado (2012), que o corpo neste contexto configura-se como um território de inscrição e construção de identidades, onde a ênfase dada aos atributos físicos e a valorização exacerbada da aparência, acaba produzindo diferentes estilos de vida e sujeitos cujos seus corpos na busca pela “perfeição” se tornam produtos generificados.

O desenvolvimento dos meios de comunicação trouxeram profundas transformações na forma de olhar, pensar e determinar o padrão corporal que passa a ser comercializado como ideal pela sociedade capitalista. A mídia,

[...] constitui-se em poderosíssima instância societária, jogando diretamente padrões de comportamento e imagens de beleza que conformam um padrão tido como ideal. Este padrão, geralmente, coloca como ideal estético um corpo esguio, retilíneo, branco (mas bronzeado), cabelos lisos, impondo, em certa medida, o que deve ser considerado como belo (CASTRO; PRADO, 2012, p. 249).

O corpo assume aqui múltiplas formas de viver e estar no mundo. A mídia torna-se uma forte ferramenta de instrumentalização do corpo, levando-o a ser entendido como um objeto que conquista a atenção do consumidor para os produtos que devem ser utilizados na construção dessa beleza artificial. O cuidado com o corpo tornou-se uma obrigação, como forma de aceitação social, ou de articular-se, como demonstrado por Damico (2007), a uma preocupação cada vez maior com a saúde, associando ao bem estar corporal, ou seja, a conquista da “saúde perfeita” resulta da conquista de uma aparência física perfeita, como se a conquista desta aparência fosse um bem de consumo que se encontrasse ao alcance de todos.

A saúde e a boa forma passam a ser entendidas e buscadas como objetos que se complementam. A este respeito temos que,

A saúde, assim, cada vez mais submetida a estética, o que significa que estar fora dos padrões da beleza do grupo e de suas práticas é estar sem saúde e excluída de sua convivência, principalmente por que a construção identitária

dos indivíduos está, agora, relacionada à construção e manutenção de sua forma física (LE BRETON, 2003 apud MATTOS, 2010, p. 56).

Trata-se aqui de compreender que a Indústria Cultural colaborou para com o desenvolvimento de um movimento econômico e social que passou a determinar novas formas e estilos de se construir e operar sobre o corpo, criando a imagem de uma aparência física que é ditada como “correta” e que deve ser tomado como padrão por todas as pessoas. A imagem do corpo ideal neste contexto seria aquele exibido pelos atletas dos esportes de alto rendimento, pelos atores dos filmes e novelas, pelo corpo esculpido nas capas das revistas ou nos outdoors na esquina de nossas casas ou ainda aqueles corpos que desfilam na passarela, prevalecendo aqui uma visão biologicista do sujeito como demonstrado por Padovani (2005).

A mídia atua sobre o corpo como um mecanismo de normatização e padronização dos gostos, cabendo à educação física intervir de forma eficiente no processo de formação e formatação dos sujeitos, pois, o corpo é um objeto imperfeito, mutável que precisa ser retificado e redefinido de acordo com os padrões de beleza que são socialmente estabelecidos. Em outras palavras como citado por Azevedo e Gonçalves (2007), moldar este corpo imperfeito de forma que a peça que o caracteriza no “quebra-cabeça social” possa adequar-se perfeitamente para atender os interesses mercadológicos desta sociedade. Assim, temos que,

As influências da cultura de consumo levam a compreender o corpo como objeto que está sujeito a um processo de deterioração, assim a atividade física servirá como meio para que esse corpo/objeto possa se recuperar e transmitir uma imagem de corpo saudável associada ao corpo belo, não importando se essa imagem é, de fato, realidade (SILVA, 2003 apud PADOVANI, 2005, p. 21).

A este respeito Costa e Venâncio (2004) comenta que o corpo ao ser transformado em um produto de consumo, leva o sujeito a pensar a concepção de saúde como sinônimo de beleza. Deste modo, este corpo que se tornou de acordo com Soares (2012), um objeto que passa a ser socializado pelas novas relações de produção, precisa ser controlado e adestrado para se tornar útil ao capital, tendo em vista que a construção de corpos saudáveis passa a ser uma exigência do modelo econômico vigente, como forma de fomentar as relações de produção e consumo.

Cabendo à educação física nesse ínterim, zelar pela educação do físico e da saúde deste corpo que por competência é biológico, mas também social, pois, aos exercícios físicos passam a ser atribuída a característica de um “[...] novo remédio para os males ‘necessários’ da nova ordem” (SOARES, 2012, p. 42). Nesse sentido, o corpo necessita ser adequado aos padrões que passam a ser exigidos pelo mercado capitalista, pois, há a necessidade de se forjar corpos que produzem, mas que também passam a se tornar consumidores destes produtos.

A necessidade de se obter o corpo tido como “socialmente aceito”, acaba tornando os sujeitos reféns dessa ótica corpórea estereotipada, pois, este padrão corporal artificial se encontra acordado aos interesses mercadológicos, tornando-o um objeto manipulável. A forma como a Indústria Cultural vem construindo a imagem do belo torna-se um forte instrumento de alienação e poder a serviço da dominação social, política e econômica dos sujeitos, ou melhor, de seus corpos, pois, cria-se nesse cenário um ideário de corpo que passa a ser “idolatrado” como um objeto não só de desejo, como de consumo. Assim, ao optarem pelo tipo ou modelo de corpo que os sujeitos querem carregar socialmente, eles acabam se apropriando de um ideal de beleza que às vezes se quer pode ser alcançado.

Essa exaltação do corpo “coisificado” é um fantasma irrisório de quem abandona toda soberania sobre sua existência para entregar-se as técnicas contemporâneas de eterna juventude, mas claramente evidencia-se que essas representações sociais e culturais que orientam os usos da corporeidade mudam socialmente, pois, o corpo recebe reflexos dessa sociedade e por isso o transforma e o reconstrói, levando os indivíduos a terem uma visão fragmentada do próprio corpo (AZEVEDO, GONÇALVES, 2007, p. 77).

A este respeito, temos na conjuntura em análise modelos de corpos e beleza que passam a ser educados pelo/para o capital e passam a ser vistos como um objeto descartável, que retrata de acordo com Costa e Venâncio (2004), um produto de comercialização, consumo e controle, onde a aparência aparenta deter o controle social, político e econômico.

Portanto, a pessoa que não incorporar essa imagem corporal acaba sendo deixada à margem desta sociedade, já que estes indivíduos como demonstra Baptista (2009), acabam supervalorizando a concepção de beleza vigente, como fator necessário para um bom convívio em sociedade, assim como o centro da cultura de consumo.

A busca pelo corpo esculpido, perfeito, saudável leva-o a assumir um lugar central nos interesses veiculados pela Indústria Cultural e pelo mercado capitalista, prevenir a feiura, corrigir as imperfeições, modelar, cuidar e embelezar o corpo de acordo com Torri, Bassani e Vaz (2007) é travar uma busca árdua pela aparência que o corpo não pode deixar de assumir.

Os meios de comunicação de massa estão sempre apresentando genericamente, dicas e receitas para a meta do corpo perfeito. As reportagens abordam variados assuntos: valor calórico da alimentação, tipos de exercícios físicos, cosméticos, queima calórica em diferentes atividades diárias e outros produtos e serviços (COSTA; VENÂNCIO, 2004, p. 62).

Nesse sentido, a beleza perde sua característica natural em detrimento da artificialidade, prevenir a feiura ou modelar e embelezar o corpo se tornou uma questão de seguir a risca o “receituário” da beleza, o que torna os sujeitos cada vez mais prisioneiros de uma aparência programada e descartável, que acaba contrapondo à concepção da imagem real a concepção da imagem ideal, ou seja, o que o corpo é e aquilo que a sociedade tenciona que ele deveria ser.

Entretanto, esta construção social, cultural e histórica que envolve o corpo, cria e recria novas possibilidades, tanto de conhecê-lo, como de estranha-lo (SANT’ANNA, 2006), pois, ele passa a ser tratado como algo que pode ser reconfigurado, por assumir a característica de ser artificial.

Reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginástica, regimes etc. – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes quanto das pequenas cidades (SANT’ANNA, 2006, p. 17-18).

Partindo de tais observações, pode ser afirmado que as transformações as quais o corpo se encontra exposto, se encontram mais na moda do que nunca, fazendo com que ele assuma o centro das atenções, tornando-se um objeto de exploração, consumo e investigação,

onde sua aparência física assume a característica do ser, firmando neste meio a ampliação do projeto estético da aparência.

É interessante observar que os padrões construídos pela ditadura da beleza culminam na fragmentação corporal, tornando o corpo um objeto anatomizado, onde cada fragmento necessita receber uma atenção específica, ser esquadrihado, para poder ser moldado e adequado ao ideal de beleza vigente.

O corpo perde então seu status de naturalidade e passa a ser compreendido como “[...] um conjunto de bens que podem ser adquiridos, e o grau de embelezamento parece ser diretamente proporcional ao poderio financeiro de cada um [...]” (HANSEN, VAZ, 2006, p. 146). Assim, se a forma física ganha tanto status e valorização na atualidade é porque este passou a ser entendido como um produto a serviço do capitalismo, pois, além de aumentar o consumo, aumenta a produção e gera mais lucros à indústria da beleza. Nesse sentido, o corpo pode se submeter a inúmeras modificações, pode incorporar inúmeros acessórios, desde que o sujeito tenha o aporte financeiro para custear tais transformações.

O corpo coisificado, reduzido a um objeto de valorização, ganha seu espaço no mercado, passa a ser vendido, trocado e comprado como simples objeto que depois de usado ou não corresponderem ao gosto do dia podem ser descartados ou reconfigurados. Portanto,

[...] essa exaltação do corpo coaduna-se com a valorização mercadológica de outros tantos produtos – fetiches, quando então a proporção dos investimentos que se faz em cada um deles irá indicar se são mais ou menos valiosos, regidos que são pelo princípio de troca de equivalentes (HANSEN, VAZ, 2006, p. 149).

Desta forma, como trabalhado por Baptista (2013), quanto maior o fetiche, maior será o valor de troca assumido pelo corpo, enquanto espetáculo de presença nos locais onde ele circula, vive, é produzido e reproduzido. O corpo se tornou ele próprio uma moda, um artefato de presença, um rascunho a ser corrigido, pois, se antes as indecisões se centravam em qual roupa usar, qual acessório deve ser colocado, hoje os sujeitos passam a se procurarem com que corpo eu vou, fazendo com que este passe a reafirmar um caráter construído, transitório e plural. Partindo por este viés temos que,

[...] o corpo se estabelece como produção simbólica, espécie de aparato cultural em que as marcações identitárias deixam vestígios nos seus modos de expressão. O corpo contemporâneo é, portanto, um corpo-signo. E, nesse sentido, é a cultura midiática que ressignifica, de tempos em tempos, os valores que devem estar gravados nos trejeitos e nos contornos deste corpo (SANTOS; HOFF, 2006 apud NEIRA; JUNIOR; SANTOS, 2009, p. 106).

Percebe-se neste contexto que o corpo, ganhou significado de um “espetáculo institucionalizado” a serviço do mercado capitalista, como afirma Soares (2002). A mídia através dos meios de comunicação de massa dissemina um ideal de corpo e beleza que passa a ser lançado ao mundo, um corpo que precisa ser adestrado e controlado para ser aproveitado de forma útil na vida cotidiana dos sujeitos.

Os investimentos que este recebe sejam por meio dos exercícios físicos, cirurgias plásticas, dietas ou uso de produtos farmacêuticos e de beleza visa atender aos interesses e necessidades de uma sociedade que assim como o corpo, passa por gradativas mudanças, ou seja, essa visão disseminada sobre o corpo reproduz estereótipos de beleza que fomentam a indústria de consumo e da beleza, bem como a comercialização de seus produtos que reduzem o corpo como afirmado por Baptista (2013) a uma coisa, coisificada que pode ser comprada e vendida, um produto reificado que pode ser transformado ou descartado de tempos em tempos, tudo depende da “moda” que se encontra em voga no momento. Por outro lado,

[...] o belo seria a harmonia entre a fantasia de cada um e o que lhe é imposto, tanto no âmbito do comportamento individual quanto no coletivo, o que sugere que beleza não depende apenas da vontade, mas da própria existência no mundo (ZANETTI *et. al.*, 2012, p. 411).

A paixão, ou melhor, a obsessão pela conquista de um corpo eternamente jovem e esteticamente perfeito é um dos pilares de sustentação das bases do mercado capitalista. Desse modo, ao corpo passa a ser atribuído nesta conjuntura o “[...] valor de parceiro privilegiado” (MATTOS, 2010, p. 298) do sistema capitalista, já que, seu uso e sua troca trazem vantagens àqueles que o habitam, permitindo aos sujeitos uma existência de identidade flexível, isto é, um corpo capaz de atender as necessidades de cada contexto que ele habita e pertence. Desta forma, é possível afirmar que o corpo não é só um produto biológico, mas também cultural como demonstrado por Garcia (1997), pois, sua construção e adestramento, bem como a

valorização e fetichismo que este vem recebendo, demonstra com fidelidade a sociedade há qual ele pertence, ou seja, a capitalista.

A moda não se restringe apenas ao vestuário ou a ornamentação, mas acabou encontrando um terreno fértil e expressivo no próprio corpo. E neste sentido que percebemos que “[...] equacionar o corpo pela sua beleza, pela moda ou pela arte, é equacionar a evolução do próprio homem, é estudar as idiossincrasias e os sincretismo sociais, é, enfim, constatar que mesmo o nosso corpo somático é um ‘prisioneiro’ da cultura” (GARCIA, 1997, p. 67).

Podemos afirmar ainda que o corpo não é só um prisioneiro da cultura, mas também das relações sociais que este passa a estabelecer com seu meio, junto das necessidades produtivas e mercadológicas da sociedade do capital. As mudanças que são almejadas pelo padrão de estética corporal é fruto de novas concepções de trabalho, cultura e tecnologias, ou seja, se temos uma sociedade em transformação é necessário remodelar um novo ideal de corpo-homem para ela servir. Nesse sentido, as relações sociais determinadas pelo modo de produção é colaboradora direta de sua constituição, já que, como pondera Baptista (2013), na sociedade do capital o corpo passa a ser convertido não só em uma força de trabalho, mas também a uma mercadoria que condiciona diretamente ao consumo de outras mercadorias.

O corpo atualmente se tornou um objeto que passou a ser moldado e escravizado para adequar-se a padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Como pondera Uvinha (1996) nunca se produziu e disseminou-se em outra sociedade da história tal volumoso quantitativo de imagens corporais como na sociedade capitalista. O corpo vem sendo reproduzido em todas as partes, seja na TV, nas revistas de beleza, nos outdoors ou nas academias de ginástica, pois, este acabou sendo transformado na imagem do próprio consumo. A este respeito Baptista (2009), nos tece a seguinte argumentação:

Considerar o corpo em sua historicidade é, de certa maneira, vê-lo aprisionado na sua condição de mercadoria na sociedade capitalista ocidental e especificamente na brasileira. Logo, a exposição do corpo como objeto a ser consumido, é disseminado pela televisão como um dos postos mais avançados da indústria cultural, na qual tudo se vende, procurando disseminar o ideário de uma sociedade onde predomina a aparência sobre a essência (BAPTISTA, 2009, p. 1086).

Nessa perspectiva, compreendemos que o corpo enquanto uma expressão material e espiritual do sujeito se encontra na sociedade capitalista diretamente atrelado ao trabalho, pois, é através do corpo biológico que é possível a produção da mercadoria a ser consumida em prol do crescimento e fortalecimento do capital.

O corpo fetichizado assume o papel de “garoto propaganda”, estimulando o consumo e aumentando a produção. O poema de Carlos Drummond de Andrade, “Eu Etiqueta”, nos realça bem os significantes assumidos pelo corpo como instrumento que vem sendo utilizado a serviço do capital, pois, o corpo tornou-se uma vitrine, uma identidade a ser fabricada para atender aos anseios da sociedade de consumo.

Eu Etiqueta
 Em minha calça está grudado um nome
 Que não é meu de batismo ou de cartório,
 Um nome... estranho.
 Meu blusão traz lembrete de bebida
 Que jamais pus na boca, nessa vida.
 Em minha camiseta, a marca de cigarro
 Que não fumo, até hoje não fumei.
 Minhas meias falam de produtos
 Que nunca experimentei
 Mas são comunicados a meus pés.
 Meu tênis é proclama colorido
 De alguma coisa não provada
 Por este provador de longa idade.
 Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
 Minha gravata e cinto e escova e pente,
 Meu corpo, minha xícara,
 Minha toalha de banho e sabonete,
 Meu isso, meu aquilo,
 Desde a cabeça ao bico dos sapatos,
 São mensagens,
 Letras falantes,
 Gritos visuais,
 Ordens de uso, abuso, reincidência,
 Costume, hábito, premência,
 Indispensabilidade,
 E fazem de mim homem-anúncio itinerante,
 Escravo da matéria anunciada.
 Estou, estou na moda.
 É doce estar na moda, ainda que a moda
 Seja negar minha identidade,
 Trocá-la por mil, açambarcando
 Todas as marcas registradas,
 Todos os logotipos do mercado.
 Com que inocência demito-me de ser
 Eu que antes era e me sabia

Tão diverso de outros, tão mim-mesmo,
 Ser pensante, sentinte e solidário
 Com outros seres diversos e conscientes
 De sua humana, invencível condição.
 Agora sou anúncio,
 Ora vulgar ora bizarro,
 Em língua nacional ou em qualquer língua
 (qualquer, principalmente).
 E nisto me comprazo, tiro glória
 De minha anulação.
 Não sou – vê lá – anuncio contratado.
 Eu é que mimosamente pago
 Para anunciar, para vender
 Em bares festas praias pérgulas piscinas,
 E bem à vista exibo esta etiqueta
 Global no corpo que desiste
 De ser veste e sandália de uma essência
 Tão viva, independente,
 Que moda ou suborno algum a compromete.
 Onde terei jogado fora
 Meu gosto e capacidade de escolher,
 Minhas idiossincrasias tão pessoais,
 Tão minhas que no rosto se espelhavam
 E cada gesto, cada olhar,
 Cada vinco da roupa
 Resumia uma estética?
 Hoje sou costurado, sou tecido,
 Sou gravado de forma universal,
 Saio da estampanaria, não de casa,
 Da vitrina me tiram, recolocam,
 Objeto pulsante, mas objeto
 Que se oferece como signo de outros
 Objetos estáticos, tarifados.
 Por me ostentar assim, tão orgulhoso
 De ser não eu, mas artigo industrial,
 Peço que meu nome retifiquem.
 Já não me convém o título de homem.
 Meu nome novo é coisa.
 Eu sou a coisa, coisamente.
 (Carlos Drummond de Andrade, 1984 apud Bandeira, 2008, p.8 – 10).

Partindo então da análise desse poema, percebemos que o corpo perde sua identidade natural e transforma-se em coisa, coisificada. Neste ínterim, o corpo passou a ser utilizado de forma instrumental pelo mercado capitalista, como um manequim de vitrina, que vende, é vendido e gera mais capital. A identidade fabricada que este assume, acaba produzindo um novo sujeito, que transforma seu corpo em um acessório de presença, em um artefato a ser remodelado.

Enfim, com base nos periódicos analisados, bem como das pesquisas bibliográficas realizadas, constatamos que as concepções de corpo e beleza analisados por estes artigos, entendem o corpo não só através de seu território biológico, mas também cultural, no entanto, nota-se uma prevaência desde primeiro em relação ao segundo.

O que nos leva a pensar que o corpo enquanto identidade humana precisa ser analisado partindo de outros enfoques, que possam enfatizar e absorver não só sua esfera biológica, mas sua essência sócio-histórica e cultural. Sabemos que esta pesquisa é apenas um olhar acerca desse assunto, e que ainda existe um vasto e amplo território a ser analisado e discutido, tendo em vista que o território corporal é um universo ambíguo, contraditório e estranho, que envolve diferentes significados e representações.

Contudo, para melhor compreendermos as construções de seus significados na sociedade capitalista realmente se faz necessário analisar este universo assumido pelo corpo a partir da relação estabelecida entre este corpo, o trabalho e a sociedade capitalista. Buscamos então compreender e investigar a partir das análises dos periódicos a relação que vem sendo estabelecida entre o corpo, trabalho e o capital no decorrer do século XX, onde procuramos analisar as contribuições bem como os papéis assumidos pela Indústria Cultural e pela Educação Física na formação, construção e adestramento dessa estética corporal estereotipada reproduzida pelos meios de comunicação de massa como ideal.

Diante do exposto e do analisado, observamos que o corpo que na sociedade capitalista torna-se um instrumento de uso e consumo a serviço do capital é antes de tudo e após tudo que o caracteriza a identidade humana, a contemplação da vida e o modo de existência do ser, pois, a verdadeira essência da beleza se encontra nos olhos de quem a vê. Porém, enquanto a aparência ainda é sobreposta à essência, acabamos nos tornando como poeticamente retrata Carlos Drummond de Andrade (1984) em uma coisa, coisificada, que anuncia, que vende e que consome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o corpo é adentrar para um universo ambíguo e complexo que este assume em diferentes momentos históricos, para atender e se submeter aos mais distintos propósitos e interesses. Assim as questões concernentes ao corpo que aqui foram tratadas como um meio para investigar a relação existente entre corpo, trabalho e sociedade capitalista, onde buscamos entender o papel assumido pela Educação Física na construção desta perspectiva de corpo que vem sendo propagado pela Indústria Cultural, nos levou a compreendê-lo tanto por meio de seu território biológico, como cultural, no entanto, ficou visível nas produções analisadas, que nas reflexões sobre o corpo no período em análise o território biológico se sobrepõe ao cultural.

Deste modo, o corpo como objeto de análise desta pesquisa, é o corpo que na sociedade capitalista se tornou um instrumento de produção, um produto a ser comercializado e consumido. Partindo do pressuposto que tanto a produção, como o consumo são subsídios necessários para a sobrevivência e manutenção da sociedade capitalista, o que acaba levando o corpo a assumir um caráter de mercadoria, vinculado à incessante busca por um modelo de corpo, que a Indústria Cultural por meio dos veículos de comunicação de massa (televisão, rádio, revistas, jornais, etc.) acaba disseminando como sendo o ideal.

A partir das avaliações realizadas até o momento fica explícito que o processo de espetacularização do corpo, levou este a ocupar um lugar de destaque na sociedade capitalista, passando de produtor a um produto a ser comercializado, ou seja, passou a ser determinado neste meio pelos interesses de produção e de consumo que dão sustentabilidade a este sistema.

O corpo neste íterim é visto, produzido e reproduzido a partir de seu território biológico. O corpo que de acordo com Baptista (2013) não é reconhecido como humano, mas sim um objeto que precisa ser reificado, transformado em coisa, em uma máquina produtiva, um corpo que nesta conjuntura ora é produtor, ora é consumidor de sua própria produção, principalmente no que tange aos produtos voltados para os cuidados com o corpo, com sua aparência física. Na verdade a aparência física neste contexto assume a característica do próprio ser, é por meio dela que as relações sociais passam a ser construídas e estabelecidas, onde corpo precisa e deve ser disciplinado e remodelado para atender os interesses mercadológicos assumidos por este na sociedade capitalista.

Assim, não há como negar que delimitar o corpo como objeto de investigação é nos lançarmos em meio a uma experiência desafiadora, mas que com certeza abre novos caminhos para a realização de outras pesquisas, bem como para a construção de outros modos de ver e pensar o corpo e sua relação com o mercado capitalista. Como analisado no decorrer desta pesquisa não a como definir o corpo partindo apenas de sua esfera biológica, já que, a forma como este vem sendo visto, produzido e reproduzido em distintos momentos, por diferentes sociedades, nos leva a observá-lo também como uma construção social e cultural. Portanto, a concepção de corpo e de beleza é algo variável, que se encontra atrelado aos interesses econômicos, sociais, culturais e históricos de cada sociedade.

Observamos no decorrer do caminho que percorremos para a realização dessa pesquisa que a concepção e dimensão de corpo que deve atender aos ditames do mundo do trabalho e da moda são um corpo estereotipado como magro, esguio, musculoso, plastificado, generificado, jovem, bonito e saudável. O que nos leva a crer que o corpo encena, em meio a este espetáculo midiático institucionalizado, como nos lembra Azevedo e Gonçalves (2007), o papel de um acessório, um objeto imperfeito, um rascunho que precisa ser corrigido, pois, só assim ele poderá atender os padrões sociais que vem sendo estabelecidos como ideais. O que de certa forma acaba tornando os indivíduos reféns desta ótica corporal estereotipada e propagada pela Indústria Cultural.

Vale dizer que a forma como o corpo vem sendo esquadrihado e fragmentado, determina o modo como este passa a ser analisado, produzido, reproduzido, consumido e pensado por cada sociedade, pois, tornou-se o corpo nesta conjuntura a própria moda, por isso, hoje temos um corpo que entra e sai de moda, dependendo do gosto do momento.

Dessa forma, o corpo enquanto objeto de produção e consumo do mercado capitalista, perde sua naturalidade em prol de uma artificialidade a ser comprada, modelada e fabricada sempre que necessário. Assim não a como negar que esse “doutrinação” pelo qual passa o corpo no período histórico em análise é um processo atrelado aos interesses de produção e consumo do mercado capitalista.

Contudo, buscamos por meio desta pesquisa analisá-lo por meio de novos olhares, novos sentidos, novos dizeres que nos permitam vê-lo por outro ângulo, por meio de um olhar mais profundo e crítico, que nos permita entendê-lo em sua forma mais complexa e contextualizada a partir dos interesses e necessidades sociais, econômicas, produtivas e culturais de períodos históricos distintos, pois, não há como negar que o modelo de beleza é

um processo transitório que carrega as marcas de seu tempo, de sua cultura, repleto de continuidades e descontinuidades em relação aos modelos que outrora eram tomados como ideais.

Prova disso é a própria concepção de gordura, que em outras sociedades era visto como sinônimo de riqueza, fartura e status social, enquanto a magreza o corpo esguio retratava a pobreza, em contrapartida hoje o corpo gordo passa a ser condenado, retrata um sujeito indisciplinado e não é bem aceito socialmente, pois, o ideal de beleza preconizado neste contexto traz a imagem de um corpo magro, esbelto de uma beleza muitas vezes irreal e impossível de ser alcançada.

Nesse sentido, ficou claro que a busca pelo corpo ideal na sociedade capitalista levou a Educação Física a tornar-se uma ferramenta necessária para a construção do corpo tido como ideal e a Indústria Cultural tornou-se um forte veículo disseminador, que aliena os sujeitos a buscarem por ideal de beleza corporal que muitas vezes não poderá se tornar realidade, ou seja, ambos se tornarem fortes mecanismos de dominação e controle corporal, impondo aos indivíduos uma identidade física que muitas vezes foge de sua realidade e se quer poderá ser alcançada, já que, nem todos possuem o capital necessário para adequar seu corpo a este modelo que vem sendo imposto e subjulgado como ideal.

Portanto, o modelo de beleza atual é apenas um retrato de um corpo que vem perdendo sua essência em nome da aparência, um corpo que vem sendo transformado em um objeto de desejo e de consumo, homogeneizando gostos e padronizando modelos esteticamente perfeitos. A eterna promessa de felicidade, juventude e beleza difundida pela Indústria Cultural, cria falsas necessidades pela busca de um corpo belo, de uma imagem socialmente imposta e aceita, transformando o corpo em uma vitrine, uma identidade fabricada para atender a sociedade de consumo.

Deste modo, a partir de todas as análises tecidas no decorrer desta pesquisa, se faz necessário desmistificar este ideal de beleza que torna o homem escravo de sua própria aparência, isto é, ou lutamos em prol da destituição dos padrões de beleza socialmente impostos e aceitamos a corporalidade que nos envolve como expressão real da possibilidade para formação humana e emancipada do sujeito ou continuamos compactuando com a submissão corporal dos sujeitos a ditadura da beleza, propagada pelos interesses mercadológicos do capitalismo, que acaba transformando as pessoas em reféns, na busca incessante pelo corpo “perfeito”.

Portanto, ou buscamos por nossa real identidade humana e sejamos reconhecidos em nossa totalidade, como forma de romper com a essência biológica e dicotômica que envolve a concepção de corpo belo no período em estudo ou retifiquemos nosso nome, pois, parafraseando Carlos Drummond de Andrade se continuarmos tratando o corpo como um artigo industrial, “não me convém o título de homem. Meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente”.

Por fim, destacamos a necessidade da continuidade de investigações que possibilitem antes de tudo e após tudo, desenvolver outros sentidos e significados para as questões relativas ao corpo e a beleza, pois, é neste e a partir deste que são construídas e pensadas a identidade a ser assumida pelo homem em cada momento histórico.

O corpo, em toda sua complexidade desvenda um campo infinito para possíveis pesquisas, entretanto, para analisarmos os significados que lhes são atribuídos ao longo da história é necessário pensá-lo, analisá-lo e compreendê-lo como um constructo social, histórico, cultural e biológico.

Assim, podemos afirmar que as diferentes configurações do conceito de ser belo e do que realmente possa de fato ser belo é um processo construído culturalmente e socialmente sobre influência dos hábitos, posturas e cuidados com o corpo preconizado por cada sociedade. Assim, a identidade da beleza não é fixa, pois, o “belo” de hoje pode se tornar o “feio” do amanhã, ou seja, as interpretações dadas ao corpo são transitórias e dependem das transformações e necessidades que ocorrem em distintos tempos históricos.

REFERÊNCIAS

- ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. *O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da Indústria Cultural na Revista Boa Forma*. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 14. N. 01, p. 199 – 223; janeiro/abril 2008.
- ALMEIDA, A. C. N. de et. al. *Corpo, Estética e Obesidade: Reflexões baseadas no paradigma da Indústria Cultural*. **Revista estudos**, Goiânia, v. 33, n.9/10, p. 789 – 812; set./out. 2006.
- ANDRADE, S. dos S. *Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX*. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119 – 143; janeiro/abril 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2665> acesso em 16/06/2013 às 17h43min.
- AZEVEDO, A. A. de; GONÇALVES, A. S. *Reflexões acerca do papel da re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade*. **Revista Conexões**, v. 5, n. 1, p – 67-85; 2007. Disponível em: <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/40/25> acesso em 30/04/2013 às 11h23min.
- BANDEIRA, L. B.. **Corpo, mercado e educação na perspectiva da teoria crítica**. 2008, 122f, Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- BAPTISTA, T. J. R.. *Da disciplina do corpo a educação física: notas para entender algumas relações sociais*. **Pensar a Prática**, Goiânia. V. 15, n. 4, p – 1063-1077, out./dez. 2012. Disponível em: WWW.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/15746/13121 acesso em 30/04/2013 às 12h02min.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. *A educação do Corpo na sociedade do capital*. Editora Appris; Curitiba; 1º edição; 2013; p. 1- 246.
- _____. *Reflexos Sobre o Corpo e o Trabalho na Educação Física*. **Praxia**, Vol.1, n.1, 2013, p. 5 – 20.
- _____. *O Corpo na Tensão entre a Produção e o Consumo: Reflexões a partir da Indústria Cultural*. **Educativa**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 277 – 298, jul./dez., 2008.
- _____. **Indústria Cultural e Educação Física**. 2003, p. 1 – 15. (digitado)

BAPTISTA, T. J. R.; ARAÚJO, D. R. de; BRITO, J. C. de. *Belíssima ou Beleza Pura: Novela e Modelo de Beleza Feminina*. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1073 – 1089, set./out., 2009.

_____ et al. *O corpo na academia: saúde e estética nas Academias de ginástica de Goiânia*. COEESA – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Corpo, Estética, Exercício e Saúde. VI CONGRESSO GOIANO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, **Anais...** Junho/2009; p. 1 – 7.

CASTELAN, L. P.. **O corpo na Passarela: Corpo e Beleza na concepção de modelos profissionais**. 2004. 47f. Monografia (Graduação) - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Dezembro, 2004.

CASTRO, A. L.; PRADO, J. do. *Corpo e Identidade Feminina: A intermediação da mídia*. **Estud. Sociol.**, Araraquara, v. 17, n. 32, p.241 – 259, 2012.

COSTA, E. M. de B.; VENÂNCIO, S. *Atividade Física e Saúde: Discursos que controlam o corpo*. **Rev. Pensar a Prática**; mar. – 2004; 7(1); p. 59 – 74.

DALBEN, A.; SOARES, C. L. *A revista vida e saúde: modos de olhar e educar o corpo feminino em suas páginas (1940 – 1950)*. **Revista pensar a prática**, 11/3: 239 – 250, set./dez. 2008.

DA MATA, V. A. *Da Força Física à Estética Corporal: As Mudanças nas Relações Sociais Retratadas no Corpo*. **Revista da Educação Física/UEM**; 9 (1): 35-43, 1998. Disponível em: HTTP://www.periodicos.UEM.br/ojs/index.php/RevEduc_Fis/article/view/3826/2637 acesso em 09/06/2013 às 14h01min.

DAMICO, J. G. S. *O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados*. **Movimento**, Porto Alegre; v.13; n.01; janeiro/abril 2007; p. 93 – 117. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/issue/view/227/showToc> acesso em 09/06/2013 às 12h14min.

DAOLIO, J. *Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física*. **Movimento**, ano 2, n. 2, p – 24 – 28, junho/95. Disponível em: <http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/40/25> acesso em 30/04/2013 às 16h39min.

FERREIRA, T. M. da S.; BAPTISTA, T. J. R. *Estudo comparativo entre as concepções de corpo dos acadêmicos de educação física-UEG e PUC-GO-DE 1º e 8º períodos*. IV congresso centro-oeste de ciências do esporte/I congresso distrital de ciências do esporte. **Anais...** Brasília/DF; 2010; p. 138 – 144.

FERREIRA, N. S. de A. *As Pesquisas denominadas “Estado da Arte”*. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº 79, agosto/2002, p. 257 – 272.

- FRAGA, A. B. *Anatomias Emergentes e o Bug Muscular*. In: SOARES, Carmen (org.). **Corpo e História**. Campinas, SP; Editora Autores Associados, 3º ed. 2006 – coleção educação contemporânea; p. 61 – 77.
- GARCIA, R. P. *A evolução do Homem e das Mentalidades: uma perspectiva através do corpo*. **Rev. Movimento**. Ano IV, n. 06, 1997, p. 61 – 71.
- GLEYSE, J. *A carne e o verbo*. In: SOARES, C. (org.). **Pesquisa sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, FAPESP, (coleção educação física e esportes), 2007, p. 1 – 21.
- GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. *O corpo na contemporaneidade: a educação física escolar pode ressignificá-lo?* **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá. V. 19, n. 1, 2008, p- 119 – 130.
- GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. *A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade*. **Revista Pensar a Prática**, V. 10, n. 2, jul./dez. 2007, p. 201 – 219.
- GOLDENBERG, M. *O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira*. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro. V. 2, n. 2, p – 115 – 123, julho/dezembro 2006. Disponível em: [HTTP://boletimef.org/biblioteca/1930/o-corpo-capital-para-compreender-a-cultura-brasileira](http://boletimef.org/biblioteca/1930/o-corpo-capital-para-compreender-a-cultura-brasileira) acesso em 29/04/2013 às 23h41min.
- GODOI, M. R. *Corpos femininos volumosos e estética: discursos contra-hegemônicos sobre beleza em blogs na internet*. **Rev. Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 03, jul/set 2011, p. 153 – 173.
- HANSEN, R.; VAZ, A. F. *“Sarados” e “gostosos” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação*. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n.01, p. 133 – 152; janeiro/abril 2006.
- MATTOS, R. da S. *Uma Analítica da Beleza Corporal: notas a partir de Kant*. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, campinas, v. 08, n. 02, p. 47 – 67; maio/ago. 2010.
- MATTOS, R. da S. *Sociologia do Corpo é Sociologia da Educação Física*. **Rev. Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 04, outubro/dezembro, 2010, p. 293 – 304.
- MENDES, M. I. B. de S. *Do ideal de robustez ao ideal de magreza: Educação Física, saúde e estética*. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 04, p. 175 – 191; outubro/dezembro 2009.
- MIGLIATO, A. L. T. et.al. **Manual para Elaboração do trabalho de curso**. PUC – Campinas. CEA. Faculdade de Administração, 2010, p. 1 – 74. Disponível em:

<http://www.puccampinas.edu.br/midia/arquivos/2012/mai/admmanualtrabalhocursoadm.pdf>
 acesso em 10/06/2013 às 02h46min.

NEIRA, M. G.; JÚNIOR, N. J. dos S.; SANTOS, A. P. da S. *Corpo Feminino na TV: Reflexões necessárias no âmbito da educação física escolar*. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 7, n. 2, p. 97 – 113, maio/ago. 2009.

OLIVEIRA, A. P. de et. al. *Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde*. **Rev. Movimento**; v. 16, n. 1, janeiro/março, 2010, p. 31 – 51.

PADOVANI, M. **Corpo e Esteroides: implicações para uma pedagogia do corpo**. 2005. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas; Campinas, 2005.

PELEGRINI, T. *Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais*. **Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar**; Maringá – Paraná; quadrimestral – n. 08; dez/jan/fev/mar. 2005/2006, p. 1 – 6. Disponível em: HTTP://www.urutagua.UEM.br/008/08edu_pelegrini.pdf acessado em 04/05/2013 às 11h57min.

PEREIRA, T. M. A.. **O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático: o corpo em cena nas capas da revista Veja**. 2013. 203f. Tese de Doutorado (Programa de pós-graduação em linguística) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de ciências humanas, letras e artes, João Pessoa-PB, maio-2013.

ROCHA, M. H. da S.. **De 1960 a 2009: a evolução dos padrões corporais a partir das tendências da moda – Um estudo de Cláudia e Nova**. 2011. 148f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Comunicação – FAC, Universidade de Brasília – UNB, Departamento de Comunicação, Brasília, 2011.

ROSA, L. E. da. **O emprego de cães de faro nas operações de fiscalização de drogas ilícitas realizadas nos postos da Polícia Militar Rodoviária de Santa Catarina**. Universidade do Vale de Jataí; Centro de Ciências Sociais e Jurídicas de Biguaçu. Curso de Graduação em Segurança Pública. Florianópolis, 2009, p – 1 – 110. Disponível em: http://www.pmrvc.sc.gov.br/publicacoesETrabalhos_Arquivo.do?cdPublicacao=2337 acesso em 16/06/2013 às 19h05min.

SALVINI, L.; MYSKIW, M. *Representação do corpo feminino na revista Claudia no ano de 2006: retrato de uma produção restrita*. **Rev. Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 4, 2008, p. 521 – 528.

- SANT'ANNA, D. B. de. *Uma História do Corpo*. In: SOARES, Carmen (org.). **Pesquisa sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas, SP; Ed. Autores Associados; São Paulo: FAPESP; Coleção Educação Física e Esporte; 2007; p. 67 – 80.
- SANT'ANNA, D. B. de. *É possível realizar uma História do Corpo*. In: SOARES, Carmen (org.). **Corpo e História**. Campinas, SP; Editora Autores Associados, 3º ed. 2006 Coleção educação contemporânea; p. 3 – 23.
- SILVA, A. L.; MORENO, A. *Frankenstein e Cyborgs: Pistas no Caminho da Ciência Indicam o “novo eugenismo”*. **Revista Pensar a Prática**; 8/2; p. 125 – 139; jul./dez. 2005.
- SILVA, L. M. F. da; PORPINO, Karenine Oliveira. *Corpo, beleza e cultura: reflexões a partir da produção científica da educação física*. **Rev. Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, abr./jun. 2013, p. 320 – 618.
- SILVA, C. L. da. **O corpo belo: o papel dos professores de ginástica**. 1997. 53f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P.. *A pesquisa Científica*. In: **Métodos de Pesquisa**; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31 – 42. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> acesso em 10/06/2013 às 02h43 min.
- SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 5 ed. rev.; Campinas, SP: Ed. Autores Associados, Coleção Educação Contemporânea, 2012, p. 1 – 120.
- _____. **Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Editora autores associados; coleção educação contemporânea; 2º edição revista; Campinas, SP, 2002; p. 1 – 145.
- TORRI, G.; BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. *Dor e Tecnificação no Contemporâneo Culto ao Corpo*. **Revista Pensar a Prática**; 10/2; p. 261 – 273, jul./dez., 2007.
- UVINHA, R. R. *O corpo-imagem jovem e o fenômeno do consumo*. **Revista Movimento** – Ano III – n. 4; 1996/1, p. 49 – 51.
- VAZ, A. F. *Memória e Progresso: sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin*. In: SOARES, Carmen (org.). **Corpo e História**. Campinas, SP; Ed. Autores Associados (Coleção Educação contemporânea), 3 edição; 2006; p. 43 – 77.

VILANOU, C. *As Aventuras do Corpo Humano*. **Revista da Educação Física/UEM**, 10 (1): 47-52, 1999. Disponível em: [HTTP://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3813/2624](http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3813/2624) acesso em 09/06/13 às 14h10min.

ZANETTI, M. C. et. al. *Corpos Belos nos ambientes virtuais: estudo por meio da sociologia visual*. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 23, n. 3, 2012, p. 411 – 420.

ZOBOLI, F. *Educação Física e Cisão corpo/mente: considerações e partir da história da educação física brasileira*. **Atos de pesquisa em educação – PPGE/ME FURB – ISSN 1809-0354**, v. 4, n. 1, p – 72 – 88, jan./abr. 2009. Disponível em: [HTTP://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1448/1004](http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/1448/1004) acesso em 02/05/2013 às 17h34min.